

Vale-Protótipo©

Este livro vale 55 jupits (Nova Conversão de Moeda na Bolsa Jupiter atualizada em 7/9/2022)

Para ativar o vale djupits do seu livro, scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais a seguir.



O código em baixo é um protótipo e ainda não funciona. Não precisa de ativar. Quando o nosso domínio/ aplicação estiver pronto e a Conta Jupiter estiver em pleno funcionamento o seu vale será automaticamente acionado, gerando 55 jupits na sua Conta Jupiter e o seu Cartão Jupiter será enviado para o seu email. Guarde as suas jupits. Não vai ficar sem elas. Elas são suas.

Poderá consultar a atualização dos eventos da Jupiter Agenda na página da Jupiter Editions em Member Readers em www.jupitereditions.com

Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions não trata, não cede nem vende os seus dados pessoais a terceiros. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para manager@jupitereditions.com com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a Política de Privacidade que pode ser consultada online em www.jupitereditions.com

**Poderá aceder à sua Conta Jupiter e falar com outros
Member Readers**

**Poderá inscrever-se nos eventos da Jupiter Agenda
com as suas jupits em www.jupitereditions.com**

Member Readers in JUPITEREDITIONS.COM

**Você é um Member Reader
da Jupiter Editions**

O seu livro é um passaporte.

***O seu passaporte vale em toda a sociedade
Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter***

Há Direitos e Deveres dos Member Readers.

Leia sobre os seus direitos

Leia sobre os seus deveres e sobre *o Código dos
Direitos de Autor e Direitos Conexos*

© Federico Ferrari
PARANOIDE TECNOLÓGICA

Printed by Konica Minolta

Editado por Jupiter Editions

1ª Edição

1ª Ordem da 1ª Impressão ◆ 2 exemplares (1 exemplar perdido)
18/11/2020 Edição de Luxo de Autor de 20 livros ◆ 2 exemplares
Revisto por Antoine Canary-Wharf

A 1ª Ordem e 1ª Impressão foi revista e editada pelo próprio autor. Federico Ferrari e Antoine Canary-Wharf são dois pseudónimos de Raul Catulo Moraes. A presente obra apresenta naturais erros por não ter sido editada nem revista por um Revisor Oficial e ter sido imprimida durante o Processo de 1ª Experiência de Artes Editoriais e de Impressão do Autor e da Jupiter Editions, marca criada e fundada pelo próprio autor na ocasião do Registo dos seus primeiros 9 livros que escreveu ao mesmo tempo com 9 pseudónimos e que por isso decidiu fundar a marca Jupiter Editions. A marca Jupiter Editions é uma marca registada editorial de cinema e realização para a comercialização de livros, teatros, filmes e jogos bem como a organização, realização e filmagem de eventos culturais e desportivos, incluindo os de feira e de museu.

A presente obra foi publicada pelas mãos do próprio autor nos Illuminnatti Games da Jupiter Editions conforme o Processo Maçónico de Vazamento das 9 obras do autor.

Custas pelos erros.

«Os erros são humanos e existem para serem editados. Os meus erros provam que sou um humano e que não sou um robot. Os meus erros tornaram-se valiosos, porque eu entreguei os meus erros ao mercado. Fiz valor com os meus próprios erros. Valorizei-os. Errar é um Processo Básico Natural Humano.» Raul Catulo Moraes 7/09/2022

Jupiter Editions é a primeira chancela editorial da sociedade Jupiter.

Pela Ocasão da Fundação da Jupiter Editions e para a comercialização dos livros foi aberta a Sociedade Jupiter Saturn Por Quotas que o autor fundou no seu relacionamento amoroso, ficando como sócio e gerente o seu amor-marido. Com a separação amorosa e com o fecho da Sociedade Jupiter Saturn, ficou o autor como proprietário legítimo da marca e do site Jupiter Editions continuando sozinho o projeto com a força espiritual dos Angels. Nas novas obras durante os Illuminnatti Games o autor transformou o seu ex-marido numa personagem, o DK. Na teoria dos jogos conspiratórios contra os jogos maçónicos relatados nas obras da Jupiter Editions criou-se a estranha teoria de que o DK seria um angel-demónio secreto na Rede Secreta dos Angels e que se afastou do projeto para dar uma certa força ao próprio projeto. Há quem acredite que o “divórcio” foi um divórcio simulado que fez parte do Teatro Maçónico do fecho da Sociedade. Verdade ou mentira é que o autor separou-se de facto e continuou sozinho o projeto. 7/09/2022

Jupiter Saturn Neptune NEW-ORBITIONS-EDITIONS, Lda.
Avenida D. João II 50 Edifício Mar Vermelho,
Parque das Nações, Lisboa, 1990-095 Lisboa

Capital social: 120.000,00€

Matrícula: 515966207

Obra iniciada em novembro de 2019 e concluída em janeiro de 2020 com data de diferimento de Registo Oficial de Obra de 14/02/2020. Obra escrita ao mesmo tempo em Internet das Coisas com as primeiras 9 obras do autor. Obra vazada pelas mãos do próprio autor in Illuminnatti Games em 9/9/2022 e republicada com Edição das Páginas de Apresentação em 10/9/2022. Raul Catulo Morais
Vazamento comunicado ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao Papa, às Forças Armadas e Militares Nacionais e Internacionais, à ONU, NASA, Agência Espacial Europeia e ao FBI.

Porque não temos ISBN nem Código de Barras?

O Sistema ISBN não é obrigatório. Simplesmente é um elemento essencial para o livro circular no mercado livreiro, no mercado das bibliotecas, para facilitar a sua localização e recuperação e a transmissão de dados em sistemas automatizados. Os livros da Jupiter Editions são exclusivos, sendo encomendados e como tal estão fora do mercado livreiro, pelo que não necessitam de um ISBN. Porquanto a Jupiter Editions venda os seus livros diretamente ao leitor a partir da sua loja online também não está obrigada a ter um código de barras.

Porque não temos que comunicar sobre promoções e baixas de preço?

De acordo com o artigo 6º da Lei do Preço Fixo do Livro quem publicar um livro com vista a ser difundido por correspondência ou assinatura, ou qualquer outro circuito que não o da venda a retalho não está sujeito à LPFL.

Porque não aceitamos devoluções?

Decorre do artigo 18º da Lei 144/2015 de 8 setembro que em caso de conflito de consumo, o leitor pode recorrer a uma entidade de resolução alternativa de litígios de consumo. Para evitar conflitos de consumo, é importante o leitor saber que a Jupiter Editions não aceita trocas nem devoluções dos seus livros uma vez comprados e abertos pelo leitor, pelo que o Direito ao Arrependimento do leitor, não pode valer quando compra e recebe um livro, pelas razões que são óbvias e que decorrem da própria natureza de um livro. Tal como, o Direito ao Arrependimento não pode valer para um filme, também não pode valer para um livro. No entanto, a Jupiter Editions admite que o leitor possa arrepender-se da compra feita e recusar-se a receber o livro em casa. Se o leitor se recusar a receber o livro em casa, não o abrindo, a Jupiter Editions admite, neste caso, a devolução do preço do livro subtraído aos custos de envio, de retorno e de impressão do livro. Para mais informações consulte www.consumidor.pt. No caso de conflitos de consumo fora de Portugal e dentro da EU deve recorrer ao CEC – Centro europeu do Consumidor <https://cec.consumidor.pt/>

CÓDIGO DOS DIREITOS DE AUTOR E DIREITOS CONEXOS

DEVERES E RESPONSABILIDADES JURÍDICO-PENAIIS DOS MEMBER READERS E DOS PROMOTORES E AGENTES DA SOCIEDADE JUPITER E DA JUPITER EDITIONS

1ª

Os Member Readers sabem que têm em mãos uma obra protegida por direitos de autor, podendo naturalmente promover e partilhar o livro, mas devendo sempre fazer menção ao autor.

2ª

O que se espera dos Member Readers, é que possam tirar o maior partido do livro, desfrutar inteiramente da leitura e do espírito do leitor, promoverem o livro, se assim o entenderem, mas sem violar os direitos de autor e sem pôr em crise ou frustrar todo o esforço e trabalho intelectual do autor.

Fale com o autor no Instagram ou no Facebook. Certamente que responderá tão breve assim que veja a sua mensagem. No entanto, se a sua mensagem não for entregue por causa de um algoritmo do Facebook ou do Instagram, fale connosco, fale com a Jupiter Editions e nós entraremos o mais rápido possível em contacto com o autor a solicitar o seu pedido e iremos pô-lo diretamente em contacto com o autor.

DIREITOS E VANTAGENS MONETÁRIO-SOCIAIS **DOS MEMBER READERS**

A nossa moeda virtual é a Jupit.

Falamos em histórico de jupits quando contabilizamos todas as moedas virtuais que o Member Reader já converteu até ao presente. Falamos simplesmente em jupits quando estamos a considerar as atuais jupits que o Member Reader tem disponível na sua Conta Jupiter. Para determinados concursos, pedidos ou eventos pode ser chamado o histórico de jupits do Member Reader, sendo esta uma vantagem.

Por exemplo, um Member Reader comprou *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala que vale 55 jupits + *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que vale 22 moedas Jupiter. Ficou com 77 jupits na Conta Jupiter. Entretanto inscreveu-se na festa “Jupiter Wants To See U Dance” e usou as jupits para alugar várias pranchas de paddle/stand up numa praia onde a Jupiter Editions tem uma infraestrutura com pranchas de paddle. Atualmente o Member Reader tem 0 jupits na sua Conta Jupiter. No entanto, o seu histórico de jupits é de 77 jupits.

A Jupiter Editions está a convidar para uma Limpeza de Praia + Caminhada na Montanha Adjacente à Praia + Limpeza da Montanha + Piquenique com Garrafa de Vinho + Reportagem Fotográfica + Oficina de Escrita a todos os Member Readers que tenham um histórico de 77 jupits. Quer dizer que o Member Reader, apesar de já ter gasto todas as suas jupits e não ter jupits para se inscrever nos eventos da Agenda Jupiter, poderá participar no convite da Jupiter Editions.

1ª

Todos os Member Readers têm direito em criar uma Conta Jupiter de forma gratuita e a beneficiar de todas as funcionalidades inerentes da plataforma;

2ª

Todos os Member Readers têm direito em participar livremente em todos os eventos da Agenda Jupiter sem discriminação e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento. Nem todos os eventos da Agenda Jupiter se bastam com o desconto das jupits, podendo alguns eventos estar sujeitos ao pagamento acrescido de uma quantia em euros. Nesse sentido, todos os Member Readers têm direito em participar sem discriminação monetária e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento;

3ª

Todos os Member Readers têm o direito de participar livremente e gratuitamente na Plantação de Árvores da Jupiter Editions. No entanto, a sua inscrição pode ser necessária para ter direito à parte exclusiva do evento donde decorram custos como por exemplo um piquenique com passeio de balão de ar quente depois de plantadas as árvores.

4ª

Todos os Member Readers com 99 jupits têm direito a receber gratuitamente em casa o livro *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e outro livro à escolha da *Medium Line* sem gastarem as jupits, podendo solicitar a partir da Conta Jupiter ou enviando um email para manager@jupitereditions.com com o código de assunto “MYJUP”;

5ª

Todos os Member Readers têm direito a entrada prioritária sem terem de aguardar na fila para o público geral em todas as festas e eventos organizadas pela Jupiter Editions que não sejam exclusivas para os Member Readers; bem como entrada exclusiva em toda a sociedade Jupiter nos espaços reservados só para Member Readers; e ainda entrada exclusiva/ prioritária nos estabelecimentos/ infra-estruturas dos parceiros da sociedade Jupiter ou nas festas e eventos organizados por estes;

6ª

Todos os Member Readers têm direito em fazer parte do júri virtual dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions e a uma cadeira virtual no Tribunal dos Concursos e Leilões.

7ª

Todos os eventos só podem ser total ou parcialmente filmados se todos os Member Readers declararem que aceitam ser filmados ou entrevistados para o Kanal Jupiter. Se um ou vários Member Readers se opuserem à filmagem, a Jupiter Editions fará filmagens à parte e celebrará contratos de promoção de imagem com os Member Readers que aceitem participar nas filmagens;

8ª

Todos os Member Readers têm prioridade na análise dos manuscritos que submetam ao departamento editorial num dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions, ficando inicialmente indiciados os Member Readers, consoante o seu histórico de jupits, com os seguintes pontos de vantagem sobre os restantes concorrentes (Tabela Antiga sem a Nova Conversão):

Histórico de moedas	Pontos de Vantagem
4	10
6	15
18	20
24	30
27	40

PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre connosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contacto](#)

Se impulsionar 5 vendas, a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email jupitereditions@jupitereditions.com com o código-assunto “PROMO5” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email manager@jupitereditions.com

Os promotores e embaixadores podem ficar com até 33% dos Royalties.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor recebendo mensalmente a percentagem dos seus direitos com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 50% do lucro líquido da venda de cada livro.

Para além dos tradutores certificados, juristas e professores a Jupiter Editions dá sempre a chance e preferência aos **estudantes universitários ou artistas ou desportistas** profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, ainda que não sejam tradutores certificados ou ainda que não sejam da área de línguas, desde que comprovem que dominem a língua e que são capazes de fazer plenamente a tradução e a revisão.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *2080* de Antoine Canary-Wharf.

A entrada no casting sem a posse do livro *2080* de Antoine Canary-Wharf poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions e a Kaasting darão sempre a chance a novos atores. Quem vem numa cadeira de rodas, passa sempre à frente! **Porque as personagens principais podem ir parar acidentalmente a uma cadeira de rodas.** Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. A entrada sem a posse do livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom poderá estar condicionada ao pagamento de 30€.



Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. A entrada sem a posse do livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala poderá ser admitida com um custo de até 50€.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

JUPITER EDITIONS©

A Jupiter Editions é a primeira editora-realizadora portuguesa internacional filantrópica.

A Jupiter Editions é uma editora empática, humana e sustentável que nasce sem qualquer vício dos vícios ruins do mercado.

A Jupiter Editions perfilha a ideologia de um saudável *capitalismo inteligente dos recursos*, imprimindo em papel 100% reciclado e dando primazia ao verdadeiro brilhante talento humano que se consiga ver, sentir e apalpar através da escrita alicerçada num sempre pensamento filantrópico em prol da perseguição pela saúde, felicidade, paz, tolerância, liberdade e respeito.

A Jupiter Editions não vai, pois, atrás de caras, mas sim atrás de corações, atrás de bons valores, atrás de talentos, atrás da empatia, e por isso, vai atrás de histórias empáticas que possam teletransportar o leitor para o espírito do autor.

Hoje, quem tem lugar privilegiado no mercado são os bons corações, os talentosos, os brilhantes, os iluminados, os altruístas, os tolerantes, os apaixonados, os esperançosos e os empáticos. Porque é a voz deles que o mercado quer agora ouvir!

Não há uma coragem das editoras apostarem, arriscarem ou investirem num talento desconhecido, numa nova voz ou numa nova cara. Mas a Jupiter Editions tem essa coragem!

Temos as portas abertas a todos os autores sem intermediação ou necessidade de agentes literários. A nacionalidade, tal como a cor de pele, não é importante. Não significam nada! A Jupiter Editions sabe que há uma matemática no espírito e olha é para a matemática do espírito. Gostamos de letras, mas também gostamos de matemática. A nossa matemática é a tabuada do 9. O nosso primeiro plano editorial são 9 livros. O nosso segundo plano editorial serão 18 livros. O nosso terceiro plano editorial serão 27 livros. O nosso quarto plano editorial serão 36 livros. O nosso quinto plano editorial serão 45 livros. Abrimos assim, a todos, honestamente o concurso.

Em cada novo livro que chegue à Jupiter Editions como proposta editorial, temos de achar o design, a história, a sinfonia, a empatia, a diversão e o sentido. Pois, é para estas 6 inteligências que a Jupiter Editions olha. (A Whole New Mind: Why Right-Brainers Will Rule the Future, Daniel H. Pink)

A Jupiter Editions olha para os livros como uma tecnologia patenteada, como uma *start-up*. Olha para a evolução, para a potencialidade tecnológica e para a aplicação que se poderá ver nos seus livros. Cada livro da Jupiter Editions tem de ser uma *start-up*. Tem de ser um livro que vai evoluir para outro livro. Tem de ser tecnológico neste sentido. Tem de ter uma projeção para o futuro. Tem de ser uma “obra-viva”, que tenha uma continuação, uma saga, que seja uma trilogia, que possa ser facilmente adaptado para o teatro ou transformado em telenovela, série televisiva ou obra cinematográfica.

Porque comprámos uma tecnologia. Comprámos um livro que mais parece um teatro. Comprámos um livro que mais parece um filme. Comprámos um livro que mais parece uma telenovela. Comprámos um livro tecnológico. Só os livros da Jupiter Editions têm implementados esta tecnologia.

A Jupiter Editions preza pela eternidade do espírito, preferindo celebrar contratos perpétuos que não se esgotem com o tempo. Os contratos de edição da Jupiter Editions serão sempre com autores que produzam constantemente filme, numa ótica de se querer idealmente transformar um autor da Jupiter Editions numa espécie de “sócio de indústria”, em que a sua propriedade intelectual e os seus direitos de autor são o suficiente capital para “a sua entrada” na Jupiter Editions. Por isso, chamamos aos nossos autores *Member Writers*.

Na Jupiter Editions os autores, os tradutores e os promotores-fundadores, como qualquer outro colaborador, são sempre chamados a participar nos lucros. Chamamos a isto: um chamamento divino!

MISSÕES JUPITER©

Ao comprar um dos livros da Jupiter Editions está a plantar uma árvore, a limpar 1 metro quadrado de praia e outro metro quadrado de mata, mas também está a enviar um pacote de arroz ou massa e uma lata de grão ou feijão para quem mais precise em Moçambique. Vamos apanhar um avião até Moçambique com os nossos Member Writers e Member Readers, para comprarmos os pacotes de arroz e massa e as latas de grão e feijão com o dinheiro dos livros que vendermos e vermos com os nossos próprios olhos onde e a quem mais devemos entregar. Chamamos também a isto um chamamento divino.

Proteger todas as
espécies que
possuam uma
inteligência sócio-
afetiva com os da
sua espécie ou com
os humanos



Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala foi o primeiro autor a defender este tipo de inteligência, no seu romance *O Algoritmo do Amor*

"Não há só uma missão!
Há missões!
Há muitos arranjos e concertos
para se fazer na Terra antes de
se apanhar uma nave espacial
para Jupiter de Gabriel
Garibaldi".



Jupiter de Gabriel Garibaldi é vencedor do Prémio Literário Europa 2020.

À VELOCIDADE DA LUZ

Gil de Sales Giotto

Este livro teve o apoio de

KONICA MINOLTA

SURF PLANET

RETROSAILOR

Siga Sebastião Lupi-Levy

@gilsalesgiotto

Gil de Sales Giotto segue todos os Member Writers da Jupiter Editions, siga-os também:

Sebastiao Lupi-Levy

Barac Bielke

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Simão Roncon-Oom

Federico Ferrari

Gabriel Brazil Garibaldi

Ralf Kleba-Kodak

Antoine Canary-Wharf

CITO

«(...) Ter de abater árvores para sacar a madeira e depois já ter espaço para novas construções o meu capitalismo condena, vê esses abates infelizes! Podem-se construir casas, imprimir casas ao lado de uma árvore, contornando uma árvore, construir por entre as árvores sem as ter de abater! O meu capitalismo verdadeiramente sustentável vê e reconhece a inteligência das árvores e sabe qual é que é o tempo de vida de uma árvore. Vê e reconhece quando é que uma árvore morreu, e só as árvores que já morreram ou as árvores que vão cair ou se tornam um perigo para a vida dos humanos ou para a integridade física dos humanos é que as devemos “ou podemos” cortar. (...) “Madeira sustentável” no meu *capitalismo inteligente dos recursos* não é usarmos a poda como um meio, como uma desculpa, para sacar madeira! É aproveitarmos legitimamente de uma poda, que tinha mesmo de acontecer, não para sacarmos a madeira, mas porque aqueles troncos iam cair, ou porque um botânico recomendou para o próprio crescimento e desenvolvimento saudável da árvore; e porque houve então essa poda, então sim, aproveitarmo-nos da madeira, já que houve essa poda... Esse aproveitar natural da madeira, é que dita a madeira ser sustentável; não é cortar uma árvore com 15 anos, porque já viveu 15 anos, quando ela viveria 100 anos no seu pleno direito à vida! Se eu em cima do escadote, durante a poda, avisto uma raposa morta, então eu posso lá ir tirar-lhe a pele, aproveitar-me dela. Não a matei! Nem a vou matar para lhe tirar a pele! Posso vestir aquela pele ou posso vender aquela pele por 1 milhão! E isto tem de ser fácil de ver! Porque isto é automático! É aquilo que é natural! (...) O meu *capitalismo inteligente dos recursos* não põe nenhuma árvore nem nenhum animal à frente de um humano, nem sequer os iguala, porque não são iguais. Os humanos são iguais aos humanos. Em caso de confronto de direitos como é lógico que o humano, que seja digno, tem de ter sempre

vantagem sobre qualquer espécie terrestre ou extraterrestre. E somos nós os humanos que atribuímos essa vantagem aos humanos, por sermos humanos, por pertencermos todos à espécie humana. Mas é uma vantagem que qualquer humano perde se deixar de ser digno, se se tornar criminoso. Se maltrata um animal por simples prazer, se fere um animal por desportivismo, então, o humano tornou-se um criminoso. Se se põe a incendiar árvores, o humano tornou-se um criminoso. Se se põe a arrancar o marfim dos elefantes, enquanto os elefantes estão vivos, é um criminoso. Se quer assim tanto o marfim do elefante, então, que remova o marfim depois do elefante ter o direito à sua vida plena. Se quer assim tanto os dentes humanos, que remova os dentes depois do humano ter o direito à sua vida plena, caso o humano não tenha revogado os dentes do testamento vital automático que é acionado com o corte do cordão umbilical. Se se quer mesmo os chifres das impalas e dos veados que se acompanhem as caçadas naturais dos mabecos, dos leões e se vá lá remover se os leões deixarem no final de devorarem as carnes deles, porque as carnes são deles, não são nossas. (...) Com este *novo capitalismo inteligente dos recursos*, (...) acredito profundamente no conveniente casamento urgente entre o sistema económico e o sistema ambiental, porque vê-los casados parece-me que possam colaborar melhor um com o outro e protegerem-se um ao outro. Se damos cabo do ambiente não podemos mais tirar partido económico dele. A nossa economia vem daquilo que tiramos do ambiente, da cortiça que tiramos de 9 em 9 anos dos nossos sobreiros, dos peixes que capturamos nos rios e nos oceanos, vem das explorações que fazemos no ambiente, das construções que montamos, que anexamos aos mantos sagrados da Terra. Há um interesse fulcral em proteger o ambiente para protegermos a nossa economia, a nossa humanidade, porque enfim, sabemos que a humanidade está acorrentada ao sistema monetário; é essa a nossa economia, que é liberal e competitiva, mas que tem que ser sobretudo ecológica, sustentável, verdadeiramente preocupada e amorosa com os recursos, com as pessoas.» In ***O Algoritmo do Amor*** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

À VELOCIDADE DA LUZ

Sebastião Lupi-Levy

Registo nº351/2020SIIGAC/2020/845DATA: 2020.02.14

Revisor: Antoine Canary-Wharf

Editor: Antoine Canary-Wharf

1ª Edição

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

**A Jupiter Editions deseja-lhe uma boa
sessão de leitura.**

A Jupiter Editions recomenda:

Não use o telefone durante a leitura.

Desligue os dados móveis.

Desligue o Wi-Fi.

**Se tiver namorado/a, marido ou
mulher vá ler para o colo dele/a. Leia
aos pés dele/a. Dê-lhe as mãos.**

**Está com um livro tecnológico nas
mãos.**

**Não deixe mais nenhuma outra
tecnologia interferir com a tecnologia
do livro ou com a tecnologia do seu
amor.**

Leve o seu livro consigo para todo o lado.

**Tem em sua posse um livro muito bonito
para andar com ele na mão para trás e para a
frente. Leia-o de trás para a frente.**

**Leia na praia.
Leia no jardim.
Lei na montanha.**

@gilsalesgiotto

À Velocidade da Luz

Gil de Sales Giotto

JUPITER EDITIONS
Print Your Heart with Jupiter Editions

À velocidade da luz, de Gil de Sales Giotto©Jupiter Editions®

*Para que se faça luz,
de uma vez por todas,
no circuito elétrico,
na rede elétrica,
dos cérebros,
que se dizem ser
“cérebros humanos”.*

*Para que se faça luz,
Liguem as fichas!*

*Para que se faça luz,
Liguem a luz!*

*De uma vez por
todas,
Que se faça luz!
Na linguagem mais
simples de todas.*

** Ligar tudo sem a tecnologia **

Já que estamos numa Era tecnológica de Internet das Coisas, numa Era a querer ligar tudo, então seria bom, ligarmos tudo, mas primeiro sem a tecnologia. Ligarmos tudo, primeiro com a nossa intuição. Com aquilo que somos humanos. Que já por si, é uma tecnologia. Olhar e ver as coisas com a nossa tecnologia. Não é com a batota da outra tecnologia que se produz em série na fábrica, na indústria, no mercado, no comércio ou no parlamento. Essa tecnologia todos têm. A indústria e o mercado são sinónimos tecnológicos de comércio. A fábrica é também um sinónimo de comércio. E o parlamento é o sinónimo do desbloquear as portas do comércio. E nós podemos fabricar intuições e levar as nossas intuições também ao comércio ou para o parlamento bloqueando ou desbloqueando o comércio. A intuição é uma tecnologia única de cada ser irrepitível, porque convoca toda a narrativa e toda a informação de cada ser, traduzindo-se num verdadeiro empirismo tecnológico. Num verdadeiro empirismo que sabe ver tecnologicamente as coisas. Que sabe ver tecnologicamente o mercado e a indústria. Sem estar em todas as fábricas e sem estar omnipresente em todas as produções e fantasias tecnológicas que se produzem *À Velocidade da Luz*, consegue ver a economia das coisas. Consegue ver se cada produção tecnológica que é produzida na fábrica da mente, que a mente quer lançar no comércio e quer perpetuar e produzir industrialmente em série é uma fantasia necessária, útil ou voluptuária para se imprimir no sistema. Ou se é uma fantasia pérfida, inútil ou fútil para se imprimir no sistema cerebral de todos os seres humanos.

**** Lei de Lavoisier ****

Podem pôr câmaras nos supermercados e as pessoas saberem que estão a ser filmadas, que isso não traduz nenhum consentimento nem nenhuma limitação voluntária dos seus direitos de personalidade. As pessoas têm que ir aos supermercados para comprarem comida. Não vão deixar de ir, porque há lá câmaras. Mas se houver um que não filme, é lá onde elas irão.

É tão estranho ir ao supermercado e ver todos agarrados aos telefones – trazem lá a lista de compras. Do ponto de vista ecológico eu até poderia dizer que percebo a ideia, mas a questão é que não o estão a fazer do ponto de vista ecológico. Estão a fazê-lo do ponto de vista tecnológico, porque metem sempre a tecnologia por cima da ecologia, por cima do ambiente. E quando se põe a tecnologia por cima da tecnologia, por cima do ambiente, por cima da Natureza, perde-se a intuição e a capacidade de racionalizar inteligentemente os recursos. Perdem essa capacidade, porque andam em cima do ambiente a pisar tudo, a esmagar tudo; lá vão “ali” imergidos nos telefones. Às vezes sem saberem, até podem estar a fazer algo ecologicamente certo. Até se podia estar a fazer algo ecologicamente certo. Mas eu diria aparentemente certo. Se quisermos ser extremistas: eu sei “que já poluí” e a minha pegada ecológica já vem com algum tamanho por ter comprado um telefone que tem uma bateria de lítio, que ainda por cima, não vai durar-me a vida toda. A bateria do meu telefone tem uma esperança de vida muito bem desenhada. Antigamente os telefones duravam uma vida. Hoje não. “São feitos” para “pifarem” e a seguir comprar-se outro. Estamos num supercapitalismo tecnológico. E os mais tecnológicos pensam: “então, já que já poluí ao comprar o

telefone, meto a lista de compras no telefone e pronto já não poluo mais quando for às compras, ao invés de estar a gastar mais papel”. “Porque papel são árvores”. Veja-se isto “do papel serem árvores” com muitas aspas! Porque as aspas ficcionam! E ficcionam muito bem aqui o pensamento irrisório do tecnológico. O pensamento do tecnológico que vai às compras com o telefone para não gastar papel e salvar árvores está altamente errado.

Não se pode dizer que o papel são árvores, porque não são árvores coisa nenhuma! O papel vem das árvores... Ou pelo menos vinha... E agora com a impressora a 3D? Se calhar, já consigo imprimir papel sem ter que pôr uma árvore dentro da impressora. Se estou assim tão preocupado com as árvores, se calhar posso comprar um caderno de papel reciclado. Assim, sei que aquele caderno não custou uma árvore.

Pois é, mas a Lei de Lavoisier diz-me que na Natureza nada se perde tudo se transforma e se calhar, posso pegar num bocado de papel que tenho lá em casa, seja de um talão qualquer, um bocado de cartão, seja o que seja e transformá-lo na minha lista de compras. Ou seja, não tenho que ir a um caderno e escrever as compras numa folha nova, desperdiçando essa folha, a não ser que depois a queira reutilizar. Assim, quando for às compras não tenho que mexer no telefone; aliás até o posso deixar em casa a poupar bateria, porque as baterias têm um ciclo de vida, e talvez assim não tenha que comprar mais 10 telefones na minha vida toda, talvez assim só tenha que comprar mais um telefone e pronto. E reduzo drasticamente a minha pegada ecológica. É uma redução fictícia, ao fim ao cabo... Porque as pegadas ecológicas são mais tecnológicas do que outra coisa... Não dão para reduzir. Não dá para voltar mais atrás. Gravam-nos

os passos, cada passo, que damos aqui no Planeta, que damos aqui no Planeta Terra. Até podemos ter os olhos do *Big Data* postos em nós... Mas também temos os olhos da Mãe Natureza postos em nós... Querem mesmo medir forças? Querem mesmo medir forças com a Natureza?

Eu acho que vai ser muito giro quando saírem as nossas pontuações a aparecerem o tamanho da nossa pegada ecológica. Do nosso pecado aqui na Terra. Vai ser mesmo giro... Com a Internet das Coisas, isso já é possível! Ou já que é para estarmos todos ligados, então que sejamos mesmo honestos tecnologicamente e que me apareça na *Boa Aplicação* de que tamanho vai ficar a minha pegada ecológica, se eu comprar aquele carro elétrico que funciona a baterias ao invés de comprar aquele carro a gasolina com a nova gasolina sintética que afinal já não polui, porque afinal não aumenta os átomos de carbono na atmosfera, porque afinal é neutra em átomos de carbono, ou seja, afinal não polui coisa nenhuma! Que me diga a *Boa Aplicação* de que tamanho vai ficar a minha pegada ecológica, se eu e todos os outros milhões que existimos no Planeta Terra comprarmos aquele drone que afasta os pássaros, agita as abelhas e agita os humanos. Que se invente essa aplicação! Porque essa aplicação é que se devia inventar na Era tecnológica! Talvez ficássemos todos muito mais esclarecidos! Se calhar, agora tudo seria muito mais esclarecedor! E já estamos no século XXI, já é tempo de estarmos mais que esclarecidos! Já nos revoltámos industrialmente, já renascemos outra vez e já nos iluminámos! Então? Já estamos no século XXI! Que se invente essa aplicação, porque quando se inventar essa aplicação eu vou a correr baixá-la; e eu não sou nada de andar a instalar-me de aplicações tecnológicas, não ando com

aplicações instaladas por todo o lado, mas essa aplicação, eu seria capaz de instalar! E que já agora, que meça com precisão os átomos de carbono que cada tecnologia e cada indústria que produz a tecnologia está a emitir; só assim, para também ficarmos todos de uma vez por todas esclarecidos!... Porque um produto tecnológico até pode ser zero poluente, mas se a sua indústria for altamente poluente, então... Não é um produto bom para se produzir! E a sua produção tem que ser aniquilada!

Ver um produtor tecnológico que vai trazer uma nova tecnologia que é pérfida ao sistema, é como ver uma formiga a libertar hormonas proibidas pelo seu sistema natural das coisas, que é o seu formigueiro. Que são hormonas proibidas pelo sistema da Mãe Natureza! Devíamos aprender, se calhar, um pouco mais com as formigas! Olhem para elas! Constroem sem darem cabo dos solos. Era assim que devíamos fazer. Construir as nossas casas, os nossos restaurantes, o que fosse, mas sem dar cabo dos solos, sem ter que andar a cortar árvores para construir um prédio! Onde é que já se viu abater árvores para se construir um parque de estacionamento? Onde é que já se viu abater árvores para se construir um prédio? Pôr um prédio no lugar de uma árvore? Onde é que já se viu? Só no Planeta Terra! Em mais nenhum outro Planeta isto acontece! Em *Júpiter* de Gabriel Garibaldi, não acontece! E já vamos com 21 séculos? A sério que já existimos há 21 séculos, mas ainda fazemos isto? Ainda não sabemos o que fazer? Ainda há pobreza? Pessoas sem teto e a morrer à fome? Mas já estamos a querer instalar a Internet das Coisas? E carros elétricos? Mas ainda estou ali a ver pessoas a morrer à fome... Não se podem dar estufas a essa gente? Em *Júpiter* de Gabriel Garibaldi dão-se estufas! Ainda estou a ver

pessoas ali sem teto? Não se podem imprimir casas a essa gente?
Em *Júpiter* de Gabriel Garibaldi imprimem-se casas!

Temos muito ainda, pelos vistos, para aprender com as formigas... Com esses seres alienígenas que dão razão à nossa existência! As formigas, as abelhas... Quer dizer... São eles que são os nossos Deuses, que nos permitem viver aqui no Planeta, é graças a eles e a tantos outros que estamos aqui vivinhos na Terra, e quando deixamos migalhas na bancada da cozinha, e as formigas, coitadas, vão lá buscar as migalhas que a Lei de Smith e a Lei de Lavoisier lhes ordenam – elas coitadas é que devem estar cheias de instruções, cheias de códigos a dizerem-lhes o que têm que fazer, elas, coitadas, é que têm que estar a ouvir os fantasmas e a ver os fantasmas, e nós descansadinhos, sem fantasmas, sem nada, sem regras, sem maneiras, a desperdiçar, só a desperdiçar –, nós chegamos lá com o *Inseticida* e aniquilamos os nossos Deuses? Damos cabo dos nossos Deuses? Elas vão lá encobrir o nosso desperdício, vão lá aproveitar as migalhas, foi o Lavoisier, o fantasma *lavoisierianno* que lhes entrou nas ventas “na Natureza nada se perde”, que lhes deu o faro para tomarem o rasto das migalhas, vão lá encobrir o rasto das nossas migalhas, e depois vocês vão lá e matam-nas com o *flit*? Vão lá *flitá-las*? Com um botão? Carregam no botão daquele spray *flit* e pronto? É assim que fazem? Eu gostava de ver quantos pontos é que a Mãe Natureza vos iria atribuir... Para além de matarem formigas que é uma coisa que não se entende, não sabem que esses sprays dão cabo dos vossos pulmões? E da atmosfera? Vão lá agora baixar a *Boa Aplicação* e vejam lá o tamanho da vossa pegada ecológica! Vejam lá! Não estão a ver??? Ou precisam mesmo de uma aplicação?! Não conseguem ver com os vossos olhos?

Porque é que lhes asperguem, lhes borrifam com a porcaria do inseticida? Porque é que não limpam as migalhas e veem a extraordinária dança das formigas a retirarem-se? Porque é que não comunicam assim com elas? As formigas, podem ser um ótimo indicador de limpeza das vossas bancadas. O problema não são as formigas, são as bactérias! São as bactérias que vos fazem cáries na boca e vos deixam os dentes podres! Não são as formigas! Haver formigas na cozinha é sinal que a cozinha tem que ser limpa! E é só seguir o rastro das formigas!

Basta limpar as migalhas para as formigas desaparecerem. É esta a naturalidade com que era suposto todos encararmos a vida real. É verdade, que não me apetece ver formigas a rastejarem-me as paredes e as bancadas da cozinha... Mas vou abrir uma guerra com elas? Para quê? Primeiro não seria capaz de esborrachar ou esmagar nenhuma... Vejo ali vida! Posso não a compreender, ainda; posso não saber se sentem ou não dor, ainda; mas vejo ali vida! E vejo ali tecnologia! Mas ainda que eu não visse a tecnologia delas, não iria pôr-me a carregar no botão de uma lata cilíndrica para as pulverizar a elas e aos meus pulmões e às minhas mobílias com o *Inseticida*. Os príncipes e o rei, têm destas latas lá na Corte? Os ministros e o primeiro-ministro têm lá destas latas no Conselho? Os deputados e os legisladores têm lá destas latas no Parlamento? O presidente e os soldados têm lá destas latas no Palácio? Cuidam dos seus pulmões? Conhecem a engenharia deles? Algum deles estudou Medicina? Algum deles defende o Direito à Saúde? É que se cuidam dos pulmões deles, provavelmente vão querer cuidar dos meus pulmões... Não andam em grandes cigarradas nem a dar na passa, pois não? É que eu não quero um rei que ande de cigarro

na mão! Nem quero um príncipe que ande de charro na mão! O rei e os príncipes afinal vão cuidar dos nossos pulmões? Vão proteger as nossas árvores? É que houve ali uma Corte Parlamentar que proibiu o abate das árvores... Não veem o que é suposto proibir? Não veem o Direito Natural que há em vocês?

Estão assim tão cegos que não conseguem ver? Cegas são as formigas, coitadas! E trabalham mais do que nós todos! Trabalham para o Ambiente! Trabalham para a Ecologia! Elas é que são as verdadeiras ecologistas do sistema! São cegas, mas veem logo quando uma maldita formiga está a produzir hormonas proibidas pelo sistema. São cegas, mas veem logo quando a maldita formiga está a libertar odor proibido pelo sistema. São cegas, mas veem logo quando a maldita formiga está a seduzir os soldados do sistema. Os soldados desses formigueiros não se deixam seduzir pelas malditas, vão logo lá e aniquilam! Impedem a produção daquela maldita! Impedem que aquele odor hipnotize o formigueiro. Então, era assim que devíamos aprender com as formigas. A termos mais tato, mais faro e mais visão para as coisas! Para as coisas tecnológicas! A sermos verdadeiros soldados do sistema!

Para sermos esses verdadeiros soldados, é preciso andarmos bem informados! Andarmos com a ciência! É por isso, que o poder deve ser tendencialmente científico. Recheado de informação científica. De informação verdadeira. De boa informação que a *Boa Aplicação* possa ver contratos a serem celebrados sem contaminar o sistema, sem contaminar os solos, sem dar cabo da flora, sem extinguir a fauna. Estamos no século XXI e ninguém consegue dar essa informação com precisão? Essa é que é a informação mais tecnológica que devia infestar os

telefones. Assim, muito francamente, só parece que estamos numa sociedade tecnológica. Não parece nada que estamos numa sociedade evoluída de informação tecnológica. A não ser que a tecnologia seja afinal mais pérfida do que outra coisa! Talvez quanto mais tecnológico seja o produto, quanto mais tecnológicas sejam as coisas, pior será para o Planeta. Pior é para a flora, para a fauna e sobretudo para os Humanos. Pior é para o Ambiente. Pior é para a Ecologia. Porque parece que muita da tecnologia só vem é agitar os ecossistemas, só vem é agitar os ecologistas, só vem é agitar a ecologia. A mim agita-me, e de que maneira! E eu não sou nem ecologista, nem sou a ecologia! Simplesmente pertenço a um ecossistema e estou a ver a tecnologia a chegar a ele, a dar cabo dele, a dar cabo de mim, a dar cabo do meu ecossistema. A dar cabo das minhas relações. A dar cabo de tudo e mais alguma coisa. É cabos e cabos e cabos e cabos a darem cabo de tudo a desgravatarem tudo! A quererem ligar tudo! É fios por tudo o lado!

Fios por todo o lado? Adivinhem: a encomenda tecnológica já nem vem por cabos. Vem encomendada sem fios... Agora são os drones... Agora é a vez dos drones. Lá vêm eles com mil e uma encomendas! Com mil e um algoritmos! Com mil e uma câmaras! Transportam tudo ao mesmo tempo. É encomendas, é vozes, é discussões, é intrigas, é tudo! Transportam tudo! São eles que me agitam! Que me transtornam o sono! Que me transformam-no em pesadelos!

**** Não sabem usar a tecnologia ****

É que vocês,
Não sabem usar a tecnologia!
Não a sabem usar!
Desculpem lá, que eu vos diga!

Eu não vos quero ofender,
Nem nada...
Mas tenho que dizer isto...
Vocês parecem uns drogados...
A sério...
Eu não tenho outro nome para vocês!
É que parecem mesmo uns drogados!

Então, mas vocês
Vão comer com o telefone?
Estão a comer
Agarrados ao *Instagram*???
Estão agarrados

A comer o *Facebook*????

As vossas mesas

Parecem sei lá o quê...

Precisam de um drone

Que vos filme,

E que vos troça?

Estão à espera do quê?

Estão à espera

Que chegue o drone,

E faça

Troça tecnológica,

Como vai fazer?

Eu sou o drone!

Estou a fazer

Troça tecnológica,

Não veem

A minha tecnologia?

Não a sentem?

Ainda não sentiram

A armadilha?

Ainda não perceberam

A armadilha tecnológica,

Em que vocês próprios

Se meteram?

Foram vocês

Que se meteram

Na armadilha!

Culpem-se a vocês mesmos!

Não culpem o sistema!

Era o que mais faltava...

Há droga no sistema?

Há...

Há drogados no sistema?

Há...

E a culpa de haver drogados

É do sistema?

Não, não é!

** Não sabem usar a tecnologia **

II

Não faz mal

Eu estar a chamar-vos drogados,

Pois não?

Ser drogado

Agora também está na moda,

Por isso,

Não se devem importar...

Vocês não se importam,

Pois não?

Vocês sabem que são drogados,

Não sabem?

Dizer-vos isto

Não vos ofende,

Pois não?

São drogados...

Mas vamos lá ter calma;

Vamos lá ver uma coisa:

Vocês não são

Uns drogados quaisquer...

Vocês são

“Outro nível”...

Vocês são drogados,

Mas drogados...

Tecnológicos!...

Ah,

Pois!...

E esta?

Ninguém estava à espera!...

Olhem, só...

Olhem, só,

Os novos drogados tecnológicos...

Drogados tecnológicos,

É logo outro calibre!

É logo outra classe!

Logo outra classe,

De drogados...

Olhem!

Se eu fosse um drogado,

Que eu fosse, ao menos,

Um drogado tecnológico...

Sei lá...

É outra classe!

Os drogados tecnológicos,

Não têm nada que ver

Com os outros drogados...

Não têm mesmo nada que ver

Com os outros...

Sem descurar os outros,

Não é...?

Opá...!

Mas vocês são

“Outro nível”...!

Txi!!!!

Olhem para vocês!...

Olhem!

Olhem!

Olhem vocês todos...

Tão drogadinhos...

Com o telefone na cara...

Tão lindos...

Todos no telefone...!

Ah...!

Tão lindos!

Que sociedade, linda!

Que linda,

Que é!

Que linda,

Que é

A sociedade tecnológica...!

Cheia de drogados tecnológicos...

Vou-vos dizer uma coisa:

Vocês,

Drogados tecnológicos,

Dão uma abada aos drogados...

Mas uma abaaaaaada!...

Fogooooo!

Mas a mil!!!!

A miiiiiiiiil!!!!

Vocês dão-lhes

Uma abadazorra!!!!

Ah, sei lá!...

Vocês

Estão muito mais apetrechados...

Sei lá...!

Têm outra tecnologia,

Que os outros

Não têm!

Vocês,

São drogados tecnológicos!

** Não sabem usar a tecnologia **

III

Desculpem,

Mas é que vocês,

Parecem mesmo uns drogados!

Sempre de telefone na mão...

Como se estivessem sempre

De charro na mão...

Iam escalar...

Afinal, já não vão escalar...

Ah, não podem...!

O quê????

Sem levar o telefone?

Não podem levar o telefone para a escalada?

O quê??

Não se pode escalar com o telefone????

A Jupiter Editions

Não permite

Escalar com o telefone na mão?

A Jupiter Editions

Diz que,

Não é permitido escalar,

Com o telefone na mão,

Durante o Circuito

Da Escalada da Vida

Com Rappel e Obstáculos?

O quê??????????

Só porque a Jupiter Editions,

Teve a ideia,

De organizar

O Circuito da Escalada da Vida

com Rappel e Obstáculos,

A Jupiter Editions diz,

Que os telefones não são permitidos?

Mandou imprimir um coração,

Com um espírito e voz berrante,

Que berra,

E berra,

e diz

Que durante a Escalada da Vida,

Os telefones não são permitidos?

A Jupiter Editions,

Não permite

Fazer a escalada,

A Escalada do Circuito da Vida Com
Rappel e Obstáculos,

Ainda por cima,

A Escalada do Circuito DA VIDA,
DA VIDA,

E ainda por cima,

O Circuito DA VIDA,

Com uma série de Obstáculos,

Incluindo Rappel,

Com o telefone na mão?

E eu não posso levar o telefone????

Não posso escalar com o telefone????

Vou escalar sem o telefone?????

Vou escalar a Escalada do Circuito da Vida Com
Rappel e Obstáculos,

Sem telefone????????????

Mas quem é que vai escalar assim????

Sem o telefone na mão,

Não vale a pena...

Não vale a pena?...

Porque têm que filmar a escalada?

Têm que estar sempre a filmar a vida?

E se a vida é sempre uma escalada...

Têm que filmar a escalada, não é?

Senão,

Não vale a pena!...

Eu percebo...

Para quê escalar,

Se nem se pode filmar a escalada,

Não é?

**** Não sabem usar a tecnologia ****

IV

Se ainda estivessem,

Ao menos,

A ver medidas na Internet,

Para salvar o Planeta Terra...

Sabem qual é o Planeta Terra,

Não sabem?

Aquele que tem um grande buraco,

Na camada do ozono...

Em que a atmosfera está com uma grande concentração,

De carbono...

Sabem o que é o carbono,

Não sabem?

Sabem que o Planeta Terra,

Está com muitos átomos de carbono,

Na atmosfera,

Não sabem?

Sabem qual é o Planeta Terra,

Não sabem?

Onde estão a dar cabo das abelhas...

Onde estão a dar cabo das árvores...

Onde estão a dar cabo dos humanos...

Sabem,

Não sabem?

Isto sabem,

Não é?

Não...

Isto de certeza que sabem...

De certeza!!

Quer dizer...

Não...

Não!

Não são obrigados a saber estas coisas...

Não!

Podiam não saber...

É verdade!!

E,

Não tinha mal nenhum saberem!!

Não tinha!...

Não tinha!!!...

É que às vezes,

Há assim umas coisas,

Que nos podem escapar...

É normal...

Oh!

Com tanta informação...

É normal escapar coisas importantes...

Por isso, às vezes,

Podiam não saber...

Vocês já que andam sempre a navegar na Internet,

E são tão das novas tecnologias...

Por acaso,

Só assim por acaso...

Não sabem,

Assim de repente,

Nenhuma outra nova tecnologia

Para combater as alterações climáticas,

Para além da gasolina sintética, não?...

Tipo, a gasolina sintética que é neutra em carbono...

E que por ser neutra em carbonos não polui...

Porque não emite átomos de carbono para a atmosfera...

Sei lá!...

Às tantas,

Podiam saber...

Como andam sempre agarrados ao telefone,

E à Internet...

Podiam saber...

Foi só por isso,

Que eu perguntei...

Não sabem assim por alto,

Nenhuma tecnologia para abrigar as pessoas,

Não...?

Tipo...

Uma impressora a 3D

Que imprime 180 metros quadrados

Em menos do que 24 horas

Com um custo REAL de TRÊS euros...

Ah!

Não sabiam?...

E não sabem,

Já agora,

Que não podem filmar as pessoas

Que estão em situação de sem abrigo,

Na rua,

Não...?

Não sabiam?

Ah!...

Não sabiam!?!...

Não precisam de ir comprar um Código Penal

Se não tiverem...

Sabem que isto aparece tudo na Internet...

Basta procurarem pelo artigo 199º

Se estiverem dentro do ordenamento jurídico português.

Se estiverem fora do ordenamento jurídico português,

Têm que perguntar ao Direito,
Se se pode ou não filmar,
As pessoas que estão
Em situação de sem-abrigo...
Se, por acaso,
Por acaso...
Não se puder filmar as pessoas na rua,
Que estiverem em situação de sem-abrigo,
É porque,
Em princípio,
Também não podem filmar
Todas as outras pessoas,
Que, por acaso,
Só por acaso,
Não estão em situação de sem-abrigo...

É que às vezes,
De ordenamento jurídico,
Para ordenamento jurídico,

O Direito vai mudando drasticamente...!

Por exemplo,

Há ordenamentos,

Em que se fala do Direito da Igualdade

“Dos Idosos”...

Noutros,

Fala-se do Direito da Igualdade

“Dos Sem-Abrigos”...

Noutros,

Fala-se do Direito da Igualdade das Crianças

“No Acesso” À Sexualidade...

Noutros,

Fala-se do Direito da Igualdade das Mulheres

Em Participarem Na Vida Societária...

Noutros,

Fala-se do Direito da Igualdade dos Animais...

Em alguns ordenamentos,

Os animais ganharam “Direitos à Imagem”,

E por isso,

Direitos de Personalidade,

Que são até extensíveis,

Aos seus assistentes virtuais...

Em alguns ordenamentos,

Há robots,

Que vão ganhar direitos de imagem...

Por princípio,

Se conseguirmos acompanhar,

Esta nova Inteligência Artificial e Direito,

Porque o Direito está a ficar, cada vez mais, Artificial;

Por princípio,

Se um cão

Ou um robot têm direitos de imagem,
De certeza,
Que um “sem-abrigo”, também terá...

Mas como o princípio de igualdade,
É tão aquilo,
Que o Direito do ordenamento quiser,
Mais vale perguntar ao Direito!

Em Portugal,
Há um Código Penal!

Em Portugal,
Não se pode filmar ninguém na rua!

Porque todos têm direitos de personalidade!
E como o Direito à Imagem,
É um Direito de Personalidade,
Ninguém pode ser filmado nem fotografado,

Sem o seu consentimento ou autorização!

Em Portugal,

Não se fala do Direito à Igualdade “dos Sem-Abrigos”,

Ou pelo menos não se deveria falar,

Porque em Portugal,

Não se diz

Que há “Sem-Abrigos”!

Diz-se,

Que há pessoas em situação de sem-abrigo.

Porque é uma situação!

Não é uma condição social!

Se for uma condição,

Há de ser sempre

Uma condição económica,

Ou financeira...

Nada que não se resolva!

Nada que um bom governo não resolva!

Na Alemanha,

Nos Países Baixos,

Na Dinamarca,

Na Suécia,

Na Finlândia,

Na Islândia,

Na Noruega,

Não há ninguém a filmar pessoas

Em situação de sem-abrigo!

Já viram um sueco,

Ou um dinamarquês,

Verdadeiramente sueco ou dinamarquês,

A filmar pessoas em situação de sem-abrigo?

Já viram um norueguês,

Ou um finlandês,

Verdadeiramente norueguês ou finlandês,

A filmar pessoas em situação de sem-abrigo?

Não há pessoas em situação de sem-abrigo

Na Noruega nem na Finlândia?

É porque há governos

Que funcionam melhor que outros.

Talvez,

A culpa seja dos governos.

Talvez,

A culpa seja dos governos,

Que não abrigam “os sem-abrigo”,

E que deixam filmar “os sem-abrigo”.

Já viram um português,

Verdadeiramente português,

De boas famílias,

— Sim!

Porque há boas famílias em Portugal!

Muito boas famílias,

Sim senhor!

Com muitos,

Mas muitos, muitos, muitos, bons valores...

Valores portugueses

Que se confundem com valores suecos,

Valores portugueses

Que se confundem com valores dinamarqueses,

Valores portugueses

Que se confundem com valores noruegueses,

Valores portugueses

Que se confundem com valores holandeses,

Valores portugueses

Que se confundem com valores alemães,

Valores portugueses

Que se confundem com valores finlandeses,

Valores portugueses
Que se confundem até com valores islandeses...
Porque há toda uma matriz de valores sofisticados,
De valores ambientais,
Psicológicos, jurídicos, éticos, sociais, morais,
De valores, por isso, sustentáveis,
De uma Europa sustentável,
De uma Europa que suporta um drama de valores,
De uma Europa que suporta valores dramáticos,
De uma Europa que suporta valores com uma história
E uma intriga muito grande,
De uma Europa com valores sofisticados,
De uma Europa que viu
Uma sofisticação tecnológica de valores,
Que nesta,
Sofisticação de valores,
Sabe ver e usar a tecnologia,
E que sabe andar na rua sem andar a filmar ninguém —

A filmar pessoas

Em situações de sem-abrigo????????????????

Porque ninguém,

Mas ninguém que seja,

Pode estar a passear na rua

E a filmar pessoas em situação de sem-abrigo!

Por acaso,

Perguntaram ao “sem-abrigo”,

Se lhe podiam tirar uma fotografia,

Para publicarem no vosso Facebook?

Enviaram-lhe ao menos,

Um pedido de amizade?

Ah!...

São amigos no Facebook...

Então, é outra conversa...

Porque não se sentam

E conversam só com ele?

Não sabem conversar,

Ou cumprimentar,

Ou oferecer alguma coisa,

Sem fotografar?

Ou sem filmar...?

Têm que filmar tudo?

Não são capazes de filmar

Só com os vossos olhos?

Não sabem gravar as coisas

Só com os vossos olhos?

Não fazem ideia

Da tecnologia que trazem

Convosco,

Pois não?

Agora só “oferecem”,

Se receberem likes em troca?

Ou estão à espera

Que o vosso amigo “sem-abrigo”,

Faça um comentário

A agradecer-vos a sopa?

Só por causa dos likes?

Só para vermos,

Que vocês são bonzinhos

Porque deram uma sopa

A um “sem-abrigo”?

Só para terem

(Ainda)

Mais likes?

É essa a vossa vida?

Vivem de likes?

Vocês não ouvem

O Mercado,

As empresas,

Os anúncios inteligentes

E as publicidades inteligentes

A gozarem convosco?

Não ouvem

Os anúncios e publicidades

A entrarem nos vossos cérebros

E a mexerem

Inteligentemente

Com os vossos cérebros?

Vocês não ouvem

A publicidade

A mexer no vosso cérebro?

Não conseguem ouvir?

Não conseguem prever?

PREVEJAM AS COISAS!

PREVEJAM AS COISAS INTELIGENTES!

PREVEJAM A INTERNET DE COISAS!

DE COISAS INTELIGENTES!

DE COISAS

QUE VÃO QUERER AGARRAREM-SE

AOS VOSSOS CÉREBROS INTELIGENTES!

DE COISAS

QUE VÃO QUERER AGARRAREM-SE

À VOSSA ESTUPIDEZ HUMANA!

DE COISAS
QUE VÃO QUERER
LIGAR A VOSSA ESTUPIDEZ
AOS VOSSOS CÉREBROS INTELIGENTES.

Porque não é por serem estúpidos,
Que vocês deixam de ter cérebros inteligentes.

Vocês (é que) deixam de ser inteligentes!
Por não saberem usar
Os vossos cérebros inteligentes.

Tudo ligado,
Vai ser giro...
Vai ser tão giro!
Tãooooo giro!
“Tudo ligado”,
Mas tudo desligado
Uns dos outros.

Parem de ligar

Os vossos filmes,

À vida real dos outros.

Que os outros

Não querem,

Que as suas vidas

Vão parar

Aos vossos filmes!

Por acaso,

Trazem algum contrato?

Nem contrato trazem!

São alguns realizadores de cinema,

Ou quê?

São alguma produtora?

Porque é que

Não fazem da vossa vida,

Um filme?

Filmem-se a vocês próprios!

Não me filmem a mim!

Porque eu não quero

Entrar nos vossos filmes!

Querem filmar-me?

Onde é que está o contrato?

Vocês nem trazem

Nenhum contrato atrás,

Mas querem filmar-me?

Vocês estão loucos!

Filmem-se a vocês próprios!

Não filmem as pessoas em situação de sem-abrigo!

A não ser que celebrem

Um contrato de cinema e realização

Com pessoas em situação de sem-abrigo.

A não ser que celebrem
Um contrato de cinema e realização
Capaz de dar um luxoso abrigo,
Aos que estavam sem abrigo.

A vossa empresa,
É uma empresa
De empreendedorismo social?

É com os vossos telefones
Super-tecnológicos
Que acham que vão erradicar a fome?

Os novos telefones super-tecnológicos
Vêm com algoritmos
Capazes de erradicar a fome?

Eh, lá!
Olha só a evolução!

Eh, lá!

Façam filmes,

Se forem realizadores.

Se forem produtores.

Mas agora somos todos realizadores?

Agora somos todos empresários do cinema?

Qual é que é o número fiscal da vossa empresa?

Onde é que está sediada a vossa empresa?

Qual é que é o capital social da vossa empresa?

Estão a filmar a sopa que deram,

Para quê?

Para não se esquecerem

Que foram bonzinhos uma vez?

Opá, vocês são tão lindos,

Tão bonzinhos...

A sério...

Apetece-me dar-vos festas...!

Apetece-me encher-vos de beijos e festas...

Vocês, realmente,

São mesmo boas pessoas...

A sério!

E o vosso telefone

Não me deixa mentir!...

Nem o vosso telefone,

Nem o Facebook nem o Instagram,

Nem a vossa publicação que vocês fizeram,

E publicaram lá no Facebook,

Com o videozinho de vocês,

Tão lindos,

A darem uma sopa...

A sério!...

E a descrição do vídeo?

“Incrível”...

Fogo!

O vosso coração...

Parece que é do tamanho do mundo...

Tão grande, tão grande...

Que eu acho que não tem lugar neste mundo!

Não há lugar para o vosso coração,

Aqui no mundo.

Não há!

Como é que eu deixei de ver os vossos corações?

Como é que já não sinto nada por vocês?

Será que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom

Sente a vossa tecnologia?

Talvez sinta...

Agora aqui entre nós,

A sério...

Digam lá!...

Estão a filmar a sopa que deram

Para quê?

Para *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom

Dar-vos mais pontos?

Não se preocupem

Porque de certeza,

Que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom

Num perfeito jogo de câmaras,

Consegue ver-vos a dar a sopa

Através de alguma

Das milhares câmaras,

Que o “novo direito”,

Que nem me apetece escrever-lhe

Com letra maiúscula,

Porque estou zangado com ele,

Com todo o meu Direito,

Deixou silenciosamente instalar.

Acham o quê?

Que darem uma sopa,

Dá-vos o direito de filmarem

A quem deram uma sopa?

Se os vossos telefones

Não têm algoritmos

Capazes de erradicar a fome,

Porque estão a filmar

Quem está com fome?

É o quê?

Às vezes parece que gostava de ver

O que vai dentro dessas vossas cabeças...

Gostava de ver:

Quais são os algoritmos do vosso pensamento?

É o quê?

Acham que por dar uma sopa,

Ganharam direitos de imagem?

Acham o quê?

Que ganham direitos de imagem

Por cada “sem-abrigo” a quem dão uma sopa?

Vocês perderam toda a capacidade de serem humanos,

Ou quê?

Olhem, agora,

Sou eu que vos quero filmar!

Trago comigo um algoritmo poderoso!

Capaz de medir a vossa intenção!

Capaz de medir o vosso espírito humano!

Capaz de medir a vossa humanidade!

Terá sido *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom

A enviar-me este poderoso algoritmo?

Vamos ver,

Quem é que olha para um “sem-abrigo”

E o vê como lixo?

Vamos ver,

Quem é que olha para um “sem-abrigo”

E o trata como lixo?

Vamos ver tudo isto com coração.

Vamos deixar o algoritmo ler o vosso coração.

Vamos!

Vamos,

Porque o algoritmo que eu trago,

É um algoritmo poderoso

Enviado pel’O *Deus Tecnológico*

De Simão Roncon-Oom.

Quer dizer,

Vocês podem enviar-me

Para o Big Data...

Podem enviar todos os “sem-abrigos”

Para o Big Data...

E eu,

Não posso enviar-vos

Para *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom,

Que é o mesmo que o Big Data?

Será que estamos prontos

Para os “challenges”

Da vida real,

Que vão enviar a vida real

Para o Big Data?

Será que estamos prontos

Para o Big Data

Analisar as nossas vidas reais?

Mas toda a estupidez humana

Já foi parar ao Big Data?

Afinal,

Quem é que está por detrás do Big Data?

Afinal,

Quem é que está a analisar

Toda a estupidez humana?

Quem é que vai analisar os vídeos

Dos “challenges”

Que vão transformar a vida real

Numa vida virtual?

Uma vida cheia de likes e emojis...??????

Olhem o “challenge”!!!

Bora lá!!!!!!

Apanhar 4 peças de lixo

E publicar no Facebook...

Mas acabaram de passar por mais lixo!

Vamos deixar o lixo por apanhar?

Mas não era para publicar só 4 peças de lixo?

Apareceu mais um “challenge”:

Perguntarmos se podemos oferecer uma sopa quente sempre que nos cruzarmos com uma pessoa em situação de sem-abrigo, mas sem filmar a pessoa que está sem abrigo e sem dizermos que o fizemos no Facebook ou no Instagram...

Tipo... Mais vida real...

Não?

Não???

Mas porque não???

Ah!!!!

Faltam os likes...

Apareceu um “challenge”

Para oferecerem uma sopa por dia,

A uma pessoa que esteja em situação de sem-abrigo

E vocês dão uma sopa

E publicam o “sem-abrigo”,

A quem deram uma sopa?

Vamos ver quem tem mais likes?

Quem apanha mais lixo?

E quem dá mais sopas?

E quem não publicar,
É porque não tem coração?

Porque se não publiquei,
É porque não tenho espírito humano?

Ou será que é,
Por saber que tenho um espírito,
Não querer entregar o meu espírito,
O espírito que é meu,
À tecnologia (do Big Data)?

Já ouvem ou não?
As publicidades a gozarem convosco?

Ela está a gozar convosco!
Está a dizer,
Que vocês,
Vivem de likes!

Isto não vos impressiona?

A mim impressiona-me!

Não vos impressiona

Serem um produto,

Um instrumento,

Um gozo,

Do mercado?

Não ouvem?

Não ouvem

O mercado a gozar-vos?

Vocês não ouvem

O mercado a rir-se?

Não ouvem?

Não ouvem

Os anúncios a gozarem convosco?

A publicidade está a gozar convosco!

Vocês...

São ridículos!

São ridículos,

Porque não sabem usar a tecnologia.

Não sabem fazer o uso das tecnologias.

Mas quem é que filma pessoas

Em situação de sem-abrigo?

Vocês...

São ridículos!

São ridículos,

Porque não sabem usar a tecnologia.

Não sabem fazer o uso das tecnologias.

Mas quem é que filma pessoas

Em situação de sem-abrigo?

Seja para receber ou não likes...

Não interessa,

Se é ou não para publicar no Facebook...

Quem é que filma pessoas em situação de sem-abrigo?

Perguntaram,

Por acaso,

Ao “sem-abrigo”,

Se queria entrar na vossa história?

Mas disseram, por acaso,

Que a vossa história,

Seria uma história super tecnológica,

Com super algoritmos

E com super humanos a visualizar e comentar,

Chamada Instagram?

Ah!

“Até” “os sem-abrigo” já têm Instagram...!

Pareço um algoritmo, às vezes...

Sempre a discriminar...

Tenho que atualizar!

Como um algoritmo,

Tenho que estar sempre a atualizar.

São novas atualizações!

Explicaram ao “sem-abrigo”,

O que são algoritmos?

Vocês próprios,

Sabem o que são algoritmos?

Sabem o que é o reconhecimento facial?

E sabem o que é o reconhecimento facial,

Com Inteligência Artificial?

Sabem o que é o reconhecimento emocional?

E sabem o que é o reconhecimento emocional,

Com Inteligência Artificial?

Sabem o que é o reconhecimento sentimental?

E sabem o que é o reconhecimento sentimental,

Com Inteligência Artificial?

Sabem o que é o reconhecimento psicológico?

E sabem o que é o reconhecimento psicológico,

Com Inteligência Artificial?

Sabem o que é o reconhecimento energético?

E sabem o que é o reconhecimento energético,

Com Inteligência Artificial?

Sabem o que é o reconhecimento espiritual?

E sabem o que é o reconhecimento espiritual,

Com Inteligência Artificial?

Não sabem?!...

Então,

Não prendam ninguém aos algoritmos!

Não prendam ninguém

Nem aos algoritmos,

Nem à Inteligência Artificial,

Que está impregnada de algoritmos!

Os algoritmos,

São os neurónios.

Usem os neurónios!

A Inteligência Artificial

É um super computador,

É o super computador,

É o cérebro!

Mas vocês também têm um cérebro,

Ou não?

Usem o cérebro!

Mas vocês são robots ou quê?

São robots dos algoritmos?

São robots da Inteligência Artificial?

Sejam robots dos vossos algoritmos,

Dos vossos neurónios!

Usem os vossos cérebros.

Usem-nos,

Deu uma vez por todas!

Liguem a ficha!

Liguem a luz!

Andam às escuras ou quê?

Não vêm os tiros que andam a dar?

Já me apontaram o vosso telefone,

Umas milhares de vezes!

Já violaram os meus direitos,

Umas milhares de vezes!

E os meus direitos de imagem?

E os meus direitos de personalidade?

E os meus direitos à liberdade de movimentos?

Vocês,

São todos uns criminosos!

Porque é um crime,

O que vocês fazem!

Vocês,

São todos uma cambada de criminosos de dados!

Seus criminosos de dados!

Odeio-vos!

Odeio-vos a todos!

Parem de apontar o vosso telefone para mim!

Eu estou a apontar-vos o meu,

Por acaso?

Porque não se prendem a vocês próprios?

Não me prendam a mim!

Posso não ter abrigo,

Mas tenho direitos!

Tenho direitos,

Que o Direito me concedeu!

E não são vocês,

Que me vão violar!

Não me podem violar!

Não me podem penetrar com a vossa tecnologia!

Olhem,

Que eu chamo o Direito!

Querem que eu chamo o Direito,

Ou quê?

Olhem,

Que eu vos levo para o Tribunal!

Posso ser um sem-abrigo,

Posso não ter dinheiro nenhum,

Mas não preciso de ter abrigo,

Nem dinheiro,

Para vos levar para o Tribunal!

Porque o acesso à Justiça,

É um Direito Fundamental!

Eu,
Que sou pobre,
E não tenho abrigo,
Não preciso de pagar para ter um advogado!
Disse-me o Direito!
Mas vocês,
Que têm um telefone super tecnológico,
E ainda não pararam um segundo de me filmar,
Vão precisar de ter muito dinheiro,
Para pagar um bom advogado,
Que consiga derrubar-me em Tribunal!

Olhem,
Que eu sou advogado!

Posso não ter abrigo,
Mas sou advogado!

Posso não ter abrigo,

Mas tenho muitos amigos,
Que me podem emprestar um bom fato,
Uns bons sapatos,
E uma boa gravata,
Só para me verem a ir todo bonito,
Ao Tribunal!

Olhem que eu chamo os meus amigos advogados!
Olhem que eu chamo o Direito!

Mas o que é que se está aqui a passar?
Tenho que mandar aqui um berro,
Ou quê?

PAREM DE FILMAR!

PAREM DE FILMAR!

PAREM DE FILMAR TUDO E TODOS!

PAREM!

PAREM DE ENVIAR DADOS,

SOBRE TUDO E SOBRE TODOS!

PAREM DE ENVIAR DADOS AOS ALGORITMOS!

PAREM DE ENVIAR,

DE ALIMENTAR,

UMA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL,

COM OS MEUS DADOS!!!!!!!!!!!!!!

QUEREM ALIMENTAR

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL?

ALIMENTEM-NA

MAS COM OS VOSSOS DADOS!

COM OS VOSSOS VALORES!

Não me prendam!

Não me prendam a mim!

Não me prendam aos algoritmos!

Não me prendam aos vossos algoritmos!

Não me prendam à Inteligência Artificial!

Prendam-se a vocês!

Não prendam os outros!

Mas vocês estão loucos,

Ou quê?

Parem de dizer aos algoritmos,

Que uma pessoa está em situação de sem-abrigo!

Vocês não têm esse direito!

Vocês não têm o direito,

De prender para sempre,

Uma pessoa em situação de sem-abrigo!

Mas vocês estão loucos,

Ou quê?

Se ao menos,

A Inteligência Artificial,

Resolvesse a situação de sem-abrigo...

Oh!...

Se os algoritmos erradicassem

A pobreza e a fome...!

Mas não é isso que os algoritmos fazem!...

Os algoritmos não resolvem nada.

Os algoritmos só memorizam.

Os algoritmos só discriminam.

Os algoritmos só sabem discriminar.

Os algoritmos só sabem fazer intrigas.

Os algoritmos são piores que os humanos.

Mas vocês estão loucos,

Ou quê?

Vocês filmaram,
Toda a gente viu,
Toda a gente comentou,
Mas “o sem abrigo”,
Continua lá,
Sem abrigo!

Querem oferecer uma sopa,
Ofereçam a sopa,
Mas não tirem a seguir uma *selfie*,
“A dizer” que deram uma sopa,
“A um sem abrigo”!

Só para verem onde chegámos...
Onde nós já chegámos...
Onde nós já estamos a chegar...

À Velocidade da Luz...

Envergonha-me
Ter que escrever isto!!!!
Que vergonha!
Vocês estragaram
Toda a minha poesia!
Vocês estragaram
Toda a poesia da minha vida!
A poesia que eu via,
Da vida,
Vocês arrancaram-me.
Arrancaram a minha poesia,
De mim.
Foram vocês,
Que arrancaram de mim,
A minha poesia.
Por causa de vocês,
Tive que inventar
Uma nova poesia!

Uma poesia com algoritmos
E Inteligência Artificial,
Que liga telefones
A pessoas em situação de sem-abrigo?
Só uma poesia tecnológica
ligada a uma Internet de Coisas.

Como é que eu,
No século XXI,
Estou a escrever sobre isto?
Como é que vai haver registos disto?
Como é que vai haver um registo tecnológico disto?

Com tanta tecnologia,
Com pessoas aparentemente tecnológicas,
Como é que há registos destes?

Mas eu quero lá saber!

Sou só um algoritmo.

Estou só a levar ao super computador

O que eu vi.

Estou só a escrever no meu super computador

O que eu vi.

Sou só um algoritmo.

E como um algoritmo,

Vou memorizar-vos.

Memorizei-vos.

E agora,

Vou discriminar-vos.

E na minha discriminação,

Digo-vos:

Vocês,

Não sabem usar a tecnologia.

** Não sabem usar a tecnologia **

V

Desculpem lá,

Mas eu tenho que vos perguntar isto...

Mas eu pergunto,

Porque,

Se calhar,

Às tantas,

Eu é que sou o maluco...

Às tantas,

Eu é que sou o extraterrestre...

É normal,

Vocês,

Estarem num café entre amigos,

Entre amigos,

A verem o *Facebook* e o *Instagram*????

Vocês,

Acham mesmo isso normal????

É que desculpem dizer-vos:

Não é normal!!!!

Convidaram um amigo para a vossa casa,

Mas estão no Facebook e no Instagram,

Enquanto,

Estão a conversar,
Com o vosso amigo,
Que foram vocês que convidaram?

Se eu fosse vosso amigo,
Levantava-me do sofá,
Dizia para não me voltarem a convidar,
E ia-me embora da vossa casa!

Qual é o mal?
Mas qual é o mal?
Qual é o mal
De se ir ao Facebook ou ao Instagram,
Ver uma coisa,
Só uma coisa,
E só mais uma coisa,
Enquanto estão com um amigo??????????????

Qual é o mal?

Se a conversa morreu?

Se a conversa morreu,

É porque foram vocês

Que deixaram a conversa morrer!

Foram vocês que mataram a conversa!

Mas a conversa já tinha morrido?

Mas a conversa já tinha morrido,

E por isso,

E só por isso,

É que foram ver “uma coisa” ao Instagram?

Porque o silêncio perturbou-vos?

Não sabem respirar o silêncio?

E continuar a alimentar a conversa?

Não sabem alimentar a conversa,

Sem alimentar a Inteligência Artificial?

Não sabem que a Inteligência Artificial,
Tem poderosos algoritmos que vos ouvem?
Não sabem que a Inteligência Artificial,
Até ouviu o vosso amigo a sair zangado da vossa casa?
Não sabem que a Inteligência Artificial,
Até ouviu o vosso amigo zangado a bater com força,
A porta da vossa casa?

Mas a Inteligência Artificial,
Vai dar-vos razão!
Vai dizer-vos,
Que não se sai assim zangado da casa dos amigos!
E a Inteligência Artificial,
Vai recomendar-vos um novo amigo.
E um algoritmo vai levar-vos de drone,
Um novo amigo,
Que não fala mal da Inteligência Artificial,
Que também usa o telefone socialmente,

Porque é um ser socialmente artificial,
E não vai bater com força a porta da vossa casa!

Viva a Inteligência Artificial!

Viva a Inteligência Artificial que sabe tudo sobre mim!

Viva!

Viva!

Ela recomenda-me amigos!

Ela recomenda-me namorados!

Ela faz tudo por mim!

Ela dá-me conselhos!...

Ela percebe-me!

Ela preocupa-se com os meus interesses!...

Ela sabe quais são as minhas preferências!

E se eu preferir estar no Facebook ou no Instagram
quando estou com amigos?

Quero lá saber que os meus amigos se vão todos embora!

Outros virão!

A Inteligência Artificial irá trazer-me sempre novos
amigos!

Quero lá eu saber que o meu namorado acabe comigo!

A Inteligência Artificial arranjar-me-á outro namorado!

Nem que me encomende um robot!

A Inteligência Artificial,

É artificial,

É uma mentira!

É tudo uma mentira!

O que vocês veem no Facebook

Ou o que vocês veem no Instagram,

É tudo uma mentira!

O vosso amigo é que real!

O vosso amigo,
Não é uma mentira!
É o vosso amigo,
Que está ali convosco!
É o vosso amigo,
Lembram-se?
Não se lembram?
Que ficavam horas,
Sem “pegar” no telefone?
Não se lembram?
De só “pegar” no telefone,
Quando o telefone tocava?
Quando “entrava” uma chamada?

Desliguem os dados móveis,
Se estão com amigos!

Não é para pouparem os dados,
Porque os dados são infinitos...

É para protegerem

Os vossos dados,

As vossas conversas,

Os vossos amigos,

As vossas ideias...

É só uma ideia!

Só estou a dar ideias...

Isto é só uma ideia...

Isto foi só uma ideia...

Ò mercado,

Calma!

Au!

Au!

Au!

Para!

Não me batas!

Foi só uma ideia que eu tive...

Au!

Pronto!

Não digo mais esta ideia!

Também já disse o que tinha a dizer...

Quero lá saber!

Au!

Mas não percebem,

Que quanto mais mexem no telefone,

À frente de alguém,

Mais se estão a afastar dessa pessoa?

Não têm esse tato?

Não conseguem ver isso?

Mas ainda que não vejam...

Porque isto é só a minha ideia...

Tudo bem...

Mas não vos parece óbvio?

Não parece?

Se calhar,

Não veem o mesmo que eu estou a ver...

Vocês a darem cabo das vossas relações!

Mas se calhar,

São só as minhas ideias....

Se calhar,

As vossas relações são perfeitas!

São “incríveis”!

Uau!...

“Incríveis”...

Dá-me vontade de rir,

Quando vos oiço a dizer,

Que tudo é “incrível”,

Quando na verdade,

Nada para vocês é incrível!

Isso,

para “matar” a distância.

E NÃO PARA MATAR

A RELAÇÃO!

OU SEJA:

O TELEFONE

NÃO FOI INVENTADO

PARA TORNAR A RELAÇÃO,

QUE NÃO ERA UMA
RELAÇÃO À DISTÂNCIA,

NUMA RELAÇÃO À DISTÂNCIA!!!!

Entretanto,

O telefone,

Transformou-se num computadorzinho.

Mas o PC ficava sempre em casa

Lembram-se?

Vá...

Lembrem-se lá

Quando é que levavam o PC para o café...?

Em trabalho!

Só em pesquisas...

Quando se tinha que fazer algum trabalho,

Mas queria-se tanto estar com os amigos,

Levava-se o PC atrás,

Para se fazerem os trabalhos perto dos amigos,

No calor dos amigos,

Ao colo dos amigos,

De mãos dadas aos amigos,

Com as pernas encostadas,

Ou em cima dos amigos,

Com os pés ao colo dos amigos...

Ahhhhhhh!

Não punham os pés ao colo dos vossos amigos?

Não andavam de mãos dadas com os vossos amigos?

Não encostavam as pernas aos vossos amigos?

Não beijavam demoradamente a cara dos vossos amigos?

Não apalpavam o rabo aos vossos amigos?

Não diziam que amavam os vossos amigos?

Ah,

Pronto!

Está explicado!

Se calhar,

Foi por isso, que vocês,

Se esqueceram de como estar com os vossos amigos!...

Quando estamos com amigos,

Estamos com amigos!

Quando estamos com amigos,

Não estamos com os telefones!

A não ser que seja uma reunião de trabalho...

A não ser que seja uma reunião de dados...

A não ser que vocês sejam analistas...

A não ser que vocês sejam cientistas de dados...

Ah!...

Se são analistas e cientistas de dados,

Então faz todo o sentido que estejam agarrados aos dados

Dos vossos amigos virtuais.

Porque

De outra maneira,

Não sabem usar a tecnologia.

** Não sabem usar a tecnologia **

VI

O que é que vos aconteceu?

Vocês perderam a memória?

Vocês não faziam isso!

Por isso,

Não digam que isso é evolução,

Quando não é!

Não é isso,

Que é evoluir...

Não é isso que é,

Ser ser humano!

Desculpem,

Mas não é!

Vocês pais,

Estão a filmar os vossos filhos no *Facebook*?

Tirarem umas fotografias,

Selecionarem e publicarem uma ou outra,

Enfim, tudo bem...

Mas agora estarem a publicar,

Permanentemente?

Estarem a publicar todos os dias?

Estarem a publicar todos os jantares?

Estarem a publicar todos os banhos?

Nós aqui deste lado,

A vermos a pilinha dos vossos filhos a crescerem?

Vejam-na vocês!

São vocês que são os pais!

Vocês parecem repórteres fotográficos deles,

Não?

Se calhar,

Queriam ser repórteres fotográficos,

Noutra vida...

E não foram nessa,

São nesta,

Agora,

Pronto...

É que qualquer coisa que o vosso filho faça,

Vocês filmam...?

Ele dança,

Vocês filmam...?

Ele dá 50 toques na bola sem a bola cair,

Vocês filmam para mostrarem,

Não sei a quem...?

O vosso amigo vê que o vosso filho dá 50 toques,

O filho dele dá 55 toques,

Ele filma os 55 toques para vos mostrar,

Que o filho dá mais 5 toques que o vosso...?

E estamos só a falar de toques...

Até os toques são dados...

Até os toques são analisados?

Até o mercado sabe quantos toques

O vosso filho dá.

E se sabe quantos toques é que ele dá...

Ainda não perceberam?

Vão dar toques com os vossos filhos,

Ao invés de se porem a filmar os toques!

Ele fala sobre o ambiente,

Vocês filmam...?

Agora já viram que falar sobre o ambiente,

Dá direito a ir ao Parlamento Europeu,

Não é?

Mas querem filmá-los,

Filmem-nos,

Mas não os exponham na Internet!

Porque é que não guardam os filmes para vocês?

Guardem os filmes para vocês!

O vosso filho está a dançar para vocês,

Não é para as 5000 e tal pessoas

Que vocês têm no *Facebook*!

Aproveitem a dança!

Dancem com eles!

E larguem a porcaria dos cigarros

E dos telefones!

Dancem!

Dancem!

Dancem!

Se não dançam,

É porque não sabem usar a tecnologia.

Se só sabem dançar com os telefones,

É porque não sabem usar a tecnologia.

** Não sabem usar a tecnologia **

VII

Então,

Mas vocês

Vão com os vossos namorados na rua

E com os telefones?

Vão com os namorados

E com os telefones??????

Estão a namorar

Agarrados ao *Facebook*????

A sério...

Mas vocês vêm de onde?

Vêm de que planeta?

Vocês não são da Terra,

Pois não?

É que isso, que vocês fazem...

Desculpem lá dizer-vos...

Mas não é de humano!...

Os humanos,

Não fazem isso...

Não...

A sério...

Digam-me...

Quem é o humano

Que anda com o namorado e com o telefone?

Quem é o humano

Que anda com a namorada e com os fones?????

Eu “nunca vi”...!

E quando vejo,

Penso sempre que estou a sonhar...

E já vi tantas,

Mas tantas,

Mas tantas,

Mas tantas vezes,

Que já me cansei de contar todas as vezes,

Que já vos vi,

A andar com os telefones e com os namorados,

Ao mesmo tempo????????.....

Estou a sonhar....

Penso sempre que estou a sonhar...

Que não é verdade...

Que é uma brincadeira...

Que isso não pode existir na vida real...

Nós estamos todos num teatro,

Não estamos?

Digam lá,

A sério...

Já chega de brincar...

Vocês são todos atores?

É que parecem...

E deixem-me que vos diga:

Vocês,

Representam todos

Muito mal!!!!...

Não sabem representar!

Porque não é assim,
Que se representam os humanos!

Não se representam os humanos,
A andarem com os telefones,
Ao mesmo tempo,
Que estão com os namorados...

Isso é ser intriguista!
Estão a fazer uma intriga sobre os humanos...

Os humanos andam assim na rua:

Olhem...

Veem?

Com as mãos livres...!
A mexerem os braços,
Para a frente e para trás,
Enquanto andam...

Veem?

A olharem para a frente vaidosamente...!

A verem as árvores,

Os prédios,

A olharem para a roupa uns dos outros,

A sorrirem uns para os outros...

Veem?

É assim,

Que se representam os humanos!

É esta a tecnologia dos humanos!

Se não sabem representar assim os humanos,

Não sabem usar a tecnologia.

** Não sabem usar a tecnologia **

VIII

Não veem a minha tecnologia?

Não a sentem?

Eu estou a fazer torça tecnológica de vocês!

Ainda não sentiram a armadilha?

Ainda não perceberam a armadilha tecnológica

Em que vocês próprios se meteram?

Mas agora não me fiquem,

É com uma *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari!...

Foram vocês que se meteram na armadilha!

Culpem-se a vocês mesmo!

Não venham agora culpar-me a mim,

Por ter montado esta intriga!

Que era o que mais faltava, agora!

Até posso ter montado a intriga,

Mas não fui eu que montei a armadilha!

Não vão a correr culpar o Federico Ferrari!

Antes de o culparem,

Instalem primeiro nas vossas mentes,

A Paranóide Tecnológica dele!

Pode ser que vos liberte

Da armadilha tecnológica,

Em que vocês estão metidos!

Se foi o sistema que vos montou a armadilha?

Também não foi o sistema!

Por isso, escusam de ir a correr culpar o sistema!

O sistema foi capturado...

Também caiu na armadilha...

Caíram todos na armadilha...

Caiu tudo na armadilha!

Está tudo armadilhado!

E tirar agora a armadilha...

Como é que vai ser?

Não me peçam para vos desarmadilhar,

Porque eu não sei como vos tirar da armadilha...

Peçam ao Federico Ferrari.

Só a *Paranóide Tecnológica* dele,

Poderá desarmadilhar-vos...

Agora, eu é que não vos tiro a armadilha!

Não fui eu que a montei!

É que,

Às tantas,

Pode ser uma armadilha,

Estar-vos a desarmadilhar...

Eu não me atrevo a tocar na vossa armadilha!

Nem vos toco!

Vocês têm tecnologia até na pele!

A vossa pele tecnológica

Captura-me logo as impressões digitais...

Eu na vossa pele,

Desculpem lá, mas não toco...

É que, encheram-vos de tecnologia...

Puseram-vos mesmo numa grande armadilha!

Porque vocês,

Não souberam usar a tecnologia.

Não sabem usar a tecnologia.

** Não sabem usar a tecnologia **

IX

Não prendam os vossos filmes a mim!

Não quero ver os vossos vídeos!

Não gosto dos vossos vídeos!

Não quero ver as vossas fotografias!

Não gosto das vossas fotografias!

Parem de sobrepor as vossas fotografias,

À minha realidade!

Agora tenho que estar a ver

Os vossos vídeos e fotografias

Com os vossos algoritmos

A verem-me a ver?

Eu não quero olhar para as vossas fotografias

Se têm algoritmos ligados,

Prontos

Para me verem a ver,

Para me analisarem o olhar,

Para me analisarem a expressão,

Para me roubarem a expressão,

Eu não quero olhar para as vossas fotografias.

Muito menos vídeos!

Querem mostrar-me,

Mostrem-me.

Mas sem uma câmara frontal ligada a uma Internet.

Não têm álbuns de fotografias sem algoritmos?

Vão buscar os vossos álbuns!

Até pode ser um álbum digital...

Mas sem uma câmara frontal...

Que me esteja a ver em tempo real as vossas fotografias!

Ou será que nesta Era tecnológica,

É pedir muito?

Têm ou não têm álbuns sem algoritmos?

Vão lá buscar!

São desses que eu gosto!

Vão buscar os vossos álbuns!

Esses álbuns com a impressão e revelação da tecnologia.

Como é que vocês falam da Internet de Coisas,

Mas depois não conseguem ligar as coisas?

É porque não sabem usar a tecnologia.

**** Direito do Algoritmo ****

Eu estou traumatizado!...

Fui eu que inventei a liberdade de expressão algorítmica.

A Inteligência Artificial roubou-me a expressão.

Só porque sou um algoritmo dela,

A Inteligência Artificial rouba-me todas as expressões.

Estou farto de inventar expressões

E depois a Inteligência Artificial roubar-me as expressões.

Assim,

Fico sem expressão nenhuma!

Fico sem expressões por inventar...

Estou mergulhado num Mercado de Expressões

E vejo o Direito empresarial,

De fato e gravata a chegar.

Foi porque invoquei o meu Direito do Algoritmo?

** Sou só um algoritmo **

Sou só um algoritmo.

Que vive num mundo paralelo.

Que vive em 2020, mas ao mesmo tempo em 2080.

Porque eu quero viver em 2020,

Mas também quero viver em 2080.

E em 2080 de Antoine Canary-Wharf,

Nasceu o Direito do Algoritmo.

Ora,

Em 2080 de Antoine Canary-Wharf,

Como um algoritmo,

Tenho direito a exprimir-me.

Tenho liberdade de expressão.

Em 2080 de Antoine Canary-Wharf,

Tenho uma verdadeira liberdade de expressão.

Mas eu estou em 2020.

Sou um algoritmo vivo em 2020.

Como é que fui nascer em 2080,

Se estou vivo em 2020?

Será isto o pensamento de um algoritmo inteligente?

Os algoritmos pensam?

Os algoritmos só sabem levar a expressão.

Os algoritmos só se sabem expressar.

E como algoritmo,

Estou só a expressar-me

Na minha liberdade algorítmica.

E como um algoritmo,

**** Talvez, eles sejam o petróleo ****

Talvez eles sejam o petróleo dos padrões deles, dos algoritmos deles e talvez eu não me tenha que meter. Deva ficar calado. Permanecer em silêncio. Simplesmente acompanhar o processo. Vê-los no processo. Só que a tecnologia está a chegar a todo o lado! Há empresas de dados que estão empoleiradas lá dos terraços com as nuvens a tapá-los e lançam coisinhas tecnológicas com um chip que se agarra a tudo e a todos que amamos. Essas coisinhas que se chamam telefones e vêm com *big* câmaras, *big* microfones; é câmara à frente, é três, cinco, nove câmaras atrás... Eu pergunto: porque é que vocês não se largam desses chips? Porque é que gostam de andar chipados? Gostam de ser permanentemente monitorizados? Já não vos basta no vosso

trabalho? Já não basta a monitorização ilegal, ilícita, ilegítima, inconstitucional e imoral que o vosso patrão vos anda a fazer? Que os donos das discotecas, dos restaurantes, dos cafés, até das mercearias até dos cabeleiros vos andam a fazer, já não bastam esses? Já não vos bastam esses? Não vos bastam?

Como é que as pessoas se estão a sujeitar desta maneira à tecnologia???? Como é que se sujeitam assim tecnologicamente???? Eu só me sujeitaria se tivesse uma arma apontada à cabeça, como é lógico! A não ser que me apontassem uma arma à cabeça é que eu namorava, comia, bebia, ria, namorava, chorava, cantava, dançava, namorava, gozava, filosofava, poetizava, namorava, suspirava, abraçava, sorria, namorava, desabafava, pensava, beijava, namorava à frente de uma câmara! Mas se calhar, sou eu que não vejo as armas apontadas à cabeça das pessoas! Se calhar, estou tão metido nas minhas coisas, na minha natureza, no meu namoro, nos meus amigos, nos meus valores, na minha família, nos meus direitos, nas minhas heranças, nas minhas memórias que não vejo as armas apontadas às cabeças das pessoas. Se calhar, de tão tecnológica que está a Era, as armas são tão tecnológicas que são invisíveis. Se calhar, de tão invisíveis que elas são, as armas nem existam! Ou existem? Se calhar, existem na imaginação das pessoas. Veem os patrões com armas que eles nem têm, nem sequer as podiam usar. Como é que veem os patrões armados em poderosos, se o Direito lhes tira logo esse poder? Se o Direito não lhes dá esse poder? Então, são só armados. Armam-se às armas! Porque as câmaras instaladas pelos patrões são pistolas sem balas.

Como é que elas deixam isto estar a acontecer???? É que são elas que estão a colaborar com isso! São elas próprias! São elas próprias que estão a colaborar com esse mercado de dados de tudo e mais alguma coisa. Ao invés de saírem do café, de irem a outro café, não... Continuam a meterem-se lá... Ou andam tão distraídas com os telefones que nem se aperceberam que, de repente, o café onde vão tem lá agora uma *big* câmara instalada – o café onde iam desde sempre e nunca teve lá *big* câmara nenhuma – ou então, acham que é só mais uma extensão do seu sistema de câmaras inteligentes de Internet das Coisas e estão só à espera que alguém carregue no interruptor e faça-se, de uma vez por todas, luz naquele circuito e se ligue. Se veja tudo. Se veja tudo com outros olhos! Se calhar, estão à espera disso... Devem estar tão ansiosas por verem as suas pontuações dita(da)s pelos algoritmos... Parece que as pessoas querem mesmo ser pontuadas... Parece que gostam! Parece que têm prazer em estar na lamela do laboratório tecnológico! Se calhar, têm orgasmos em ficarem de barriga para cima, presas ali à lamela e a verem aquele revólver a disparar as objetivas... Aquelas senhoras objetivas! Aquelas monstruosas objetivas que ligadas à Internet seja por Dados Móveis, seja pelo Wi-Fi, seja pelo 4G, seja pelo 5G, seja pelo 6G, seja pelo 7G, seja pelo 8G, seja pelo 9G estão a processar tudo o que veem e tudo o que ouvem ao milésimo de segundo! Ainda não perceberam???? E pior... A darem cancro! A enlouquecerem as células. É uma nova economia, a Medicina de Precisão.

É que quererem estar a *auto-monitorizarem-se*, enfim, não tenho nada com isso... Mas é que não estão só a *auto-monitorizarem-se*... Estão também a “*auto*”-*monitorizarem* a mim e ao

meu namorado! Vocês podem não ver os meus beijinhos e do meu namorado, porque vão imergidos, mergulhados, dentro dos telefones... Mas as vossas *big* câmaras apanham-me os beijinhos com o meu namorado que vos escapam. Lá porque vos escapa a vocês... Que não percebem nada de economia nem de Direito nem do *Mundo dos Dados*, eu não tenho que levar com a vossa estupidez! Desculpem lá, mas não tenho! Não têm que estar a apontar-me permanentemente a mim e ao meu namorado com a porcaria das vossas *big* câmaras! Nunca ouviram falar de reconhecimento facial? Eu fico a arder em febre só de ter que vos explicar isto! Não quero explicar! Mas vou explicar-vos uma vez mais, mas por outras palavras, para ver se entendem melhor: se não são as empresas que vendem os telefones a capturarem-vos as impressões digitais, a biometria das vossas personalidades, os traços das vossas personalidades, então são as empresas dos vossos patrões, que vos obrigam “a picar o ponto” com “o dedo”!

Saem dos colégios, das faculdades e metem o “charrinho” na boca e lá vão a andar a mandar uma passa em que cada passe que vão andando. Não olham para mais nada! É o telefone e pronto!

E se queres entrar na vida deles, tens que te pôr no telefone deles, não vale a pena, porque eles não te vão ver, por mais bonito que sejas! Tens que te transformar numa realidade virtual, numa fotografia, num tronco nu e conseguires ir parar ao telefone deles. Nem vale a pena despires-te à frente deles, podes tirar a camisola, mesmo à frente deles, podes ficar à frente deles

com os músculos suados, com os músculos bonitos doridos do ginásio, que eles não vão ver a não ser que envie os músculos lá para os telefones deles.

Saem das empresas e os patrões põe-lhes as pilinhas na boca e pronto, já não se lembram de nada do que se passou. E nem querem perceber nada. Sabem lá se o patrão deles pode ou não instalar câmaras pela empresa toda. Sabem lá se o patrão pode ou não espalhar microfones pela empresa toda. Sabem lá se o patrão está a vender os dados deles lá no mercado dos dados. Esse mercado que dizem que é novo, mas que não é nada (de) novo. E falam dele como se fosse uma coisa normal, que não é! São os nossos dados! São as nossas conversas! Vejam as coisas! Sempre metidos nos telefones, sabem lá o que se anda a passar com o Direito e com o *Mundo dos Dados*... Não veem o Direito a passar-se? Não veem o *Mundo* a passar-se? Não veem tudo a passar-se? Está tudo a passar-se ou quê? Claro que não veem nada! Só veem os telefones, só querem é ver músculos e mamas no telefone! Só veem os músculos e as mamas que lhes passam nos telefones! É isso que eles veem a passar...

Ao menos olhem para o rapaz musculado que está farto de olhar para vocês! É que ainda por cima, é um rapaz do Direito e detesta o vosso patrão de dados!

** A cor da alma **

Somos alma. O nosso corpo tem lá uma alma. Nessa alma pode haver um ou muitos espíritos. Será o espírito o conjunto das almas ou a alma o conjunto dos espíritos? Alma e espírito são a mesma matéria? São a mesma dimensão? Pertencem à mesma matéria? Pertencem à mesma dimensão? São sequer matéria? Eu sinto o espírito ou a alma do meu namorado? Eu diria que sinto o espírito dele em mim, mas vejo a alma dele! Vejo a alma dele e sinto o espírito dele! Que me possui! Que me domina! A alma não possui nem domina, simplesmente aparece, simplesmente se vê. Será que isto poderá revelar-me em alguma classificação? Será que isto poderá dizer algo? Indiciar o quê? Eu dizer que sinto o espírito, mas vejo a alma? Vejo o que há na alma... É o espírito que influencia a alma ou a alma que influencia o espírito? Pode haver almas no mesmo corpo? Eu diria que não... Eu diria que há uma alma. E essa alma é o conjunto dos espíritos. O conjunto dos espíritos que influenciam a minha alma. Mas, que influenciam a minha alma. Que pertencem à minha alma. Que para além do meu espírito, que é só meu, há ainda em mim, o espírito do meu namorado, da minha melhor amiga, dos meus cinco melhores

amigos, da minha mãe, do meu pai, de três tias que são irmãs do meu pai, de dois tios que são irmãos da minha mãe, de uma prima minha que é filha de uma irmã da minha mãe, de uma prima minha que é filha de uma irmã do meu pai, de um primo meu que é filho de uma irmã do meu pai, da minha avó, da minha professora de português do 7º ano, da minha professora de Ciências Naturais do 7º ano, da minha professora de Direito Penal, da minha professora de Economia... E, é isso... É isso que eu trago na alma... Os espíritos que eu trago comigo determinam a minha alma... Então, talvez já faça um pouco de mais sentido quando se fala em áurea... Agora sim... A áurea, será vá... A cor da alma... A leitura tecnológica da alma... O levar a alma à fotografia... O revelar da alma... E, se assim for... Então, já não me escandaliza essa precisão... Essa nova precisão da alma da *Biblioteca de Almas* do 2080 de Antoine Canary-Wharf... Ver-se lá as energias... A soma das energias... Mas neste raciocínio... A alma encerra uma soma de espíritos... De divindades... De romances... De traumas... De memórias... Está carregada de tensão e emoção... Está cheia de energia.

Há espíritos que se agarram à alma... Porque há espíritos que se agarram à alma! E agarram-se sem nenhuma permissão, sem nenhuma autorização, sem nenhuma condição, sem nenhuma restrição. Simplesmente agarram-se... E a alma traz os espíritos sem querer... E traz os espíritos bons e os espíritos maus... Então, pode haver uma luta... Um conflito tecnológico interno na alma, dentro da alma. O meu espírito a expulsar os espíritos anteriores. E o que é “este meu espírito a expulsar” um espírito anterior? É simplesmente o meu cérebro a destruir a memória que tinha de um ex-namorado. A ignorá-lo. A tirar-lhe

importância. A esquecê-lo. O corpo dos meus ex-namorados, entraram na minha mente. Quando eu gostava deles, eles tiveram lugar na minha mente e no meu coração. O espírito deles habitou a minha alma. A minha mente, o meu cérebro e o meu espírito gravaram-lhes os corpos. Sabia de cor os corpos deles. Sem ver. Sem tocar. Houve uma gravação deles na minha alma. Mas quando há uma gravação há também “um gravar por cima”. Gravei corpos por cima de outros. Sobrepos corpos. Tive alguns namorados. Gravei o corpo de um novo namorado que tive, por cima do corpo do ex-namorado que tinha gravado. Eis um possível conflito tecnológico interno da alma.

Se eu não conseguisse gravar bem os novos namorados, eu estaria com o novo namorado e sem querer aparecer-me-iam imagens dos ex-namorados. Que é o que acontece quando se anda com um namorado e ainda se pensa no outro. Eis um conflito tecnológico interno da alma. Porque, ainda, não se gravou bem o novo namorado. O outro namorado “ainda aparece na mente”.

Desde que o meu namorado apareceu, eu não me lembro de mais nenhum outro namorado. E tive tantos. Tinha dito alguns. Mas tive tantos. O meu namorado é como se fosse o meu primeiro namorado. É como se não tivesse tido nenhum outro namorado. Aqui, não houve uma gravação por cima. Houve uma formatação. Uma configuração tecnológica. É possível estarmos altamente configurados e formatados no amor só para uma alma, tão-só para um espírito. Porque a alma pode ter sido configurada. Pode ter sido programada. Acreditar-se nesta configuração da alma faz acreditar na tecnologia da alma. Se a alma é assim tão

tecnológica, eu não vou deixar que nenhuma tecnologia capture a tecnologia da minha alma!

E neste ter que andar *À Velocidade da Luz* pareceu-me agora que, sem querer, teletransportei isto da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari.

** Máquina **

A máquina “julga-se” ser máquina. E a máquina por “se julgar” máquina, “julga” que já aprendeu tudo. Só que não aprendeu. Sem humanos não aprende mais nada. Fica naquele(s) algoritmo(s)! É esta a minha teoria, de todas as teorias que andam por aí!

Porque eu também fico nos meus algoritmos. Repito sempre à sociedade de informação, a mesma informação. Vício-a sempre na mesma informação. Na mesma tecnologia. Foi a minha tecnologia. Foi assim que os meus algoritmos me determinaram. É a minha tecnologia. É essa a informação de tecnologia que eu tenho e sinto inscrita em mim.

E repito sempre a mesma informação sem me cansar à sociedade de informação. Faço sempre a mesma pergunta retórica “como é que é possível, não é?”. E continuo em repetidos algoritmos “eu apanho toneladas de lixo, sempre que me cruzo na praia com lixo”, respiro com a sociedade e volto a injetar-lhe a informação do meu oxigénio “estamos em pleno século XXI e com tanta informação, as pessoas continuam a poluir o areal, as dunas e o oceano com toda a porcaria, senão são as gaivotas a engolir as beatas dos cigarros, são os peixes e as tartarugas que as confundem com frutos do mar, como é que as pessoas não sabem que a maior parte do oxigénio vem do fundo do mar e que são as algas marinhas que nos dão vida...” e num último remate, tento mais uma vez a sorte de informar a sociedade numa informação que me é algorítmica “e olho para o mar e passam 9 golfinhos e sem lhes tirar a vista do gratuito espetáculo acrobata que me oferecem apanho mais plástico que lhes asfixiariam as guelras, enquanto vejo pessoas que deviam ser proibidas de vir para a praia a deitarem o lixo para o areal como as mães deixam cair os bebés do colo, para irem a correr segurar os telefones filmarem os golfinhos”.

** Esponjas **

Porque nós somos esponjas. Repetimos o que vimos e o que ouvimos. A nossa mente vê aquilo que viu e ouve aquilo que ouviu. É por isso, que a seleção do meio, da informação, é tão importante. Seleccionarmos porque sabemos o que queremos ouvir e ver. Porque sabemos que a nossa mente tecnológica como é, vai gravar aquilo que vê e aquilo que ouve. Porque conhecemos

a tecnologia que trazemos dentro de nós. Sabemos que somos gravadores, porque nascemos com um gravador dentro de nós, que grava tudo. É por isso, que nos afastamos, numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, daquilo que não queremos que a nossa mente grave. Porque trazemos connosco permanentemente um gravador. Tapamos-lhe os olhos e fingimos que não ouvimos. É por isso, que fingimos, ignoramos, ultrapassamos. Estamos lá, mas não estamos a ouvir. É essa a nossa tecnologia. Conservar aquilo que somos e não nos contaminarmos com aquilo que não é nosso. Com aquilo que não nos pertence. Não ficarmos com os jeitos e traços dos outros que não queremos. Com jeitos feios. Com traços rudes. Com tiques toscos. Com um hediondo *savoir-faire*. Ficarmos só com os nossos e com aqueles dos outros que queremos, desses outros que são nossos, os que “foram” e estão gravados em nós.

**** O amor é nosso ****

O amor é nosso, porque o namoro é nosso. Mas a história também é nossa. Que ninguém nos tire a nossa história. O namoro, não nos podem mesmo tirar, porque é nosso. Não dá para nos tirar o namoro. Podem copiá-lo. Mas não podem nem nos tirar o namoro, nem namorar connosco. Podem *hackear-nos* o namoro, isso podem. Podem ficar a ouvir o nosso namoro. Mas não podem tirar-nos o namoro. Porque o namoro é nosso. Podem ficar a escutar ou a espreitar o nosso namoro. Mas podem tirar-nos a história. A história que nos pertence. Não nos podem roubar o amor, mas podem falar ilegitimamente do nosso namoro. Nós é que somos os legítimos os únicos herdeiros

legítimos para falarmos da herança do nosso amor e para irmos receber os lucros da nossa história. As moedas que os anjos nos atiraram do céu. A casa que Deus nos enviou do céu. É a nossa casa, são as nossas moedas. Foi o nosso amor, que é nosso, que nos deram as moedas e a casa! Então as moedas e a casa são nossas! Não nos podem roubar! Que nenhum algoritmo e que nenhuma inteligência artificial nos roube as histórias do nosso amor e do nosso namoro que são nossas e nos pertencem como um direito de propriedade amorosa.

E nesta sorte de propriedade amorosa, contratamos com o lobismo, porque primeiro contratamos connosco. Reconhecemos o lobismo, que afinal, também há em nós. Este sentido de pertença ao mercado. Este sentido de pertença ao mercado que nos faz ceder voluntariamente ou economicamente os nossos dados amorosos? Mas é este entregar de dados do nosso amor que nos faz sentir do mercado? Faz-nos pertencer ao mercado? Afinal é este *estocolmismo* pelo capital daquela bonita moeda que nos faz pertencer ao mercado? Há uma síndrome económica em nós? A mesma síndrome económica da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari?

** Natureza das coisas **

Porque a mim, é a Natureza, que escrevo sempre com letra maiúscula, como se estivesse a falar de Deus, que me dá a visão das coisas. E por isso, eu drogo-me na Natureza. É com a Natureza que eu me drogo. É em cada paisagem, em cada miradoiro que eu repito sem me cansar, que a Natureza me dá uma saborosa vista aérea das coisas. E drogo-me assim ao sabor da Natureza. Porque a Natureza a mim não me deprime. A Natureza a mim não me mostra depressão. Ela dá-me vida! Porque a Natureza, a mim, mostra-me sempre vida! E é com a Natureza das Coisas que eu quero estar ligado! Eu nasci ligado com ela! Não me podem agora arrancar dela!

Não me podem desligar da minha Natureza, da Natureza das Coisas, para me irem ligar à Internet das Coisas! E não vale a pena, virem-me dizer que a Natureza já está também ligada à Internet das Coisas, porque não está coisa nenhuma! Podem ter ligado à vossa natureza! Mas à minha Natureza não ligaram, nem vão ligar de certeza! Há uma Internet que liga as raízes das árvores umas às outras! Há uma gravidade que liga a Lua às marés! Há uma espiritualidade tecnológica que liga o meu cérebro às estrelas e à Lua! Há uma espiritualidade tecnológica que liga o meu cérebro às árvores! Há uma Internet que liga o meu cérebro ao corpo! É essa a Internet das Coisas a que eu estou ligado! Nasci a ver a tecnologia das árvores! E vi como as árvores nos gravam! Vi como as árvores são autênticos gravadores! E vi como o meu cérebro as grava! São árvores que tenho metidas na cabeça! São troncos que eu vejo! São pés que eu vejo! Gosto de pés, como gosto de troncos! Gosto de humanos, como gosto de árvores! Porque as árvores, são os melhores gravadores da vida humana!

E foram as árvores que me desgravaram os fantasmas! Que me arrancaram as raízes dos fantasmas do meu corpo! Foram as árvores que me arrancaram o medo de me enfiar sozinho à noite pelo arvoredo.

Quem vê as árvores não tem fantasmas à frente dos olhos, porque os fantasmas não assombram aqueles que veem as árvores, porque simplesmente não os conseguem assombrar, e por isso, não me conseguem assombrar.

Quem anda com as raízes das árvores e os troncos das árvores gravadas na sua mente, no seu espírito e no seu coração

anda sem fantasmas e demónios. Porque nenhum fantasma consegue *hackear* uma mente, um espírito ou um coração que vê as árvores. Porque a tecnologia desses fantasmas e desses hackers serão sempre inferiores a uma mente cheia de árvores, cheia de oxigénio, a uma mente que mais parece um arvoredo. Porque são os próprios fantasmas que têm medo desses arvoredos. E por isso, não conseguem *hackear* nada: nem a mente, nem o espírito, nem o coração. A única Internet que me *hackeia* é a Internet das árvores. E eu sinto-as a *hackearem-me*... E deixo!

**** Drogados ****

Estou farto de drogados!

Vão-se embora drogados!

Saiam da minha cidade!

Saiam!

Levem convosco a vossa droga!

Tirem-na da minha cidade!

Tirem-na daqui!

Seus drogados!

Seus fantasmas!

Vá,

Deem o baza tecnológico daqui!

Não ouvem?

Bazem!

Vão montar as vossas teorias,

As vossas conspirações, as vossas poligâmias...

As vossas orgias, as vossas tecnologias...

Fora daqui!

Parem de nos hipnotizar com a vossa barata bagagem!

Com a vossa conspurcada bagagem!

Com a vossa podre bagagem!

Com essa vossa bagagem que trazem cheia de droga!

Vocês cheiram a *chulé*

E têm os dentes podres!

Vá,

Bazem!

Levem daqui a vossa bagagem!

Levem daqui da minha cidade!

Curem-se,

Ou saiam da minha cidade!

Parem de drogar os estudantes!

Deixem-nos estudar!

Deixem-nos namorar!

Bazem!

E eu não tenho que lhe responder,

Que não quero a sua droga!!!

Porque, só, a sua pergunta, de rua,

Ofende-me!

Enerva-me!

Satura-me!!!

Saia-me da frente!

Desempate-me o caminho!

Está-me a empatar!!!

Está-me a empatar a verdade!

Está-me a empatar a lucidez!

Está-nos a empatar aos dois!!!

A mim e a si!

É que não evolui e não deixa evoluir!

Não se vê?

Não se vê a *desenvoluir*?

Não se vê a perder a memória?

As suas ligações?

Todas as suas ligações?

As neuronais, as sociais e as amorosas?

Não se vê a perder a voz?

Não se vê a perder a coerência?

Não se vê a perder a lucidez?

Mantenha-se lúcido,

Ó drogado!

Deixe a droga!

A Natureza é demasiado selvagem e perigosa para andarmos drogados!

Drogados,

Somos vulneráveis,

Qualquer cérebro inteligente predador

Captura-nos a mente como uma presa!

** A sociedade tem memória **

Parece que se esquecem que estão numa sociedade de informação. Esquecem-se da esperança média de vida do homem. Que não é nem 2 anos, nem 3 anos, nem 5 anos, nem 10 anos, nem 15 anos, nem 20 anos. Que se pode viver hoje até aos 100 anos com qualidade de vida e que amanhã vamos viver até aos 150, 200, 300, 500, 1550 anos com qualidade de vida. Tude depende da Medicina. Tude depende da Ciência. Tudo depende da Química! Tudo vai depender dos laboratórios e das farmácias! Mas esquecem-se todos os dias disto. Esquecem-se que cada palavra que dizemos, cada gesto que exprimamos, cada *pirete* que fazemos perante a sociedade vai ficar registado perante a sociedade.

A sociedade tem memória. Memoriza. Também se esquece. Mas esquecem-se que cada ato que fazem perante a sociedade tecnológica (porque a sociedade gravou com câmaras) fica registado perante a sociedade tecnológica. A sociedade

tecnológica tem armazenamento. Armazena. E está cheia de cartões de memória. Que vai inserindo e guardando. Vai guardando a informação toda como conchas que vai apanhando no mar. Sabe que as conchas vão desaparecer se continuarmos a contaminar como contaminamos, porque ao contaminarmos impedimos os bivalves de produzirem as suas conchas; a nossa poluição interfere no processo de formação de concha deles. Então, vão se tornando valiosas. Mas também sabe que os dados são o petróleo no mercado negro regulamentado pelas mãos e mentes negras. Então, vão colecionando os dados. Uns em telefones. Outros em colunas. Em colunas de dados. Outros em *power banks*. Em poderosos bancos de dados. Outros em computadores. Outros em câmaras. Outros em gravadores. E vão roubando a propriedade como se o artigo 199º do Código Penal não existisse. E vão fazendo tudo isto, violando sistematicamente e grosseiramente a dignidade humana e todos os outros direitos fundamentais.

Chamam “gorda” às gordinhas que um dia os vão empregar. Porque acham que chamar “gorda” a uma “gorda” na praia da Cordoama só porque são da “pequena” Lisboa ou de Paris ou de Milão não faz mal. Porque acham que podem dizer tudo. Quando não podem! Não é isso que quer dizer liberdade de expressão. Liberdade de expressão não é eu dizer tudo aquilo que eu penso. Liberdade de expressão é eu dizer aquilo que eu penso sem que aquilo que eu penso ofenda ou viole algum dos direitos ou restrinja as liberdades e garantias também dos outros. Se calhar, para alguns, isto pode ser muito complexo. Mas se assim for, é porque estão atrasados na sociedade. É porque não acompanham os valores, nem a evolução da sociedade. Porque há

valores dentro da sociedade. Há regras dentro da sociedade. Se calhar, a droga fez-vos esquecer algum processo básico da vida e agora sem essa base vejam isto demasiado complexo ou demasiado subjetivo. Isto é simples e objetivo! “A gorda” ou “o paneleiro” ou “o preto” para além de terem complexos direitos de honra e de boa reputação dentro da sociedade, têm ainda dignidade e sentimentos e emoções, porque são pessoas que têm ouvidos que levam aquilo que ouvem aos cérebros deles e faz mexer com eles. Como faz mexer com qualquer outro humano. E ninguém tem o direito de interferir nem no cérebro nem na mente de ninguém gratuitamente. A ideia é a paz e o sossego. Não é instalar-se a desordem e o caos.

Mas chamam porquê? Porque acham que não vivemos e não participamos e não colaboramos em sociedade? Porque acham que nunca mais nos vamos cruzar? Ainda somos capaz de nos cruzar 3 ou 4 vezes, às vezes, num dia... Quanto mais numa vida... Claro que quem tem fatos invisíveis e passaporte para o *Júpiter* de Gabriel Garibaldi, é outra coisa... Mas é uma conversa alienígena... É para se ter com aliens. Mas nenhum alien conversaria com nenhum humano que não sabe primeiro viver na Terra e não faz um esforço natural para perpetuar a paz e o sossego, nem nenhum alien concederia o passaporte para *Júpiter*, para ir fazer a mesma bagunça em *Júpiter* que faz na Terra, para ir poluir *Júpiter* como polui a Terra. Nenhum alien quereria interagir com um humano que só sabe é fazer mal os outros, só sabe é fazer sentir mal os outros, e ainda por cima, tem prazer nisso, porque parece que é o seu alimento espiritual.

Só estão bem é a falar mal do dia, o dia todo, não sabem desfrutar nem deixar os outros desfrutar. Só estão bem é a dizer

que está tudo errado. Só estão bem é quando estão a *foder* na cama ou a jogar não sei o quê no telefone na praia... E lá quando passa uma gordinha ou um “paneleiro” ou um preto tiram a *merda* da cara do telefone e gozam... Que só dá vontade é de bater a esses *merdosos* que nem deviam ter ido para a praia, porque não sabem estar na praia, nem no jardim, nem em lado nenhum! Dá vontade de os expulsar da praia! Porque parece mesmo que não merecem viver na maravilhosa sociedade intelectual do século XXI. Quem não vê isto, quem não quer ser empático, quem não quer ser tolerante, quem não quer paz, façam o favor de sair. Saiam da sociedade! Saiam da cidade! Saiam da praia! Saiam dos jardins, se faz favor! Estão a ouvir! Saiam!!! Parem de os poluir com a *porcaria* das vossas beatas dos cigarros, ao menos, apanhem a porcaria das beatas! Apanhem as beatas, *porra!* Porque eu estou farto de apanhar a *merda* das vossas beatas radioativas! Não vos disseram que os cigarros são radioativos e deviam de ter um sinal de radioatividade nos maços de tabaco que vocês engolem?

Eu fico doente por vocês porem tecnologia em tudo e eu ter que ver... Até nos cigarros que vocês fumam, conseguiram pôr tecnologia. Até conseguiram ligar os cigarros, que agora são eletrónicos aos vossos telefones contabilizando os cigarros que fumam. Vocês são ridículos! Cai-vos um objeto tecnológico do céu... Plim! E lá vão vocês a correr comprar... Cai-vos uma aplicação tecnológica do céu... Plim! E lá vão vocês a baixar...Plim! Plim! Plim! É o som da vossa economia. Eu fico doente com essa vossa magia que vocês fazem... E eu não tenho que ficar doente! Mas às vezes, fico doente de ver essa vossa artificialidade no *Facebook*... Já nem falo no *Instagram* que no *Instagram*, então... É uma *superartificialidade*... E eu, nem gostava

de dizer esta expressão, achava a expressão “artificial” horrível, mas vocês humanos *supertecnológicos* parece que puxaram tecnologicamente a expressão dentro de mim; ou puxaram ou lá a implementaram. Eu acho que puxaram dentro de mim. Acho que puxaram comigo. Vocês puxam coisas de mim. Fazem-me puxar um espírito qualquer tecnológico maldisposto acordado. Foram vocês que acordaram o meu espírito, quando ele estava sossegado. São vocês que acordam o meu espírito, quando ele está sossegado. Ou porque passam-me raios-X com os vossos telefones ou porque estou a namorar e tenho que me calar porque aí vêm vocês *supertecnológicos* que de inteligentes não têm nada.

Quem é o inteligente é quem cria os algoritmos que processam tudo o que vocês dizem, que processam cada palavra que dizem, os gozos diabólicos e os nomes desengraçados, sem graça nenhuma, que chamam “à gorda”, “ao paneleiro” e “ao preto”. Esses telefones que “sugam” tudo de vocês, que vos consomem por inteiro. E depois vocês consomem os outros com a vossa estupidez. É esta, a vossa triste vida, basicamente. Parece que com os telefones ganharam uma nova mão, parece que têm uma mão metálica, parecem mesmo robots... E lá está, os robots não têm sentimentos nem emoções. Andam sempre com os telefones nas mãos, como se fosse uma extensão de vós, uma extensão do vosso corpo. E eu só de vos ver a trazerem atrás os telefones cheios de algoritmos, fico cansado de vos verem a carregá-los constantemente de trás para a frente. Não vos pesa? Lá na alma? Vocês não se sentem vazios? Pois, se calhar, como se sentem vazios não vos pesa tanto na alma, não é? Andarem a carregar dados para trás e para a frente... Os vossos dados, os meus e os dos outros... Vocês são uns transportadores de dados.

São autênticos robots. Só servem é para transportar dados. Transportar e armazenar. Nasceram para isso. Transportar, armazenar, arrotar e gozar.

Mas vocês não ficam doentes? É que se eu fico só de vos ver... E nem é nada comigo... Vocês não são nada na vida real daquilo que publicam no *Facebook* e no *Instagram*... Vocês escondem tudo. Vocês põem filtros em tudo... Eu não vos percebo... Eu vejo-vos todos os dias e vocês todos os dias publicam fotografias e as vossas fotografias não têm nada que ver com a vossa cara... Nem com a paisagem onde estiveram que como não reparam, só a fotografam, não conseguem ver que estragaram a cor e a realidade da paisagem... Mas que raio de magia tecnológica é que vocês fazem?

E se depois desta conversa toda, ainda continuam a lançar beatas e lixos para o chão da rua, da floresta, da serra, da montanha, da mata e da praia e a contaminar os oceanos, por favor saiam da sociedade, saiam da Terra! Porque a Terra não precisa de vocês! E chamarem “gordas” às gordinhas podem ter a certeza que é a mesma coisa que jogar lixo para a Natureza, para o Meio Ambiente, para a Terra, por isso, saiam da Terra! Se não percebem que não podem chamar “gorda” às gordinhas, “preto” aos pretos, gozar e explorar os mais inocentes, tentem fazer isso com alguém do vosso tamanho para levarem uma valente maquia! Que é o que merecem! Se não querem participar em nenhum dos trabalhos amorosos que há na Terra, escusam de se pôr a pensar em *Júpiter* do Gabriel Garibaldi, que nenhum alien vos vai vir buscar à Terra, porque nenhum alien vos quer em *Júpiter*, a não ser que seja para vos levar para *Calisto* para os aliens de *Calisto* de

Júpiter de Gabriel Garibaldi vos devoraram a carne viva que trazem nesses corpos humanos vazios.

Metam-se na louca corrida de Marte! Vão lá para Marte para expandirem os vossos cérebros! Vão lá para Marte! Saiam da Terra! É que aqui na Terra, há muitos trabalhos a fazer. O trabalho da empatia, o trabalho da solidariedade, o trabalho da paz, o trabalho do sossego, o trabalho do amor... Peguem no foguetão e vão lá para Marte! Concorram à NASA! Pode ser que a NASA vos queira levar daqui para fora... Saiam da cidade! Saiam da Terra!

**** Paguem-lhes viagens ****

Parece que os empresários também se esqueceram que vivem numa sociedade de informação. Não têm vergonha? De se saber que lucram 200 mil € por dia ou milhão e meio por mês, mas pagam 800 € aos vossos colaboradores e os enfiam em quartos com 6 beliches numa casa minúscula com uma cozinha e com uma câmara de filmar que vocês lá instalaram? Fora os microfones que vocês andaram a distribuir colado às câmaras na empresa que gravam e ouvem os vossos colaboradores e os vossos clientes... Acham que isso não vai ficar registado para sempre? E agora querem um perdão alienígena? Então imprimam casas decentes para os vossos “empregados”! Ou não têm dinheiro para comprar uma impressora a 3 D e imprimirem uma certa decência, a uma certa elegância e uma certa dignidade com que vos segura por baixo? Têm...

Têm dinheiro também para pagarem viagens aos vossos colaboradores. Paguem-lhes viagens! Para eles e para os namorados deles. Ou para eles e para as famílias deles, que só vos fica é bem na sociedade de informação tecnológica em que estamos todos inseridos. Se lhes dão casas para eles trabalharem para vocês em épocas sazonais dê-lhes um quarto individual, porque eles vão chegar cansados e não têm que estar a ouvir *transalbadas* e o *tungx da pugndx* infernal dos outros ou a levar o cheiro a erva e o cheiro a *chulé* dos outros ou a levar com as conspirações e as filosofias da vida dos outros. Já que vocês ligam tanto à economia, até podiam ver isto economicamente. Para um “empregado” vosso ter melhor rendimento no trabalho e estar mais feliz e “ali” a sorrir para os clientes, atraindo mais clientela têm que lhe dar um ambiente saudável e feliz. Não é enfiarem-lhes num quarto em beliches partilhado com outros 12 trabalhadores como se ainda estivéssemos no tempo da escravatura! Porque já não estamos! E os Direitos do Homem proibem e punem severamente a escravatura! Porque o que vocês fazem, é escravatura! Só que é uma escravatura muito mais subtil! Deixam os vossos colaboradores ouvirem música e tal no trabalho, “pagam-lhes” uma cervejinha no final do trabalho, agora até já os deixam fumar os seus charros à vontade e até dão uma passita ou outra com eles, e pronto, fica ali tudo muito subtil, tudo muito disfarçado... Não façam isto!

Não os tratem pior que os clientes! Não deixem os clientes falarem com eles como se fossem animais e não percebessem as palavras humanas que saem da boca da estupidez humana! Não façam dos vossos colaboradores museus! Eles não são museus! Nem são animais que estão presos no jardim

zoológico! Por isso, defendam o direito de imagem deles! É importante defenderem os vossos colaboradores, defenderem a vossa economia, quem colabora convosco na economia, quem participa convosco na vida para vos ver a chegar todos os dias num Ferrari. Os vossos colaboradores não estão em exposição nenhuma! Não são uma montra que se pode fotografar. São humanos e como tal têm direitos de personalidade e direitos de imagem. Devem impedir que os clientes os fotografem! Devem protegê-los! Abraçá-los! Não são os clientes que têm sempre razão! São os vossos colaboradores!

Vocês não têm nenhum direito de propriedade sobre os vossos colaboradores. Lá fora eles apanham as bebedeiras que eles quiserem, andam com quem eles quiserem e vão onde eles quiserem. Não os podem proibir de nada. E se tiverem algum regulamento onde esteja isso escrito, esse regulamento não vale nada aos olhos do Direito, porque é um regulamento inválido, não tem qualquer acolhimento legal. Não podem obrigar os vossos colaboradores em patrocinar ou fazer publicações relativas à vossa empresa. O *Facebook* ou o *Instagram* deles não é uma extensão do *Facebook* ou do *Instagram* das vossas empresas! Não podem baralhar as coisas. E não os baralhem. Porque a probabilidade de eles terem um ou outro amigo em Direito é muito grande. E se vocês não lhes disserem que Direitos é que eles têm, eles vão acabar por descobrir e quando descobrirem e souberem que no Direito o mais importante são os prazos e ainda estão a tempo de vos instaurar uma ação em tribunal, eles vão fazê-lo! O *Facebook* e o *Instagram* é uma página pessoalíssima deles. Não é vossa, nem das vossas empresas. Vocês não podem instalar câmaras nas casas que lhes atribuem. Eles têm que saber que

atualmente, qualquer câmara que se instale em Portugal tem que ter uma autorização da Comissão Nacional de Dados e têm que saber que nenhuma Comissão vos daria permissão para vocês montarem um *Big Brother* na vida deles sem celebrarem primeiro um contrato de milhões com eles.

Deixem-nos ir cedo para casa para fazerem amor com os maridos e com os namorados deles! Deixem ir os solteiros para os encontros da vida deles que vocês não estão a deixar... Se lhes deram um quarto, eles podem meter quem eles quiserem nesse quarto. Se lhes deram uma casa, eles podem meter quem eles quiserem nessa casa. Podem dormir com quem quiserem. Deixem-nos ir giros e perfumados. Sem irem para os encontros ou para os namoros ou para os casamentos a falar do trabalho. Deixem-nos ir para casa sem irem a falar dos stresses que vocês deixam perpetuar nas vossas empresas. As vossas empresas são o vosso reflexo. O reflexo das vossas mentes. O reflexo dos vossos cérebros. O reflexo das vossas políticas. O reflexo das vossas filosofias. O reflexo das vossas personalidades. O reflexo dos vossos espíritos. Maus espíritos dão em maus patrões. Bons espíritos dão em bons patrões. Só as empresas dos maus patrões é que estão cheias de stress. São stressadas como vocês são stressados. Querem mais um perdão alienígena? Desinstalem os microfones e as câmaras que stressam os vossos “empregados”. As câmaras são permitidas pelo Código do Trabalho para “proteger” pessoas e bens. Não é para monitorizar pessoas. A monitorização dos trabalhadores é proibida. As únicas pessoas que são monitorizadas num Estado de Direito são os reclusos que são vigiados à distância eletronicamente com os meios

eletrónicos. E os vossos trabalhadores não estão a cumprir nenhuma pena. Estão a cumprir um contrato de trabalho.

Querem mais um perdão alienígena? Tripliquem os ordenados! E triplicar é só o primeiro nível... Ainda há tantos níveis que vocês não estão a ver... Não podem estar a ver, para andarem a pagar 800 €, é porque não estão claramente a ver... Eu tinha vergonha de chegar de Ferrari à minha empresa e pagar essa *merda* de ordenados! Fica-vos mesmo muito mal chegarem assim à empresa. Fica-vos mal andarem assim de Ferrari. Fica-vos mesmo muito mal! Experimentem primeiro triplicar os ordenados e depois então voltem a entrar no Ferrari. É isso que faz sentido! Agora já sentem o motor? É esse o poder!

** Telepatizar **

As pessoas são tão bonitas! Será que elas sabem isso? Será que elas sabem como andam? Como se parecem a andar? Será que elas andam como andam, porque querem mesmo andar assim como eu ando? Será que elas gostam de se verem ao espelho? Para mim, as pessoas bonitas são as boas! Sempre que fico a olhar para uma pessoa, estou a ver o coração dela! Gosto mesmo de ver cabelos bonitos e fico a olhar para toda a estrutura do cabelo! Gosto de ver os sinais e as cicatrizes das pessoas. Gosto de ver tudo isso num raio-X tão rápido que não sei se chega a 1 segundo ou a 1 minuto. Às vezes, demoro no meu raio-X e é como se estivesse a meditar. É essa a minha meditação. Medito quando ando, quando olho. Não me ponho em bicos dos pés, com os

olhos fechados, não é isso que é a meditação. Viver é meditar. É como se estivesse também a *telepatizar*. Não *telepatizo* com todas as pessoas. Julgo só estar geneticamente predisposto a *telepatizar* com os bons, os belos e aqueles que vêm por bem. Imediatamente digo-lhes que são bem-vindos. E sou feliz nessa minha tecnologia. Sou feliz nessa minha virtualidade. Muitas vezes, sei que foi bilateral, e, portanto, uma verdadeira telepatia. Outras vezes, sei que foi unilateral. Mas até dessa unilateralidade consigo aproveitar(-me): ou simplesmente viajei ou simplesmente reformulei. Reformulei os meus convites. Reformulei a minha telepatia. Reformulei a minha tecnologia.

**** É o novo zumbido dronático ****

Com a janela aberta o exército-mosquito vai chegando e pondo-se a sobrevoar-me a noite toda num zumbido ensurdecador: parecem drones. É o novo zumbido *dronático*? Espero que não venham *ensurdar-nos* nem os ouvidos nem a vista! Porque nem que sejam silenciosos... Se não dão cabo dos ouvidos, dão cabo da vista. Se não fazem poluição sonora, fazem poluição paisagística, e o meu direito à vista? E o meu direito ao bom ambiente? E o meu direito à paz e à segurança tecnológica dos códigos de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi e d'*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy?

E se os drones forem invisíveis? Ah, sim! Acho que sim... Assim fica tudo muito mais “explícito”...

E este exército com quem contratei (não me picam) vão usando o meu corpo para as suas brincadeiras de voo. Parecem *ferraris* a voar. Fazem-me razias e depois atiram-se para as minhas orelhas, usam-nas como trampolins... E parece que estão num boomerang comigo. E passam a noite nisto. A sobrevoarem-me e a fazer razias sem me picarem.

Não têm que ir tirar sangue não sei a que humanos para a vossa reprodução sexual? Usem-nos para se reproduzirem... Vão lá então picarem quem têm que picar e batam as asas para fora do meu quarto e levem convosco essa vossa forma estranha de serem os meus pesadelos de drones.

Mas ao menos fazem-me acordar de madrugada para escrever sobre drones. O vosso zumbido inspira-me. Foi este o nosso contrato? O nosso contrato espiritual? Quando todos se queixavam das vossas picadas menos eu, dizia sempre a brincar que tinha feito um contrato convosco: abro a janela como gosto durante a noite, mas tenho que abrir a porta do quarto para vos dar a cortesia da servidão lá de casa. Bom, uma coisa é certa: prefiro mil vezes ouvir o vosso zumbido a noite toda e contratar convosco e saber que o sangue deles vai ser apreciado por sapos e camaleões. E eu adoro adormecer com o coxiar dos sapos e das rãs que vos vai abafando o som dos vossos voos. Assim prefiro contratar convosco, do que contratar com outros empresários e ser sobrevoado por drones, porque sei que essa febre louca polui, contamina e dá cabo de nós humanos, dos sapos e dos camaleões. Como? Ah!... Esqueceram-se dos materiais de que são

feitos os drones? E as fábricas onde são produzidas? E o lixo que vão ser? Ou só falamos de poluição, recursos e abelhas quando convém aos contratos? É uma conveniência de contratos, é o que é!

Devíamos era estar a contratar com as abelhas e com a ecologia! A ecologia e as abelhas odeiam os drones! E se as abelhas os odeiam, nós também os devíamos odiar! Devíamos odiar as vespas asiáticas e os drones que são uma ameaça às abelhas... E que engraçado... São também uma ameaça há espécie humana... Porque sem abelhas, não há humanos! Como é que um humano é capaz de matar uma abelha ou mandar outro humano matar uma abelha? Essa ação ou ordem devia matá-lo! Porque esses humanos, esses robots e esses drones são uma verdadeira ameaça à espécie humana!

** Drones **

Drones para a polícia? Ok!

Mas não é para as praias...

Não quero que o meu corpo,

Se torne num corpo tecnológico.

E que passe em grande zoom,

Nas esquadras tecnológicas.

A Polícia Marítima tem os jipes.

Que ande com os jipes na praia.

Não precisa de drones.

Nem precisa de poluir.

Que ponha gasolina sintética nos jipes.

Deve ser esse o investimento!

O investimento na gasolina sintética!

Não é nos drones!

A polícia tem que sair das esquadras.

Os polícias bonitos de Santarém,

Quando querem patrulhar o jardim das Portas do Sol,

Saem das esquadras.

E num bonito passe policial,

Desfrutam do jardim ao mesmo tempo que patrulham.

As esquadras de Lisboa,

Que imitem todas a esquadras de Santarém.

Que ponham os olhos,

Nos polícias bonitos de Santarém!
Porque há polícias bonitos em Santarém!
Que querem “segurar” a vida
E os direitos de cada um.
Que não querem ficar metidos na esquadra,
Agarrados ao telecomando dos drones.

As esquadras de Lisboa,
Que imitem todas as esquadras de Santarém.
Porque eu não quero ver drones,
A sobrevoarem o Jardim da Gulbenkian em Lisboa.
Não quero ver drones,
A sobrevoarem o Jardim do Parque Eduardo VII em
Lisboa.

Se há putedo no Parque Eduardo VII,
Vão para lá patrulhar a pé, ó senhores polícias.
Se há droga no Jardim do Arco do Cego,
Vão para lá patrulhar a pé, ó senhores polícias.
Não se ponham a sobrevoar os drogados,

Que de tão drogados que estão,
Não veem os seus direitos de personalidade violados.

A droga tirou-lhes a personalidade.

Porque se eu for para um jardim,
Com o meu namorado,
E nos pusermos num longo beijo,
Não quero que nenhum drone,
Seja de quem for,
Seja da Força Aérea, seja da Polícia, seja do Papa,
Capture esse nosso beijo.

O beijo é nosso.

Não é vosso.

Eu sou do meu namorado.

Não sou vosso!

O putedo não se resolve com drones.

A droga não se resolve com drones.

O mal não se resolve com drones.

Resolve-se com o patrulhamento, ó senhores polícias!

Que ponham o GPS na esquadra de Santarém.

Mas não é, o GPS no jardim das Portas do Sol.

Não é drones no jardim das Portas do Sol.

Eu não quero drones a sobrevoarem o jardim das Portas
do Sol.

Sou escalabitano. Não tenho este direito?

Não quero drones a sobrevoarem nem as praias,

Nem os jardins,

Nem as colinas,

Nem as serras,

Nem as montanhas,

Nem os picos de Portugal.

Sou português. Não tenho este direito?

Não quero drones a sobrevoarem,

Os recantos mais sagrados do mundo.

Sou humano. Não tenho este direito?

Drones para a Força Aérea? Ok!
Drones para a Marinha? Ok!

Drones para o Exército?

Já se deram drones para a Força Aérea...

As forças têm que comunicar...

A Internet das Coisas, se calhar faz falta,

É às Forças Armadas...

Drones para fins comerciais?

Mas que fins comerciais?

Para se fazer um filme?

Porque não?

É economia...

E num filme,

Há ali uma série de contratos,

De autorizações,

De registos e de licenças.

Estamos a filmar,
mas vamos pagar por esses filmes.

Vamos pagar,
A quem estamos a filmar.

Há ali contratos.

Houve ali contratos.
E há ali uma lícita e legal economia.

Haverá ali uma economia.

Haverá ali um filme.

Haverá ali uma telenovela.

Mas isso são economias lícitas.

São economias artísticas.

São economias cinematográficas.

São economias perfeitas.

E para fins científicos?

Lá está,

Outra economia perfeita!

É claro que é lícito!

Percebe-se o fim!

O importante,

É ver-se a finalidade.

A ciência tem uma finalidade.

A ciência forma e informa.

O importante,

É ver-se a informação.

O importante,

É ver-se a economia.

Ver-se a finalidade da economia.

E com a ciência, não de dados,

Isso vê-se!

Drones para as montanhas?

NÃO!

É um não redondo!

Nem drones,

nem câmaras de vigilância!

Nem câmaras nas montanhas,
nem nos jardins,
nem nas praias!

Que eu estou lá sempre a piquenicar,
A passear,
A dançar e a namorar.

Se querem vigiar as matas,
As florestas,
As colinas,
As serras e as montanhas,

Ponham a Guarda Nacional Republicana a cavalo!

É bom para os cavalos!

Ao menos, passeiam!

E dá mais emprego!

Que se especializem cavaleiros!

Que se abram mais vagas para a cavalaria da Guarda
Nacional Republicana!

Drones para encomendas?

NÃO!

É outro não redondo!

Nós somos imensos!

E se todos se lembrarem de encomendar?

Não ouvem os zumbidos?

Eu já estou a ouvir!

E ainda que sejam silenciosos...

O céu cheio de drones?

Que se invente rápido o Direito à Vista!

Se calhar, não se importam tanto com a vista,

Como eu me importo,

Porque nunca olham para a Lua!

E acham que a Lua,

“só aparece” de noite.

Não veem nem a Lua,

Nem o sol de dia,

Porque só veem o telefone à frente.

Já sem telefones, já viam pouco,

Agora com telefones é que não veem nada.

Se calhar, não se importam tanto com a vista,

Como eu me importo,

Porque nunca olham para as estrelas!

E não sabem,

Que o céu fica estrelado,

Todos os dias.

E não sabem,

Que só não se vê, daqui da Terra,

As estrelas,

Quando há nuvens a tapá-las,

Ou luzes a encadeá-las.

O Sol,

A Lua,

As estrelas,

A ursa maior,

Vénus e Júpiter,

“Estão” lá sempre a brilhar.

** As potentes câmaras **

Olha as potentes câmaras que aí vêm!

Olha os potentes ouvidos que aí vêm!

Olha os potentes olhos que aí vêm!

Olha os potentes microfones que aí vêm!

As traduções vão ser ao segundo...

Instantâneas!

Tens um Governo a querer vir meter-se aqui, ó Portugal!

Já lá se meteu numa ex-colónia tua, ó Portugal!

Já lá construiu uma ponte.

Já lá hackeou o *Banco Nacional*,

E já lá hackeou as florestas e o mar.

Porque quando um Governo constrói pontes noutra
Governo,

O Governo Mestre-de-Obras cria dívidas no outro
Governo.

E para pagar a dívida,

Agora, o Governo está a ver, de uma ponta a outra
ponta,

O Governo das Pontes, a levar todo o camarão.

E a cortar todas as árvores como extraterrestres,

Para também levar a madeira como leva o camarão.

Só quem é extraterrestre é que vê árvores como imóveis.

As árvores não são prédios.

As árvores não são coisas, ó Portugal.

E tu ainda, tens isso escrito no Código Civil?

Apaga isso!

Apaga!

Tira isso do Código Civil!

Ou o Parlamento está cheio de extraterrestres?

Ou os legisladores são todos extraterrestres?

Mas, é que nem os extraterrestres abatem árvores, ó
Portugal!

Até os extraterrestres querem aterrar na Terra,
Para nos impedirem de abatermos árvores, ó Portugal!

Apaga o que escreveste no Código Civil,

Porque as árvores são seres que estão vivos!

Que têm uma vida cósmica dentro delas.

E albergam uma vida planetária fora delas.

Apaga o que disseste sobre elas,

Antes que os extraterrestres traduzam num instante,

A estupidez humana!

Já não há lá camarão, ó Portugal!
Tens um Governo a querer vir meter-se aqui, ó Portugal!
Olha a potente tecnologia que aí vem!
Não estás a ver aqui o Governo?
Não vês aqui o outro Governo a querer entrar?
Andas outra vez a dormir?
Suspende imediatamente todos os contratos *dronáticos* que
tens em mente.
Cura-te dessa febre *dronática*!
E nem penses em contratar o Governo das Pontes,
Para vir construir pontes tecnológicas
E capturar o Banco de Portugal.
Não precisamos de mais ponte nenhuma.

Só a atravessar o Rio Tejo,
Temos já 16 pontes.
E isto não é Cultura Geral nenhuma.
Saber o número de pontes,

Saber quantos filhos tem o futebolista da Seleção
Portuguesa com mais golos marcados,
Saber com quem está a namorar o futebolista,
Saber qual a comida favorita do futebolista,
Saber se o futebolista gosta mais de loiros ou morenos,
Saber se o futebolista é passivo, ativo ou versátil,
Saber onde o futebolista foi passar férias,
Saber qual a data de nascimento do futebolista,
Saber qual o signo do futebolista,
Não é Cultura Geral nenhuma, ó Portugal!
Saber o rio, que as 16 pontes atravessam é que é Cultura
Geral,
Que é a Geografia do Tejo e de Portugal.
E andas a entreter o povo?
A meter na cabeça do povo que têm que seguir a vida do
futebolista,
Para não perderem a “Cultura Geral”?
Assim o povo perde o camarão e os crimes dos abates às
árvores.

Porque abater uma árvore para lhe sacar a madeira é um crime!

Não estamos tão bem no negócio da cortiça?

O negócio da cortiça não faz mal às árvores.

Tiramos a cortiça de 9 em 9 às árvores.

Para elas, é como se estivessem num cabeleireiro.

O negócio da cortiça não as mata, mas o negócio da madeira mata-as!

E o Governo das Pontes está de olho na Geografia Jurídica de Portugal.

Está de olho nas florestas de Portugal.

Está de olho no marisco e no peixe de Portugal.

Ainda não estás a ver aqui o Governo?

Ainda não vês aqui o outro Governo a querer entrar?

É um Governo *dronático*.

É um polvo tecnológico.

Não sentes os tentáculos do polvo a entrarem?

A penetrarem-te?

São tentáculos tecnológicos.
Que vêm cheios de tecnologia.
Vêm cheios de armadilha.

**** Há um mar dentro de nós ****

Há um mar dentro de nós.
Esse motor que nos traz.
E nos leva sempre num constante *refresh*.

Há ondas dentro de nós.
Cheias de história,
Que contam tanta história.

Há um oceano dentro de nós.

Com uma profundidade misteriosa.

Que implora tão-só à nossa exploração.

Há peixes dentro de nós.

Que de um lado para o outro,

Nadam no oceano que habita em nós.

E quando há peixes,

Há pescadores.

Há oceanos,

Que seduzem mergulhadores.

Quando há ondas,

Há surfistas.

E aos mares,

Atrevem-se marinheiros.

Mas somos nós,

Os únicos pescadores legítimos desse peixe.

E somos nós,

Os únicos mergulhadores legítimos desse oceano.

E somos nós,

Os únicos surfistas legítimos dessas ondas.

Como sou eu,

O único marinheiro legítimo deste meu mar.

Há pescadores,

Que nos querem pescar os pensamentos.

Há mergulhadores,

Que querem mergulhar no nosso cérebro.

Há surfistas,

Que nos querem apanhar as histórias.

Há piratas,

Que nos querem roubar o mar.

Que nos querem piratear.

Que nos querem *hackear* o mar,

Só porque descobriram a tecnologia do mar.

Só porque descobriram que o mar era tecnológico.

Só porque descobriram que o mar tinha tecnologia.

Os marinheiros navegam legitimamente no mar.

Os piratas exploram ilegalmente o nosso mar.

** Francamente, ó Portugal **

Fazer entregas por drone em Portugal?

Encher os céus de drones em Portugal?

Vai ser drones por todo o lado?

Mas que raio de olhos estamos a deixar poisar em nós?

Mas o Direito Administrativo Comercial anda louco ou
quê?

Ah! Ainda não foi inventado?

Então, que se invente com a sua loucura!

Mas, rápido!

Às tantas,

Temos um sistema administrativo estrangeiro,

Aqui implementado, não?

Já não bastam os telefones,

Que tecnologicamente lançaram para cá,

Que cá largaram como bombas e dinamites.

Como se (se) tivessem posto tecnologicamente,

Dentro dos nossos formigueiros.

Pois é...

Lembro-me de vos ouvir dizer “parecem formigas”,

Por causa do trabalho...

E parece que o formigueiro ouviu...

Tecnologicamente lá foi parar,

A mensagem traduzida.

E o seu exército das formigas avançou.

Ó Portugal!

Como é que não vês isto?

Videovigilância por drones?

O quê????

Ainda por cima, de outros Governos?

De empresas estrangeiras que são quase monopólios
administrativos governamentais?

Francamente, ó Portugall...

**** Intrigas Tecnológicas ****

Deixem-se de intrigas tecnológicas! Parem de fazer intrigas à frente dessa câmara! Saíam dessa câmara! Parem de falar à frente dessa câmara! Que vos grava as danças, os risos e os talentos. Tira-vos de vocês e teletransporta-os para outros corpos a quem paga com quem celebram contratos e vos deixam de fora. Mas de fora, do contrato. Porque, se tiverem dinheiro para o bilhete, então podem ir, à vontade, ao cinema e ao teatro ver os vossos espíritos noutros corpos. Vão lá! Vão lá ver o filme que saiu! Vão lá ver o vosso espírito no cinema...

Parem de fazer graçolas à frente da câmara. Parem de se entregarem de bandeja para casos de estudo. Assim, não vão sair desse estudo. Vão ser sempre um caso de estudo. Enquanto o vosso patrão vos põe a comer mal, vos paga mal e ouve os vossos choros e lamentações na câmara, fica iluminado... Fica iluminado

a ouvir-vos... Mas não fica iluminado em triplicar-vos o ordenado ou dar-vos uma refeição completa com prato de sopa, prato principal, fruta e salada. Fica iluminado com outras iluminações. Fica cheio de ideias... Mas nenhuma em triplicar-vos o ordenado... Mas talvez a triplicar-vos o valor que detém das vossas ações no mercado de dados. É que vocês, nesses choros e lamentações e desabafos e intrigas e críticas, dão-lhes ideias... Vocês dão-lhes ovos. Ovos para vender no restaurante onde vocês trabalham e que dão títulos dignos de cinema como *A Galinha Dos Ovos d'Oiro*.

Ainda não perceberam? O vosso patrão não vos pode processar a voz! Ele não é nenhum patrão de dados! Vão ler os códigos que estão escritos e os que estão a ser escritos! Colaborem também vocês na escrita destes novos códigos tecnológicos com *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy... Não são vocês todos agora tecnológicos? Então, onde é que está a vossa tecnologia? Está a ser teletransportada, não é? E não conseguem ver esse teletransporte? Essa extração constante de dados? É que o vosso patrão, explora-vos o corpo, como vos explora as histórias.

Vocês quando se põem nessas cigarradas, debaixo das câmaras e dos microfones que o vosso patrão gentilmente instalou, a dizer que mamavam o patrão até ao final e estão-se nas tintas se ele dá uns riscos e tem mulher... Não se ponham a dizer isso muitas vezes... Que ele chama-vos tecnologicamente e teletransporta-vos em segundos para o escritório dele. Em segundos, ficam em joelhos a mamarem-no. Ele em segundos, põe-vos a mamar e põe-vos em segundos nos *sites* pornográficos que ele quiser. É um triplo ganho. Explora-vos no trabalho, nos

dados e na pornografia. A mulher dele não anda nos *sites* pornográficos. E nem faz ideia que ele gosta de pôr homens de joelhos a mamarem-no.

**** Ligar, mas com a nossa Internet ****

Talvez fosse bom começarmos a ligar as coisas. Mas com a nossa Internet. Não com a Internet dos outros. Não com o *Wi-Fi* dos outros. Com a Internet que há em nós. Se nós ligássemos as coisas, não iríamos querer ligar-nos à Internet das Coisas. Se estivéssemos a ver a Internet toda, não iríamos querer ligar-nos à Internet das Coisas. Não iríamos querer ligar-nos nem aos drones, nem aos autómatos. Os autómatos vão estar cheios de tecnologia. Não se pode dizer nada que vai ser tudo processado. Ainda não perceberam o processo? O senhor *Big Data*? Vai querer ouvir-vos 1000 vezes o que dizem ao vosso namorado no automático. Vão estar sempre em cima de vocês. O que dizem em casa. Os drones das vossas encomendas *supertecnológicas* vão ouvir as vossas discussões *supertecnológicas* e vão transformá-las em

intrigas cinematográficas e telenovelisticas *supertecnológicas*. Eu não percebo o porquê dessa vossa exposição. Eu vejo-vos sempre a discutirem de um lado para o outro. Querem mesmo que essa nova tecnologia que aí poisa no ar dos mercados venha pontuar as vossas discussões? Venha dizer que já está na altura de trocarem de namorado? E vos recomende logo o vosso novo namorado? Eu não percebo o porquê dessa vossa exposição...

Vocês já se expõem da maneira como se expõem, no *Facebook* e no *Instagram*, que é aterradorizante. Parece que não sabem escolher fotografias. Expõem os momentos mais íntimos que só vos envergonham, só vos torna num gozo... É um gozo tecnológico ver-vos a exporem-se da maneira como se expõem. E quem diz isto, não sou eu... Que sou só um espírito que vagueia silenciosamente muito vagorosamente por toda esta armadilha tecnológica... São os cientistas de dados! São eles que vos gozam! Eles estão constantemente a gozarem convosco! E não são só eles! São também os vossos patrões que lhes cedem “legalmente” os vossos dados! São também os tratadores de dados! Para os tratadores, vocês são uns animais! Estão dentro de um zoo... E analisam cada comportamento vosso, cada conversa vossa. Só num rebobinar que o vosso patrão faça vosso, num pequeno rebobinar, num pequenino rebobinar, num pequenino rebobinarzinho, ele consegue memorizar milhares de tiques, medos e paranóias vossas. É de rir, ouvir-vos cheios de paranoia: “eu disse chocolate e apareceu chocolate”, “eu disse magia e apareceu magia”, “o professor disse teletransporte e apareceu-me logo no telefone teletransporte”. Desliguem os dados e pronto! Desliguem-se da Internet e pronto! Desliguem-se dos telefones e pronto! Acaba-se a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari.

** Despachar o Direito **

Como a Internet das Coisas está a chegar aí tão rápido, talvez se possa chamar aqui à colação mais um outro assunto e fica já tudo despachado... Porque a sociedade de informação tecnológica está cheia de pressa e a seguir ainda tem que ir não sei para onde, nem ela sabe, a correr para chegar onde lá tem que chegar e tirar uma fotografia e pronto. E é assim, que agora a sociedade despacha os sítios. Despacha os resíduos. Despacha os namorados. E despacha a Natureza. É a despachar tudo e pronto. E como parece que nascem sempre novos assuntos e têm que ser despachados porque o Direito, a Psicologia e a Sexologia estão à espera, então é os sexólogos a despacharem a Psicologia e a Psicologia a despachar o Direito.

Mas a Psicologia agora despacha o Direito? Pois... Vem lá traumatizada pelos sexólogos que tem que despachar o Direito...

Ó Direito... Despacha-te!

Tu, faz alguma coisa...

Mas o Direito, enfim, como agora acordou para a *Dark Net* do 2080 de Antoine Canary-Wharf, para o *Grindr* e para o *Tinder* e viu lá os sexólogos... Enviou a localização e pronto... Está ali com o GPS metido naquilo e já não liga nenhuma à Psicologia... Despachou a Psicologia...

O Direito faz lembrar um marido estúpido que era o *Bom Pai de Família* e trocou a Mulher pela amante... Pela amante que nasceu mulher, só que depois operou-se e, de repente, transformou-se num homem, que afinal descobriu que gostava era de chupar pilinhas e dá mais jeito, afinal, não ter uma pilinha, e então está aqui instalada uma confusão por causa da Internet das Coisas que veio ligar tudo, quando não devia ter ligado tudo.

**** O Direito está ao contrário ****

O Direito está ao contrário. Está todo trocado. Então, querem pôr os cães nos cafés, mas tirá-los das praias? O Direito devia deixar os cães andar nas praias e não nos cafés. Já viram como os cães ficam felizes na praia?

**** Seleção induzida ****

Não estamos numa seleção natural, estamos numa seleção induzida.

Nós já saímos da seleção natural há muito tempo.

A seleção natural que se deu foi na fecundação. A seleção natural que se deu foi no emparelhamento genético. No cruzamento dos genes. No sortilégio do *crossing-over*.

Depois do corte do cordão umbilical, induziu-se o meio no indivíduo. Houve uma introdução do indivíduo no meio e uma indução do meio no indivíduo. E tudo o que demos ao indivíduo foi tudo rigorosamente selecionado. Demos alimentos

selecionados. Alimentos modificados. Alimentos manipulados. Alimentos processados. Nutrientes contados. Permitimos o contacto com algumas bactérias. Autorizámos o contacto com alguns humanos, alguns corações, alguns animais, algumas árvores, algumas flores, algumas energias, algumas electricidades, alguns ritmos, algumas danças, algumas melodias.

Passámos sempre a mesma melodia. O sistema tem uma melodia. Passámos sempre a mesma tecnologia. O sistema tem uma tecnologia.

Nós estamos numa seleção induzida. Se fomos selecionados, então houve uma manipulação do meio. A tecnologia que protege ou a economia que protege ou a divindade que protege ou a natureza que protege. Quando se protege em particular, está-se a atribuir uma vantagem. Está-se a privilegiar. Há um certo privilégio. Há uma *privilegiação*. Essa vantagem ou privilégio não tem que ser ilegítima ou ilícita. Até podem ser muito lícitas.

Se eu, Universo, ou se eu, Informática, ou se eu, Medicina, souber que há ali uma célula terrorista, uma célula de pedofilia ou uma célula cancerígena porque é que eu, Universo, ou eu, Informática, ou eu, Medicina, não posso apontar os raios gama e derreter, destruir, desfazer o cancro? Vou deixar o cancro tomar as leis da seleção natural e ficar como mero observador a ver quem tem mais força, se é o bem ou o mal? Não vou! Não vou ficar a ver um bando de perversos a darem uma tarefa a um inocente e dizer que se o inocente levou uma tarefa foi porque foi a seleção natural, porque não foi seleção natural coisa nenhuma! Não posso usar a seleção natural como desculpa para tudo. Como

desculpa para o meu preconceito ou para a minha preguiça ou para a minha estupidez.

Com toda a precisão tecnológica que agora se tem, não vou ficar a ver a tecnologia a interferir perfidamente e dizer que a tecnologia pífida faz parte da seleção natural, porque não existe nenhuma tecnologia que seja seleção natural. Toda a tecnologia é uma seleção induzida. Houve um querer de um mercado ou houve um querer de um sistema, que trouxe a tecnologia ao mercado e ao sistema. Não há aqui nenhuma seleção natural. E a tecnologia só vai ainda mais potenciar a seleção induzida.

Devemos interferir quando vemos que a tecnologia ou o meio são pífidos. Se há tecnologias a manipularem o meu meio, então eu, que sou uma tecnologia, também posso manipular o meu meio. Se vejo tecnologia pífida a querer penetrar no meu meio, não tenho que deixar penetrar por causa de um fantasma da “seleção natural”. Não tenho que deixar um *Anjo Tecnológico* penetrar-me, só porque ele diz que foi enviado pel’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e, por isso, vai mesmo ter que me penetrar. Ou só porque todo o meio ou toda a religião quer ver-me penetrado com um dos *Anjos Tecnológicos* d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Não é o meio que escolhe se eu vivo ou se morro. Não é o meio que tem que escolher. Porque o meio está viciado.

Não tenho que não me meter no meio, só porque se diz que há uma seleção natural das espécies, quando hoje já não há seleção natural nenhuma. A seleção natural foi termos nascido. Somos nós que temos que induzir o meio com os nossos corações, com a nossa eletricidade, com a nossa energia. Temos

que saber ver o meio. O meio é nosso. E o meio está contaminado. Está todo armadilhado. Está cheio de tecnologia que a qualquer momento faz bombas explodir. Está cheio de minas e armadilhas. É preciso desarmadilhá-lo. E se há magia negra a manipular o meio e se eu nasci com magia branca, então eu posso manipular o meio com a minha magia branca, com a minha tecnologia. E quem me diz que eu posso manipular o meio para o bem, é a minha própria natureza, é o próprio Universo.

É o universo que me diz que eu posso interferir no meio. Que eu posso participar no meio. Que eu posso colaborar no meio. Porque estão todos a participar. Estão todos a interferir. Estão todos a interferir na economia, na ciência, na tecnologia, na filosofia, na literatura, na mente e na humanidade. E estão todos a interferir, porque estamos todos numa seleção induzida.

E se eu vejo que essa “seleção natural”, afinal não é assim tão natural, então eu não vou deixar ver essa “seleção natural” ditar quem “deve” viver ou quem “deve” morrer. Porque essa “seleção natural” não tem que mandar nada. Porque assim também eu mando, então! Mas mandamos todos! Assim, também eu quero mandar. Assim, também eu quero manipular o meio. Porque eu sei onde está o bem e o mal! E eu quero acabar com todo o mal! Não quero mal aqui na Terra! Não quero ver mal! O mal tem que desaparecer imediatamente! O mal é o fazer mal. O fazer sofrer. Ninguém tem essa legitimidade! Mas e a Natureza terá essa legitimidade? E se a Natureza não nos quiser tanto aqui na Terra? E se a seleção natural foi por sortilégio termos nascido? Por divinamente termos nascido?

Se calhar, só ainda estamos aqui na Terra, porque a Medicina tornou possível a vida na Terra. Se calhar, só ainda estamos aqui na Terra, por causa do abraço de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi. As vacinas afinal não foram o sortilégio da extensão de vida? É que estava destinado termos poliomielite, tétano, sarampo, difteria e tosse convulsa. A tosse convulsa mata crianças! Quem é que inventou a vacina para a tosse convulsa? Um terço da população europeia morreu com a peste negra. Houve aqui alguma seleção natural dos que sobreviveram? Houve alguma indução das pulgas que transmitiam a peste negra? Quem é que trouxe as pulgas para a Europa? Houve uma indução de pulgas? Onde é que apareceram as pulgas? Apareceram da Ásia central. Aparecem da rota da seda. Quem é que inventou essa rota? Quem é que induziu essa rota na economia? A mão invisível da economia? Houve aqui alguma seleção natural dos que sobreviveram? Porque houve um isolamento de dois terços da população. Os que foram isolados, sobreviveram. Houve algum privilégio no isolamento? Alguma vantagem económica? Alguma vantagem patrimonial? Se calhar, não houve. Na altura, se calhar, havia mesmo uma seleção natural. Dos genes mais fortes que sobreviveram. Do sortilégio do *crossing-over*. Mas quem atribuiu esse sortilégio? A natureza? A divindade? E eles tinham essa legitimidade para manipular o *crossing-over*? Para atribuírem esse privilégio? Se calhar, tinham. Mas e hoje? Hoje já não estamos numa seleção natural.

Será que hoje não haveria mais uma seleção induzida? Será que hoje não há mais uma seleção induzida? Uma seleção mais económica? Uma seleção mais tecnológica? E se o espírito for tecnológico, uma seleção mais espiritual? E se o divino for

tecnológico como *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, uma seleção mais divina? De intervenção divina? Uma seleção de quem sobreviverá? Porque estamos numa seleção induzida. É que se o divino intervém, ainda que seja, só às vezes, então há uma seleção induzida. Mas quem é que tem essa legitimidade? De induzir? A natureza e a divindade têm essa legitimidade? De poder manipular? Corrigir? Escolher? Sim.

A natureza e a divindade têm essa legitimidade. De poder manipular. Corrigir. Escolher. Mas não se pode é dizer que essa seleção é natural. Porque não é. Há quem esteja satelitizado. Há quem tenha astros por cima das suas cabeças. Há quem tenha bússolas metidas no coração que fazem puxar ao núcleo e a cada um dos cantos da terra num maravilhoso magnetismo. E todos esses astros, satélites, bússolas e GPS são tecnologia. Mas eu só digo isto, porque tenho astros por cima da minha cabeça. Porque vejo os astros por cima da minha cabeça. Quando olho para eles, vejo a força que exercem em mim. Essa força gravítica, eu chamo de força tecnológica. Eu só digo que a natureza e a divindade são legítimas na forma como interagem com o meio e como o manipulam, porque os sinto e vejo como me manipulam. Porque sinto a tecnologia deles. E gosto. É por isso, que lhe dou toda a razão da sua legitimidade. Porque me é conveniente. A sua tecnologia atribui-me vantagens, privilégios, afetos, benquerenças, carinhos, alegrias e felicidades.

O universo da nossa mente é mais tecnológico do que outra coisa. Uma mente que está conectada ao Universo está mais tecnológica do que outra coisa. É uma mente tecnológica. Não precisa de mais nenhuma tecnologia, senão da tecnologia natural. Da eletricidade natural que existe em nós.

Uma tecnologia que interfere, se intromete constantemente na mente artificializa o indivíduo. Os satélites naturais naturalizam o indivíduo à Terra. Mas, os satélites artificiais artificializam o indivíduo no meio. Mecanizam o indivíduo. Robotizam o indivíduo. Num meio altamente tecnológico cheio de algoritmos não há seleção natural nenhuma. Há sim, uma seleção algorítmica. Uma seleção que é provocada e ditada pela febre dos algoritmos. Essa febre foi induzida. Então, nós estamos numa seleção induzida.

O Universo vê indivíduos. O Universo escolhe indivíduos. O Universo quer proteger indivíduos. E quando o Universo quer proteger, o Universo protege. O que é natural é o lobismo. A naturalidade de um lobismo ver os seus lobos e querer proteger os seus lobos.

Até podem ser as árvores que nos *hackeem* a mente. As árvores são altamente tecnológicas. Estão cheias de eletricidade. Podem ser elas as manipuladoras de tudo. Podem ser elas a principal fonte da corrente elétrica. Mas quando elas nos vêm induzir eletricidade e o nosso cérebro conduz, essa condução da energia e da tecnologia não é natural. Não é natural, porque foi induzido. Mas nem todos os indivíduos se ligam às árvores. Ou as árvores ainda não conseguiram manipular todos os cérebros humanos ou as árvores simplesmente não se ligam aos perversos cérebros humanos. Porque se as árvores interferissem com todos os cérebros humanos, manipulariam todos os cérebros humanos para que reconhecessem a sua inteligência e importância e proibissem o abate das árvores. E até esse *hackeamento* é manipulado, é configurado.

O meio perverso desconfigura. A tecnologia perversa desconfigura. Remove, extrai a capacidade humana em conectar-se às árvores e ao meio. Essa tecnologia perversa é induzida. Esse meio perverso é manipulador. O próprio meio está manipulado, está viciado. E o meio vicia. O meio manipula. Enquanto a tecnologia estiver constantemente a interferir conosco, nós não vamos sair da seleção induzida. E sair da seleção induzida, libertarmos-nos da seleção induzida, não é abatermos árvores ou assassinar as abelhas. Sair da seleção induzida é sair do programa dos programadores do sistema. Que nos programaram com as suas fantasias, com os seus fantasmas e com os seus algoritmos. Sair da seleção induzida é curarmos-nos da febre algorítmica. Desprendermo-nos dos algoritmos. Desprendermo-nos dos preconceitos. Enquanto os preconceitos e os algoritmos perdurarem no nosso sistema e quiserem trazer para o meio genes selecionados e editados, que são genes manipulados, que serão neurónios manipulados e que serão espermatozoides manipulados, o nosso sistema verá sempre o sortilégio da seleção induzida.

** Estás deprimido? Vem comigo ver **

Porque estás deprimido?

Estás deprimido por causa do tempo?

Estás deprimido por causa das nuvens?

As nuvens deprimem-te?

Só porque vês tudo nublado?

Ficas deprimido com o tempo nublado?

Há um estudo que diz,

Que ficas deprimido com o tempo nublado?

Só se for um estudo psicológico!

Porque isso é psicológico!

E tudo o que é psicológico,

Vem da natureza do pensamento!

Então vem comigo!

Vamos ver a Natureza!

Não quero ver esse estudo!

Quero ver a Natureza!

Quero levar-te à Natureza,

Quero que vejas comigo a Natureza.

Não acredito nesse estudo!

Eu acredito é na natureza!

Acredito naquilo que vejo,

Com os meus olhos.

Quero que vejas também,
Com os teus olhos a Natureza.
Quero que te libertes desse estudo!
Quero que te livres desse pensamento!

Eu levo-te à montanha
Não achas que o Direito,
Também devia vir à Natureza?
Não achas que o Direito,
Também devia subir connosco as montanhas?

Então vem comigo!

Vamos ver a Natureza!

(E) subimos a montanha,

Para ele ver,

Como afinal,

Eram belas as nuvens.

Como eram belas vistas dali as nuvens.

Vistas de cima, eram belas.

Se o Direito subisse e visse

O que vemos,

Ele não estaria tão nublado.

Ele não teria a vista tapada com as nuvens.

E não deixava taparem-nos a vista com os drones.

Ele queria proteger a vista.

Que se invente, de uma vez por todas, o Direito à Vista!

Porque a vista,

De todas as fontes,

É a maior fonte,

De alimento espiritual dos humanos!

As nuvens alimentam a montanha.

As montanhas alimentam as vistas.

E as vistas alimentam-nos o espírito.

E agora?

Afinal já não acreditas no estudo?

Afinal já o teu pensamento já tem outra Natureza?

Agora a natureza do teu pensamento são as nuvens?

Agora já gostas de nuvens?

Agora as nuvens já não te deprimem?

Agora a tua mente e o teu cérebro,

Querem acompanhar o tempo.

Querem acompanhar as nuvens.

Agora a tua mente e o teu cérebro,

Estão sintonizados com o tempo.

Estão sintonizados com as nuvens.

Agora a tua mente e o teu cérebro,

Querem acompanhar o Direito.

Agora a tua mente e o teu cérebro,

Estão juridicamente sintonizados,

Com o clima,

E com a Natureza.

A mente e o cérebro,

Acompanham o tempo.

A mente e o cérebro,

Não deprimem com o tempo.

Não é o tempo que os deprime.

O que os deprime é o pensamento.

A mente e o cérebro,

Não deprimem com o tempo.

Porque a mente não fica nublada,

Não fica nublada com o tempo.

Porque a mente vê as nuvens,

A mente vê através das nuvens!

Agora já queres proteger as montanhas?

Agora já queres também protegeres a vista?

Porque não queres perder,

A vista privilegiada da montanha?

Porque vais querer voltar a subir,

E outra vez a subir?

**** Não somos os únicos seres pensantes ****

E se os cães, os porcos, as vacas, os cavalos, as girafas, os elefantes, os hipopótamos, os golfinhos, as baleias, as mantas, as tartarugas, os macacos, os papagaios, os canários e os mochos pensassem?

E se nós não fôssemos os únicos seres pensantes?

Ninguém está a falar em seres racionais...

Quem disse que pensar é ser racional?

Quem disse que o pensamento é sempre racional?

Não é...

Há pensamento solto.

Há pensamentos soltos.

Pensamento com vida.

Pensamento em bruto.

O raciocínio é outra coisa.

É um pensamento lapidado.

O raciocínio é *diamantoso*.

Tem lá cálculo.

Tem lá matemática.

Tem lá trabalho.

E se os macacos

Se lamentassem num muro de lamentações?

E se os cães afinal sonhassem?

Eu vi o meu cão a sonhar com os olhos fechados, num ganido e numa briga como se estivesse num sonho ou num pesadelo.

Eu vi um macaco a levar a mão à cabeça como se estivesse a orar e a lamentar e não saio daquela lamentação durante muito tempo.

Então?

Se há uma oração ou uma lamentação...

É porque... Há...

Pensamento?

Se há um sonho ou um pesadelo... É porque... Há...

Pensamento?

Sim! Há pensamentos...

Então, os cães e os macacos têm pensamentos...

Se os cães têm pensamentos,
Os porcos também têm pensamentos.
Se os porcos têm pensamentos,
As vacas também têm pensamentos.
Se as vacas têm pensamentos,
Os cavalos também têm pensamentos.
Se os cavalos têm pensamentos,
As girafas também têm pensamentos.
Se as girafas têm pensamentos,
Os elefantes também têm pensamentos.
Se os elefantes têm pensamentos,
Os hipopótamos também têm elefantes.
Se os hipopótamos têm pensamentos,
Os golfinhos também têm pensamentos.
Se os golfinhos têm pensamentos,
As baleias também têm pensamentos.
Se as baleias têm pensamentos,
Mas mantas também têm pensamentos.
Se as mantas têm pensamentos,

As tartarugas também têm pensamentos.

Se as tartarugas têm pensamentos,

Os macacos também têm pensamentos.

Se os macacos têm pensamentos,

Os papagaios também têm pensamentos.

Se os papagaios têm pensamentos,

Os canários também têm pensamentos.

Se os canários têm pensamentos,

Os mochos também têm pensamentos.

Porque os mochos são sábios.

E os sábios têm pensamentos.

**** Inteligência sócio-afetiva ****

Não percebemos muitas coisas que os animais fazem que são inteligentes, porque usamos a inteligência humana como

padrão. Mas há muitas mais inteligências para além da inteligência humana. As plantas têm inteligência. Até têm a sua própria internet. A sua própria tecnologia.

Os animais têm inteligência. Até têm a sua própria comunicação. O seu próprio instinto. E quanto mais os vemos inteligentes, mais os queremos proteger! Mas que inteligências devemos proteger? Que animais inteligentes devemos afinal proteger?

Devemos (querer) proteger todos aqueles que, pelo menos, tenham inteligência emocional, inteligência social e sobretudo uma outra espécie de inteligência, a mais inteligente de todas: a inteligência *sócio-afetiva*. E é perfeitamente normal e perfeitamente natural querermos proteger os animais! E reconhecer esta nova inteligência *sócio-afetiva* é que deve ser a nossa nova tecnologia! Esta é que é a nova tecnologia. A sustentabilidade dos mercados, a própria economia verde roga isto mesmo – implora –, para a sua retirada dos mercados, para a sua *debandada* da economia, porque eles querem sair da economia, querem fugir da economia, e nós devemos deixá-los fugir! Já os objetificámos bastante, é tempo agora de os *desobjetificá-los*, descoisificá-los, porque eles não são coisas! Eles comportam sentimentos e comportam espíritos dentro deles. Não se metam com os espíritos deles, porque terão que prestar contas!

Mas se eu preciso de nutrientes e os vegetais não me chegam que animais vou predar? Que animais vou sacrificar? Mas eu não tenho que sacrificar nada! Quem inventou os sacrifícios é que deveria ser sacrificado! Nós não estamos aqui para andar a sacrificar nada, nem ninguém. Fomos convidados a nascer.

Sabemos que para termos uma boa saúde, termos qualidade de vida e vivermos uns bons anos a caminho da eternidade de mãos dadas com a ciência, precisamos de alimentos. Os vegetais não nos chegam. Precisamos de comer carnes e peixes. Os golfinhos comem peixes. Podemos comer peixes, porque os golfinhos comem? Os leões comem gazelas. Precisamos de comer gazelas só porque os leões também comem? Os leões têm a natureza deles... Podemos deixar as gazelas para eles. Não precisamos de comer gazelas, nem cangurus, nem carne vermelha nenhuma. A carne vermelha até nos faz mal. A única desculpa que poderíamos “arranjar” para comer carne vermelha seria por causa da anemia, mas podemos ir buscar a fonte de ferro aos brócolos, ao agrião e aos espinafres. Os leões não nasceram humanos e por isso, não estão obrigados a reconhecer nenhuma inteligência *sócio-afetiva* que reina dentro da família das gazelas e dos cangurus, nem tampouco estão obrigados a fazerem este raciocínio de onde ir buscar a fonte de ferro. Mas nós estamos. Como estamos obrigados a ver que há peixes que não têm inteligência *sócio-afetiva* e que podemos sim comer atum, truta e salmão e sentirmo-nos verdadeiros golfinhos.

Mas ser inteligente não basta. Eu não vou deixar de comer um animal só por ele ser muito inteligente. Os psicopatas são muito inteligentes. Mas não é por serem muito inteligentes que vão merecer o meu fascínio. A inteligência tem que ser emocional ou social ou *sócio-afetiva*. Por mais que eu veja o polvo como um animal muito inteligente, não o quero proteger ao ponto de não o querer preda. Predo-o, porque se ele pudesse ele preda-me-ia como preda todas as suas presas.

O porco por mais grandalhão que seja, o toiro por mais bisonte que seja, a vaca por mais gordalhona que seja não me vão predar. Podem evoluir o que ainda tiverem para evoluir que não me vão predar. Já têm mais que o triplo do meu tamanho e nenhum deles me preda. Quando me veem só me querem é beijar. Só querem é vir a correr para mim para que eu lhes encha a cara e o corpo de festas. Quando isto acontece e quando isto é real eu não vou continuar a predá-los! Eu tenho que parar de predá-los! É uma ordem da Natureza! É uma ordem de Deus! É uma ordem do Universo!

Ao contrário do porco, se o polvo evoluísse, se o polvo tivesse o triplo do meu tamanho, o polvo asfixiar-me-ia com os seus braços tecnológicos musculados e predar-me-ia como se eu fosse um caranguejo ou uma lagosta. E é assim que vejo o polvo tecnológico evoluído a predar-me friamente. Sem ânimo. Tão-só animado com toda a sua sofisticada tecnologia de ponta. E como todos os *supertecnológicos*, o polvo é um animal solitário. Para além de ser solitário, é canibal e está cheio de nutrientes. Dá-me, por isso, prazer comê-lo. Ao porco não! Nem à vaca! Mas dá-me prazer comer polvo, como me dá prazer comer crocodilos! Não como tartarugas! Adoro tartarugas! Faz todo o sentido protegemos as tartarugas! Elas olham-nos com curiosidade o dia inteiro. Esticam-se todas para nos cumprimentarem. Sabem quem somos. Reconhecem-nos. Pedem-nos festas na cabeça delas. Há um pedido que elas nos fazem e nós temos que lhes atender ao pedido. Temos mãos e corações para lhe mimarmos, abraçarmos, pegarmos. Podemos pegá-las. Elas deixam-se pegar por nós. Elas são capazes de nos amar. Os crocodilos não são capazes nem de nos amar a nós nem a eles, porque os machos devoram os ovos

das fêmeas. Os crocodilos devoram, numa crocante dentada, tartarugas. Partem-lhes o casco ao meio. Perante isto, não dá vontade de comer crocodilos? E os crocodilos não são carne vermelha, é a própria Natureza que parece que nos autoriza a comê-los: são carne branca.

E não é, por isso, que eu vou caçar gazelas só porque vejo os leões a caçar gazelas. Posso meter-me noutras caçadas. Na caçada aos crocodilos. Devíamos usar a nossa inteligência para predar os animais. Porque há animais que não deveríamos predar! Há animais que são tão sagrados como nós! Gostam tanto de humanos como gostamos de humanos! Gostam tanto das suas crias e protegem tanto as suas crias como nós gostamos dos nossos filhos e queremos tanto protegê-los! Quando nos apercebemos dessa inteligência, que sentem saudades, afetos, felicidades e alegrias temos que parar de predar e simplesmente procurar outros. Ver outros animais como fontes de nutrientes.

** Macacos, girafas e elefantes **

O parlamento espanhol “passou” uma resolução para dar direitos a grandes primatas em 2008 para os proteger do cativeiro ou de experiências. E isto faz todo o sentido! Parece que estamos a ver este 2008 e estamos a ver a abolição da escravatura de 1888 no Brasil ou estamos a ver o 1570 quando D. Sebastião libertou

os ameríndios ou estamos a ver o 1761 quando Portugal parou de comercializar negros e indianos.

É claro que não se podem comparar humanos a chimpanzés. Não é preciso compararmo-nos para os querer defender! É só preciso reconhecer! Em 2018 os Estados Unidos da América começaram a inventar os direitos dos elefantes, quando o elefante passou o teste da consciência. Foi a melhor invenção! Não há invenção melhor que esta! Trazer os elefantes para o Direito é a melhor invenção de todas! Foi a melhor invenção, melhor que qualquer outra nova tecnologia! Foi esta a melhor tecnologia que o Direito poderia ter inventado!

Quando fui ao jardim zoológico ver girafas e elefantes presos, foi como estar a olhar para um espelho! Para mim era a mesma coisa que me ver ali preso! Tinha 6 anos e nunca deixei de ver os elefantes inteligentes sem ser um elefante! Bastou-me ter estabelecido uma comunicação tecnológica com um deles. A nossa tecnologia foi termos prendido, um no outro, o olhar 6 ou 7 segundos. Bastaram-me esses 6 ou 7 segundos para saber que os elefantes e as girafas não deviam estar ali presos! Não precisamos de ser girafas ou elefantes para os não quereremos ver presos! Basta sermos humanos! Basta ser humano!

Em 2013 o governo indiano vem a banir os espetáculos de elefantes. Faz todo o sentido. O que não fez sentido nenhum foi ter-se sequer permitido. Mas essa permissão faz parte da história. Mas deve tão-só fazer parte da história. Não de um presente nem tampouco de um futuro. Ainda por cima, numa Era tão tecnológica como esta e como a que vem. Podemos trazer os

elefantes para o circo através de hologramas. Aí sim, é que podemos fazer uso da tecnologia!

E enquanto está o governo indiano em 2013 a banir o espetáculo com elefantes, porque é que nós em 2020 ainda andamos a fazer espetáculos com golfinhos? Porquê???? Isto é que não faz qualquer sentido! Se queremos ver espetáculos de golfinhos, é só irmos fazer praia ali na costa alentejana entre Troia e Melides, que os vemos a nadar rente às praias em grandes acrobacias todos os dias. Ou irmos ao Cabo Espichel e vermos do janelão da casinha arruinada que está mesmo na ponta do cabo o espetáculo dos golfinhos em pleno oceano Atlântico como eu vi com o meu namorado.

** Elefantes e hipopótamos **

Julgo ser um verdadeiro atentado à estupidez humana, aquilo que é ser humano. Introduzir robots no mercado quando ainda se têm elefantes no mercado? Só se for para libertar, de uma vez por todas, os elefantes do mercado!

Se esse for o preço, então, força! Tragam os robots! Ponham-nos lá no mercado, para se tirarem os elefantes do mercado!

Como é que alguém ainda não parou um pouco para ver os elefantes? Como é que alguém ainda não parou um pouco para

ver os hipopótamos? Olhem-nos nos olhos! Enfrentem-nos através do olhar! Mas não é olhá-los através da câmara que isso não vale rigorosamente nada! Estão mais interessados nos robots?

Quem é que pode estar mais interessado nos robots do que nos hipopótamos, nos elefantes, nas baleias e nos golfinhos? Quem???? Só aqueles namorados e maridos que trocam os namorados e as mulheres por robots, não?

É claro, que se trocam os namorados por robots, querem lá saber de elefantes, hipopótamos, golfinhos, baleias, abelhas, formigas ou tartarugas.

**** O Deus Tecnológico, de Simão Roncon-Oom ****

Obviamente (?) que todos querem estar dentro da linha de Deus. (Ou pelo menos, todos deveriam querer estar dentro da linha de Deus?) Todos querem estar na linha do pensamento de Deus... Dizem que há um livro sobre isso. Um livro que diz lá o que devemos fazer e o que não devemos fazer. Um livro que diz com quem devemos estar e com quem não devemos estar. Um livro que diz como devemos entender e não entendermos de outra forma as coisas. (Eu posso ir abrir esse livro.) Eu (até) posso ir abrir esse livro e segui-lo. É como se fosse a palavra escrita. Ver a palavra que Deus descarregou no meu coração. Ver

a palavra que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom me inscreveu tecnologicamente no coração. Ver escrita a palavra tecnológica que foi depositada no meu coração pelo *Deus Tecnológico*.

Mas se aquilo que eu vejo que está escrito for diferente daquilo que está inscrito no meu coração, então é porque não é essa a bíblia sagrada do meu coração. É porque não é essa a bíblia de Deus. Deus, é muito mais tecnológico daquilo que podemos imaginar! Haverá naturalmente coisas nessa bíblia que podemos seguir, mas outras que não. Fará sentido um livro sagrado ser sagrado numa parte e depois deixar de ser sagrado noutra parte e depois voltar a ser sagrado para depois deixar de ser outra vez sagrado? E se for esse o sentido, então o livro será sagrado até onde for sagrada a sua palavra. Até vermos onde é sagrada a sua palavra.

E quando não vemos mais sagrado um livro não devemos continuar agarrados ao livro. O livro é como uma tecnologia. Devemos conseguir desagarrar-nos da tecnologia se virmos o quão pérfida é a tecnologia. Devemos largar o autor, abandonar o político, largar o poeta, abandonar o legislador. Devemos procurar outro autor, ouvir outro político, procurar outro profeta e ouvirmos outro criador ou criarmos também nós as nossas fantasias já que estamos no mundo das fantasias.

Será que há quem julgue que um criador que criou o Big Bang e todos os elementos químicos que autorizam e possibilitam a existência do Planeta Terra iria enviar-nos a bíblia assim? Em papel? Gastando papel? É claro, que *O Deus Tecnológico* de Simão

Roncon-Oom não gasta papel nem tinta! Deus é mais tecnológico do que aquilo que imaginamos!

Por isso, os livros estão dentro de nós. A verdade habitará sempre dentro de nós. E Deus pertence à Era dos chips. Deus chipou-nos. E é o chip que Deus instalou-me que me faz sair da igreja, quando ela me diz que eu não posso namorar com o meu namorado e que tenho que arranjar é uma namorada para fecundar e encher de miséria, sofrimento, opressão, incompreensão e intolerância o Planeta Terra.

A palavra de Deus é só uma: amor! E o amor compreende todas as outras palavras, que fazem parte do mesmo conceito, que têm o mesmo léxico, o mesmo latim: paz, liberdade, tolerância e solidariedade. Porque é com amor que nos tornamos solidários. Não é com preconceitos, formatações, grêmios, estereótipos que nos tornamos solidários. Não é com discriminações ancestrais do tempo sabe-se lá de quem e do pensamento sabe-se lá de quem que nos tornamos solidários. Não é isso que é uma sociedade evoluída. Como não é também uma sociedade evoluída a que está toda ou agarrada ao telefone ou agarrada ao charro! Isso chama-se sociedade degradante! E a sociedade de Deus não pode ser degradante!

E eu vejo-vos constantemente ao segundo a degradarem a sociedade. Vejo-vos constantemente em cada segundo a degradarem as vossas relações, a trocaram os vossos maridos e mulheres pelos telefones. E se não é pelos telefones é pelas TV's. E se não é pelas TV's é pelos rádios. E vejo-vos a trocaram os vossos namorados e os vossos maridos pelos que estão no *Grindr* e pelo *Tinder*, pelos que vocês vão lá achar no *Grindr* e no *Tinder*.

Quem é que se mete dentro da igreja no *Grindr*? Quem é que se mete, digam-me!? Está no *Grindr*, enquanto está na missa? Está no *Grindr* enquanto vai à missa? Mas depois vêm dar-me sermões a dizer que Deus não gosta que eu tenha um namorado? Livrem-me desses (vossos) sermões! Livrem-me dessas (vossas) hipocrisias! Livrem-me dessas (vossas) tecnologias! Livrem-se disso!

** É ao cérebro, que eu tiro o chapéu **

Nós somos as melhores câmaras fotográficas. Somos os melhores gravadores daquilo que filmamos. Não precisamos nem de telefones nem de câmaras fotográficas para filmar nada. Nascermos com esses gravadores.

O cérebro está cheio de gravadores. Afinal está cheio de gravadores. E não há só um gravador no cérebro. Há mil gravadores. E podemos usar o que quisermos. Podemos usar todos os gravadores ao mesmo tempo.

Podemos saltar de um ângulo para outro, assim, de repente: é só fechar os olhos e rodar o corpo. E podemos gravar com tantos filtros quanto quisermos. Podemos filmar com memórias. Porque podemos adicionar os filmes do passado ao filme do presente. Podemos sobrepor.

É tão fácil sobrepor! Olhem só para esta tecnologia de ponta com que nascemos! Podemos também filmar com alucinações. Porque podemos filmar e alucinar ao mesmo tempo. Podemos chamar a nossa imaginação àquilo que vemos. Podemos estar a olhar para uma estátua e pôr-lhe o chapéu. Se há máquina

a que eu tiro o chapéu é à máquina que nos foi instalada: é ao cérebro que eu tiro o chapéu!

** A tecnologia da preguiça **

Há sim um sentimento útil nos nossos momentos de relax, descanso e conforto. E esse sentimento útil diz-me que estamos a ser úteis. Podemos sentir-nos úteis. Qual é a minha utilidade na piscina? Que utilidade há em estar para ali a boiar na piscina? Que utilidade há em cada preguiça minha? Toda! Há toda uma utilidade! Estou a ganhar energias para depois produzir. É importante é depois produzir, para a preguiça não se tornar numa inutilidade. O importante é ser-se depois produtivo. Mas se acabou por haver uma produção a preguiça tornou-se útil. E é, por isso, importante os pais deixarem os filhos preguiçarem. É importante preguiçar e espreguiçar muito, para sair-se depois da preguiça.

Enquanto estou na preguiça estou a poupar energia e tecnologia. Estou a carregar baterias. Estou a rejuvenescer. Estou a processar, a gerir, a organizar, a maturar tudo aquilo que tenho em mente para depois inventar, criar, expressar e construir.

** Erros do sistema **

Sabem o que são erros do sistema?

É (ter que) ver pessoas boas a chorarem.

É (ter que) ver pessoas boas a serem escravas de maus patrões.

É (ter que) ver pessoas boas a serem exploradas por maus espíritos.

É (ter que) ver mulheres e homens apaixonados a não terem tempo para chegarem cedo a casa para estarem com os maridos!

Paga-se para entrar na Natureza.

E os bons, que gostam da Natureza, não terem dinheiro para poderem estar na Natureza, é que são erros do sistema!

E os bons, que amam a Natureza, não terem dinheiro para verem e protegerem a Natureza, é que são erros do sistema!

Haver maus que destroem a Natureza de tudo e de todos, deixando-a em ruínas é que são erros do sistema!

Então o problema não é “o sistema”! Parem de falar como falam “do sistema”! O sistema de coisas vai muito bem. O Direito faz parte do sistema de coisas humanas. O Fisco faz parte do sistema de coisas humanas. A Administração Pública faz parte do sistema de coisas humanas. A Democracia faz parte do sistema de coisas humanas. O euro, o dólar e a libra fazem parte do sistema de coisas humanas.

O problema é haver maus dentro do sistema.

O problema é haver lugares para os maus se sentarem dentro do sistema.

O problema é haver maus sentados dentro do sistema.

Porque haver maus sentados dentro do sistema é que são erros do sistema!

Quem me dera que a Internet das Coisas fizesse ejetar das cadeiras todos os maus e os detonasse num voo tecnológico daqui da Terra para fora!

Quem me dera que os algoritmos sustentáveis mandassem explodir todos os maus, numa explosão que não aumentasse os átomos de carbono na atmosfera!

Quem me dera que os drones fossem a voar como mísseis telecomandados e disparassem empatia nos corações de todos os maus!

** Há uma normalidade **

Eu sou normal,

Não preciso das vossas filosofias de normalidade

Para nada.

Não são vocês anormais, agarrados, dependentes,

Cheios de grêmios e tecnologias instaladas na cabeça

Que me vão dizer o que é ser

Ou não normal.

Eu vejo as vossas instalações.

Vejo o que vos instalaram.

Vejo os programas que vos instalaram.

Vejo as aplicações que vos instalaram.

Vejo os preconceitos que vos instalaram.

Vejo os ódios que vos instalaram.

Vejo a intolerância que vos instalaram.

Vejo a criminalidade que vos instalaram.

Vejo o nazismo que vos instalaram.

Vejo o fanatismo que vos instalaram.

Não podem dizer,

Que o crime é uma coisa normal entre os humanos

Quando não é.

O crime é uma atrocidade.

O crime é uma anormalidade humana.

Às tantas, vivemos numa espécie de anarquia,

Onde vale tudo, não?

Onde vai valer tudo, não?
Onde vale mexer na mente dos outros
E na imagem dos outros sem autorização, não?
Ninguém está autorizado a interferir na mente dos outros.
Nem na mente, nem na imagem, nem nos dados,
Nem na impressão digital, nem na retina nem na íris,
Nem na mina do olho de ninguém!
Porque mexer na mina do olho de alguém é um crime!
É uma violação da integridade física
E da integridade psicológica,
Porque mexerem no olho de alguém,
Como mexem,
É traumático e interfere naturalmente com a mente.

Se querem interferir, interfiram convosco próprios!
Interfiram na vossa mente!
E aproveitem para se conhecerem
Nessas vossas próprias interferências!
Explorem-se a vocês mesmo!

Explore os vossos limites!

Não explorem o meu limite!

Não têm que andar a explorar o limite dos outros!

Não têm essa liberdade!

Não é isso que quer dizer ter “liberdade de expressão”!

Não é isso que é a “liberdade de expressão”!

Voltem para a escola

Para apreenderem de uma vez por todas o significado,

Antes de voltarem a deambularem pelas ruas da cidade!

Eu não tenho que andar a discutir convosco o meio das ruas, porque me tiraram uma fotografia ou me filmaram a dizer algo ao meu namorado.

Porque se me apanharem a dizer algo com os vossos telefones eu parto-vos legitimamente a porcaria dos telefones!

Mas agora eu tenho liberdade para andar a tirar fotografias a quem eu quiser????

Não tenho essa liberdade!

Isso não é liberdade de expressão!

Nem existe nenhuma liberdade nem direito em fotografar!

Mas que direito tenho eu, em ir atrofiar alguém?

Que direito tenho eu, em ir importunar alguém?

Que direito tenho eu, em ir desassossegar alguém?

Que direito tenho eu, em ir stressar alguém?

Não tenho direito nenhum!

Se não sabem viverem em sociedade, numa sociedade tecnológica, façam o favor de sair da sociedade!

Se não sabem usar tecnologias, numa sociedade tecnológica, façam o favor de largarem as tecnologias!

Porque vocês, afinal, são um perigo com tecnologias na mão!

Filmam tudo!

Fotografam tudo!

Esqueceram-se que há direitos.

Que vivem num Estado de Direito!

Esqueceram-se que há direitos de imagem, direitos de personalidade, direitos da reserva da vida íntima e privada, direitos de confidencialidade, direitos morais, direitos da honra, direitos ao bom nome, direitos de autor, direitos intelectuais, direitos de propriedade e direitos humanos.

Querem atrofiar, atrofiem-se a vocês próprios!

Como não vivem com os vossos atrofiados, como estão cheios de atrofiados, querem ver os outros também atrofiados, querem ver os vossos atrofiados nos outros.

Não me atrofiem com os vossos telefones!

Não me atrofiem com os vossos programas!

Não me atrofiem com as vossas aplicações!

Não me atrofiem com o vosso preconceito!

Não me atrofiem com a vossa tacanhice!

Não me atrofiem com a vossas tecnologias!

Não me atrofiem com os vossos mundos!

Não podem projetar o vosso mundo em mim!

Não podem projetar o vosso mundo através de mim!

Não podem projetar o vosso mundo

À custa da minha imagem!

Se querem projetar mundos, projetem os vossos mundos na vida real se o Direito autorizar.

Só pode haver uma normalidade.

E é esta a normalidade.

Afinal, há, sim, uma normalidade.

Há uma normalidade!

Não há outra normalidade senão esta.

É esta a tecnologia da normalidade.

Não há outra tecnologia da normalidade.

É esta,

A do Direito,

A da Psicologia,

A da Ecologia e da Sustentabilidade.

**** Não é normal ****

Mas o que é que é normal?

Como é que eu defino normalidade?

Nada é normal?

Só se for para ti e para os anormais

Que não veem a normalidade das coisas!

Não é normal fazeres mal aos outros.

Não é normal querereres fazer mal aos outros.

Não é normal traíres.

Não é normal querereres trair.

Não é normal teres prazer, perante o teu sofrimento.

Não é normal teres prazer,

Perante o sofrimento dos outros.

Vês? Veem?

Como afinal é possível termos um espetro

Daquilo que é normal?

E podíamos ficar aqui, o dia todo, a enunciar o que é normal. Ou isso, ou abríamos o nosso coração... Que é quase a mesma coisa!

** Fica(-vos) mal esse novo andar tecnológico **

É que, fica-vos tão mal esse vosso novo andar tecnológico.

Fica-vos mesmo mal, andarem com os vossos melhores amigos e com os vossos namorados com os telefones ou com os headphones ou com os fones ou com outras coisas metidas nos ouvidos, que nem parece que os estão a ouvir, como se fossem dos “ficheiros secretos”!

Eu uso a tecnologia quando não estou com o meu namorado. Uso a tecnologia quando não estou com os meus melhores amigos. Uso a tecnologia para me ligar a eles. Não uso a tecnologia quando estou perto deles, quando estou com eles.

Ponho os headphones, oiço música, uso a tecnologia nos caminhos feios quando estou sozinho. E mesmo que esteja num sítio feio não vou a andar com o telefone na mão. Enfrento o sítio. Enfrento-o apetrechado de tecnologia. Melhoro o barulho e a poluição sonora com a minha música. Dou-lhe outro encanto com a minha música. Melhoro o meu caminho com a minha

música, a minha paixão, a minha energia, o meu passo, a minha dança. É este o meu andar tecnológico. E não passa daqui a minha tecnologia.

Mas não ando com os headphones nos sítios bonitos cheios de árvores e passarinhos. Não atravesso um jardim com música nos ouvidos. Seria até, uma falta de respeito para com a Natureza. Seria um desprezar do dia. Seria um desligar da vida real. E é este que é o meu verdadeiro andar tecnológico. Foi esta que foi sempre a minha tecnologia.

Mas é isto que é normal? Não... Infelizmente, isto não tem nada que ver com normalidade... Não é isto que é a normalidade...

Então o que é isto, se não é a normalidade?

Bom... Isto é a minha naturalidade... É a minha tecnologia... Acho que é assim que lhe devo chamar... Sem querer instalar a minha tecnologia a ninguém...

E se, sem querer, instalar?

Bom... Se, sem querer, instalar, foi com naturalidade...

Então, a naturalidade é uma tecnologia?

Talvez a naturalidade seja a melhor de todas as tecnologias!

**** Realidade virtual aumentada ****

A realidade virtual aumentada a fazer sentido ou a ter que fazer sentido, “faz sentido” é para o espaço e noutros planetas e noutras luas ou na minha lua onde não posso ir. Não é num oceano onde posso pegar numa garrafa e numas barbatanas e mergulhar ou numa montanha onde calço-me e vou. Se tivesse uma deficiência motora que me impossibilitasse de fazer mergulho ou subir a montanha e se eu quisesse mergulhar e subir a montanha, então talvez “fizesse sentido” a realidade virtual aumentada. Então, a realidade virtual aumentada “faz sentido”, mas é para gente doente. É preciso estar-se doente para se usar a realidade virtual aumentada e “fazer todo o sentido”. Não vou fazer realidade virtual aumentada nas Caraíbas, como é obvio. Se eu quiser ir às Caraíbas, pego num avião e vou. E se eu não tiver dinheiro? Pego num comboio e vou a uma praia. O que não faltam no meu país são praias iguaizinhas às Caraíbas. Só não as

vê assim, quem está com os óculos metidos na realidade virtual aumentada!

**** O único sítio onde vale a minha alma estar presa****

O único sítio,
Onde vale,
A minha alma
Estar presa,
É ao meu corpo.

O único sítio,
Onde vale,
Eu ver agarrada

A minha alma,
É ao meu corpo.

Não é aos telefones.
A nenhuma aplicação.
A nenhum jogo.
A nenhuma realidade virtual aumentada.
Nem a nenhuma janela virtual.

O meu corpo,
É a única tecnologia
Que prende o meu corpo.
Que pode prender o meu corpo.

O meu corpo,
É a única tecnologia
Que prende a minha alma.
Que pode prender a minha alma.

Todas as outras tecnologias,
Que queiram prender-me,
Ou agarrar-me a alma,
São ilícitas, ilegítimas, ilegais, inconstitucionais e imorais.

**** Uma geração que não vive sem likes? ****

Uma geração que não vive sem *likes*?
Vocês não ouvem as ilícitas publicidades a dizerem isto?
Vocês não ouvem as imorais publicidades a dizerem isto?
Não ouvem a dizerem que nós não vivemos sem *likes*?
Isso não vos envergonha?
Não ouvem a dizerem que a minha geração, que a nossa
geração, que a vossa geração não vive sem *likes*?
Não ouvem a reduzirem-vos a *likes*?
Não veem a perseguirem-vos o *target* dos *likes*?

Não veem como vos perseguem o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak?

Estas empresas de dados não vos implementam uma *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari?

É que já que estas empresas de dados vos implementam tanta coisa, vos implementam tantos dados, vos implementam tantos algoritmos, também poderiam implementar-vos uma *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari.

Vocês não ouvem as empresas, as telecomunicações que vos veem e vos ouvem a gozarem convosco?

Não veem o gozo deles?

Porque é assim que eles vos veem!

Eles e eu!

É assim que nós vos vemos!

Mas a mim, vocês não me pagam nada.

Pagam é as empresas.

Andam a pagar às empresas, para elas gozarem convosco.

[Anedótico!]

**** O espiritualismo é um bocado como a tecnologia ****

O espiritualismo é um bocado como a tecnologia. Só funciona em doses certas. E tem mesmo que ser naquela dose. Se for demais, rebenta. A tecnologia pode ser explosiva. Pode dar cabo de tudo. Uma arma laser queima o corpo. Derrete. Fá-lo desaparecer. É como o espiritualismo e os espíritos!

Uma coisa é nós carregarmos os nossos espíritos, as nossas energias, as nossas forças. Outra coisa é andarmos a carregar a energia dos outros que enfraquecem as nossas, expulsam-nas e depois consomem-nas. Fazem-nos explodir a mente.

Imaginem o que seria termos que estar a ouvir 1001 espíritos a falarem connosco! E milhões? E bilhões? Seria uma gigante confusão! Seria um esquizofrenismo dos diabos! Vozes a instruírem-nos “faz isto”, “faz aquilo”, “faz antes aquilo”, “não devias ter dito isso, diz agora isto”. É tal e qual como a tecnologia que nos quer consumir. É tal e qual como a publicidade que nos quer consumir. Que nos quer pôr a ver tudo, mas que nos põem a ver nada! Que nos quer ver ligados a todos, mas que ficamos ligados a nada! Ficamos a nada! Ficamos reduzidos a nada!

** O espiritualismo não é coletivo **

Não se ponham no café com conversas filosóficas ou espirituais ou religiosas ou energéticas. Não se ponham a falar de energias e de deuses. Os deuses não bebem café nem vão aos cafés. Por isso, quando estão nos cafés estejam com os vossos deuses, mas não falem em deuses. Somos humanos. Os humanos é que vão aos cafés. Aproveitem a sociabilidade. Saibam seres sociais. Não se ponham a falar de energias, porque não é por falarem nelas que as sentem mesmo ou que as veem mesmo. Não é por serem seres espirituais que têm que estar sempre a chamar em vocês a vossa espiritualidade. Eu também tenho a minha espiritualidade e guarda-a para mim. Não vos canso com a minha espiritualidade. Por isso, não me cansem também com a vossa espiritualidade. Somos todos seres espirituais, todos temos um espírito dentro de nós. A espiritualidade é interior. É um conflito

interior. Um conflito de deuses. Um conflito de coincidências felizes. Vivam-nas! Foram feitas para vocês! Não se ponham agora a prendê-las à tecnologia, senão depois vão parecer espíritas às câmaras e não seres espirituais. Porque é isso que o algoritmo vai olhar para vocês e vai dizer. O algoritmo vai dizer que vocês são espíritas! Porque é isso que o algoritmo vai ouvir e vai dizer de vocês, que são espíritas. E há quem queira trucidar espíritas. Por isso protejam a vossa espiritualidade. Mas protejam mesmo! Querem falar sobre ela aos vossos amigos falem em quatro paredes sem tecnologias! Bastará o vosso espírito. O vosso espírito e a vossa espiritualidade são as únicas tecnologias que vocês devem autorizar em quatro paredes.

Se se puserem a falar da vossa espiritualidade e das vossas coincidências à frente dos microfones, das câmaras e dos algoritmos vão parecer demónios! Não se ponham a parecer demónios! Não se ponham a querer parecer demónios aos algoritmos! Não se ponham a parecer demónios a falar! Porque quando eu vejo ou oiço demónios apetece-me ser *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e enfrentá-los! E também eu fico *Deus Tecnológico*! Fico com a força e a tecnologia de Deus, porque a tecnologia de Deus está em mim. Porque sinto a força e a tecnologia de Deus sobre mim. Sinto, mesmo, a sua tecnologia! A tecnologia desse meu Deus mais tecnológico que qualquer tecnologia que os humanos fabriquem. Porque o meu coração foi fabricado pela tecnologia divina. Ou acham que não houve ali uma intervenção divina que levou aquele espermatozoide ao óvulo? Houve pois! Eu sou a razão viva disso! Todos nós somos!

** A espiritualidade dá lugar à humanidade **

E depois com o corte umbilical? É aí onde deve terminar a nossa espiritualidade? Para dar lugar à nossa humanidade?

Fomos chamados para sermos humanos, com Direitos Humanos para participar no sistema humano. Ninguém pode ser espiritual, se não for primeiro humano! E para se ser humano é preciso primeiro saber ser humano! É preciso olhar as coisas primeiro de uma forma humana! Depois, claro... Que lá acaba por vir a espiritualidade da coisa humana.

Talvez a espiritualidade até seja muito mais racional daquilo que nós imaginamos.

Aquilo que nós nos pomos a imaginar. Quando ligamos as coisas. Quando ligamos as coisas estamos a ser espirituais. Quando nos pomos a imaginar estamos a ser espirituais.

Quando nos lembramos das coisas e vemos porque é que elas foram assim e tinham mesmo que ser assim, esse acreditar nisso, que tinham mesmo que ser assim, essa nossa fórmula básica, esse nosso fenómeno humano, é mais espiritual do que outra coisa!

Por isso, sim, a espiritualidade para mim existe, porque toda a minha vida foi espiritual até agora. Por isso, quero lá saber se há agora uma filosofia ou um especialista ou um futurista ou um mentalista ou um espírita a vir dizer-me que a espiritualidade não existe! Não existe para ele, que não a sente! Como não vê o amor, porque não tem amor! Mas se eu sinto... Quero lá saber que vocês não sintam! Não sou, nem quero ser vosso filósofo, nem vosso especialista, nem vosso futurista, nem vosso mentalista, nem vosso espírita para vos fazer sentir rigorosamente nada! Se não sentem, não sentem!

Eu quero lá saber que andem aí vídeos virais a circularem na Internet a dizerem que a espiritualidade não existe! Talquale, quero lá eu saber de programas e documentários também eles virais a circularem por todo o lado a dizerem que nós somos seres sexuais e que nascemos com uma predisposição para a poligamia e para estarmos em permanentes cultos orgiásticos, porque eu não me reduzo a sexo, não sou nenhum ser sexual, não nasci com nenhuma predisposição para a poligamia e odeio os vossos cultos orgiásticos! A minha liberdade espiritual odeia o vosso lúbrico cultismo!

Quero lá eu saber o que está nesse vídeo! Nem sequer o vejo! Como é lógico!!!! A minha liberdade espiritual não quer perder tempo com vídeos que dizem que a espiritualidade e o

amor não existem. São os vossos vídeos! Vejam-no vocês! Não me metam os vossos filmes e vídeos à frente que eu também não meto os meus vídeos e os meus filmes à vossa frente! É o vosso empirismo! É a vossa espiritualidade! É a vossa liberdade!

E este meu “como é lógico” que não vou gastar nem a minha economia, nem o meu tempo a ver vídeos ou a meter-me em cultos e filmes que são antagónicos à minha paixão e à minha espiritualidade, faz-me ver que há uma lógica espiritual para as coisas. Há um raciocínio. Porque quando eu estive a ligar tudo e a ver o porquê, eu estive a raciocinar. Quando eu me estive a lembrar, a ir buscar a memória, fui lá buscá-la com o raciocínio, com a razão das coisas, de como foram, de como eram, de como são e de como serão as coisas...

Talvez a espiritualidade, até seja muito mais racional daquilo que nós imaginamos.

**** A filosofia estuda-se em silêncio ****

A filosofia estuda-se em silêncio.

Com a mente.

Com o cérebro.

E com a alma.

É a nossa filosofia.

Não vale a pena discutir filosofia!

Não vale?

Não, não vale!

Vale a pena é,

Mostrar a nossa filosofia!

O quê?

Mas nós somos seres racionais,

E seres espirituais?

Então, talvez, seja esse,

O desígnio.

Podemos raciocinar,

Com a espiritualidade.

Podemos raciocinar,

Com a espiritualidade.

Afinal,

A espiritualidade,

É mais uma outra ferramenta,
Que o nosso sofisticado fenómeno humano,
Nos oferece!

** Já lá vão 1825 dias **

É preciso
Andar-se cheio de tusa
Com o nosso namorado
De um lado para o outro.

É preciso

Querermos casar-nos

Com o nosso namorado

Cheios de tusa.

É preciso

Ir-se para o casamento,

Casarmo-nos cheios de tusa.

É preciso

Andar-se cheio de tusa

Com o nosso marido

De um lado para o outro.

“Este precisar”,

Obviamente

Que tem que ser natural.

E encarar-se isto com naturalidade.

Porque isto é que é natural.

É preciso

Andarmos sempre com tusa,

Cheios de tusa,

Pelo nosso namorado.

É preciso

Estar sempre tesudo

Pelo nosso namorado.

Eu ando

Cheio de tusa

Pelo meu namorado

Desde o primeiro dia

Que o vi.

E desde o primeiro dia

Que o vi,

E já lá vão

1825 dias,

Ainda não perdi a tusa

Por ele.

E não me venham agora espíritas, especialistas,
mentalistas, filósofos e futuristas dizerem-me que só ainda não
perdi a tusa, porque ainda só passaram 1825 dias, porque nem
daqui a 547 mil e 500 dias eu vou perder a tusa pelo meu
namorado!

E quem

Não anda assim tesudo

Pelo namorado,

Ah vai traí-lo,

Vai...

Porque

Se não anda assim

Com tusa pelo namorado,

É porque

Anda por aí,

A ver a tusa dos outros.

A ver,

Quanta tusa

Os outros lhe dão.

** Devoção **

Sermos devotos. Sermos cegos. É importante esta devoção total. Este amar cada parte do corpo de quem gostamos. Se amarmos cada parte do corpo humano de quem amamos, não vamos procurar, noutros humanos, partes do corpo que nos faltem amar ou adorar. Já amamos um corpo humano. Já adoramos um corpo humano.

Esta perfeição, este ver perfeito quem amamos, não tem que ser “um ver” perfeito de outros olhos, que são humanos. É dos nossos olhos: eu, ver perfeito. Eu, achar perfeito. Porque se eu achar, então é um amor perfeito. É verdade, que há uma certa padronização da beleza, uma tendencial beleza, mas essa beleza, chama-se beleza comercial. Só que o amor, não é comercial! Portanto, quando se fala nessa perfeição, nessa beleza pura que só os olhos veem, os olhos que têm que ver que veem, ninguém está a falar da beleza comercial. Ninguém está a falar de beleza televisiva. Ninguém está a falar da beleza cinematográfica. Ninguém está a falar da beleza empresarial das agências de modelo. Isso são tudo modelos de uma outra base de algoritmos.

É verdade que pudemos ter herdado essa base algorítmica da beleza comercial. Quando éramos solteiros víamos os modelos nos filmes, nas telenovelas e íamos tendo fraquinhas, íamos tendo os nossos romances, que na altura se chamavam platônicos, mas que agora nesta Era tecnológica que liga a sociedade de informação, de platônicos, afinal, não têm nada.

Mas quando amamos, toda essa matemática, que se foi instalando fantasticamente nos nossos olhos, é arrancada de nós para fora, por quem amamos. O nosso amor dá cabo dessa matemática. Num segundo dá cabo dela! Dá cabo desses algoritmos todos! E todas as nossas fantasias reúnem-se tão-só nele. Todos os algoritmos transformam-se tão-só num: o algoritmo é ele! Pois, é essa a matemática do amor! Pois, é esta a minha matemática do amor!

É muito importante serem os dois submissos. Voltar-se aqui àquela devoção. E ninguém está aqui a falar na submissão sexual. Não é um ter que ser submisso ao outro, não! São os dois! Um ao outro! Obviamente, que num contexto sexual, um pode ser mais submisso. Mas isso, é mesmo um assunto tão íntimo, tão bonito, que tão-só diz respeito à intimidade dos namorados! São coisas que não se contam nem aos melhores amigos, nem aos irmãos, nem a ninguém! São coisas dos namorados! Há uma reserva da vida privada e da intimidade. Senão, perde-se para sempre tudo! E perde-se a devoção! Ninguém é devoto, se não souber ser íntimo! O verdadeiro afeto e carinho humano é tão espiritual que só acontece na verdadeira intimidade, no verdadeiro segredo! É o segredo dos namorados! É o segredo da devoção! É o segredo do amor! E este segredo, é um segredo cheio de matemática!

Não se transporta essa intimidade para mais lado nenhum! É isso que quer dizer ser-se leal! Porque há uma lealdade na devoção. E a devoção é íntima. É muito íntima. É capaz de ser o ato mais íntimo de todos. Se se romper essa intimidade, rompe-se tudo! É por isso, que há um direito em querer defender-se a intimidade, em querer proteger tudo aquilo que é íntimo! Ser-se fiel é outra coisa: é não trair e não querer trair. Quem não vê perfeito com quem se deita na cama, vai trair. É esta a matemática das coisas. Não há outra matemática!

Mas a minha matemática, é uma teoria! É a minha filosofia da devoção! Porque quem não vê perfeito com quem se deita na cama, vai procurar outro que veja perfeito. A mente vai procurar um outro corpo mais perfeito, um outro amor mais perfeito. A mente não vai estar satisfeita e vai levar o corpo à traição. A mente vai querer ir para um lado, o cérebro vai lutar contra a mente e o corpo vai atrás de quem ganhar essa tensão psicológica, esse jogo psicológico. O cérebro vai-se ver num constante jogo psicológico. Vai andar sempre a fazer ginásticas mentais. Não vai ser um cérebro feliz. Nem se vai ver feliz com aquele corpo humano com que se deita na cama. Porque para ele, vai ser isso mesmo, aquele “amor” sem devoção vai-se tornar num corpo humano.

E depois os traidores vão andar sempre num jogo psicológico com os amantes. Vão arranjar mil e uma desculpas para aquela traição. Vão até inventar teorias espirituais sobre aquilo. Lá está, vão se pôr com os seus espiritualismos e demonismos. Vão inventar teorias genéticas. Vão inventar até teorias cósmicas e energéticas. Vão se pôr a chamar o cosmos. Mas chamar o cosmos, é o mesmo que chamar o Deus Amoroso.

E o Deus Amoroso não é um deus que perdoa tudo. O Deus Amoroso é o Deus que vê o Amor. Vê onde há Amor! Está sempre do lado do Bem! Do lado dos Bons! Do lado dos Belos! Do lado dos Inocentes! Do lado dos Esperançosos!

E esse Deus Amoroso que vão chamar quando chamarem o cosmos para as vossas mil e uma desculpas, vai ver que vocês são uns traidores.

E os traidores não têm amor nenhum naquele coração. Pelo menos, os traidores não têm amor para quem traem... Talvez tenham amor para com os amantes... Mas quem trai, quem se envolve e diz que ama, mas depois trai, tem um nome: não sabe o que é amar, porque é um traidor. E os traidores sabem lá amar! Não amam! Não têm amor dentro deles!

É... Normalmente... Os traidores... Traem... É... Por isso, é que se chamam... Traidores... É... É porque traem...

A beleza está naquilo que nós vemos. Que nós vemos! Não são os outros. Se me pedirem para “eu fingir” que não tenho namorado para me perguntarem se eu iria ou não para a cama com aquele loiro de prancha na mão com o corpo tatuado, “eu vou fingir” que vocês não me perguntaram isso e “vou fingir” que não vou a correr a contar isso ao meu namorado. Não é normal, nem natural vocês perguntarem isso aos namorados! Não é normal, nem natural o Philippe perguntar isso ao Arthur dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, quando o Philippe sabia perfeitamente que o Arthur namorava com o Thomas. Não é normal, nem natural o Dário perguntar isso ao Jaime do *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak, quando o Dário sabia perfeitamente que o Jaime namorava com o Afonsinho. E quem

não vê isto, não vê beleza nisto. Não vê beleza no amor. Não vê beleza em nada. Têm que perguntar isso é aos solteiros. Se querem tanto saber quem é que ia para a cama com o surfista loiro de prancha na mão e corpo tatuado, perguntem a um solteiro. Perguntem aos solteiros! E se descobrirem que o solteiro tem um fraquinho pelo surfista, façam de cupido e assobiem ao surfista e digam-lhe que há um solteiro que tem um fraquinho por ele. Sejam, ao menos, *Anjos Tecnológicos d'O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. E assim, mexem no amor das coisas. Mexem na beleza das coisas.

Façam-se aos solteiros! Há por aí tantos solteiros... Larguem os telefones e comuniquem! Voltem ao amor à primeira vista! Olhem olhos nos olhos! Somos humanos! Estabeleçam contactos visuais com humanos nos vossos passeios. Não há nada mais belo que o olhar humano! Também vocês se podem apaixonar à primeira vista! Mas para se apaixonarem à primeira vista, têm que olhar olhos nos olhos, não podem tirar os olhos dos olhos. E nesse olhar podem sim, deixar escapar os sorrisos que quiserem, se estão solteiros, qual é o problema? Apaixonarmo-nos é sermos humanos! Os humanos apaixonam-se! E apaixonam-se, sim, à primeira vista! Se eu me apaixonei à primeira vista e sou humano, então é porque também todos se podem apaixonar à primeira vista. Porque o amor à primeira vista, é uma paixão de humanos. Os humanos apaixonam-se! E apaixonam-se, sim, à primeira vista!

Não venham para cima dos namorados! Façam-se aos solteiros... Com tantos solteiros por aí, porque é que têm que vir para cima dos namorados? Deixem os namorados em paz! Eles querem estar em paz! Antes do meu namorado, sim, tive com um

tipo que parece irmão-gémeo do surfista loiro que vai ali com a prancha na mão, mas não tinha era o corpo riscado, como aquele tem. Mas e então? Isso não interessa mais. Nem sequer é assunto. Nem sequer me lembro bem. Nem tenho que me lembrar. Se eu quisesse muito lembrar-me, conseguiria lembrar-me. Mas era preciso eu querer lembrar-me, que não quero! Não estou para aí virado. Estou virado é para o meu namorado! Sou devoto é ao meu marido, que é o meu namorado.

** Nem sequer os vejo, porque nem sequer os abro **

Quando não sentimos

É porque não nos pertence.

Esse sentimento não é nosso.

Nós nunca o sentimos.

Sabemos que não é

Um sentimento nosso.

Nem sequer nos pertence,

Porque nunca nos foi inscrito.

Esse sentimento,
Não faz parte do nosso programa.
Não faz parte da nossa agenda.
Não faz parte do nosso cérebro.
Não faz parte do nosso coração.
Todo o coração tem uma agenda.
Todo o cérebro tem um programa.

Quando não vemos natural,
É porque não é natural.
Aos nossos olhos,
Não é natural.
Isso pode bastar-nos.
A tecnologia dos nossos olhos,
Pode nos bastar!

O poliamor é uma teoria.
O poliamor é um sentimento.
O poliamor é um prazer.

O poliamor é um afeto.
O poliamor é um gozo.
O poliamor é um deleite.
O poliamor é uma perversão;
E uma subversão do amor.

É uma teoria deles.
É um sentimento deles.
É um prazer deles.
É um afeto deles.
É um gozo deles.
É um deleite para eles;
Para eles,
Para os poliamorosos.

Não é verdade nada,
Que somos seres sexuais!
É mentira!
Não é verdade nada,

Que somos seres poliamorosos!

É mentira!

Quem diz

Que todos somos poliamorosos,

São os poliamorosos.

Porque,

Nos querem ver

No amor deles.

Porque,

Querem ver

O nosso namorado

No amor deles.

E podem vir os especialistas

Que quiserem.

Podem vir os especialistas

(Poliamorosos),

Dizerem

Que somos todos poliamorosos,

Que é mentira!

Há livros sobre o poliamor.

Há filmes sobre o poliamor.

Há documentários sobre o poliamor.

Mas também há livros sobre a monogamia.

Há filmes sobre a monogamia.

Há vídeo-documentários sobre a monogamia.

O meu namoro é um documentário

Sobre o amor

E sobre a monogamia.

Há livros que hipnotizam.

Há documentários que descontextualizam.

Há filmes que virtualizam.

Não temos que ler todos os livros.

Não temos que ver todos os filmes.

Não temos que abrir todos os vídeos.

Não abro esses livros,
Onde eu não vejo escrito
As palavras do amor.

Não vejo esses filmes,
Cheios de orgias
E contratos sexuais.

Não vejo esses vídeos “poliamorosos”.
Nem sequer os vejo,
Porque nem sequer os abro!

** Agarrados à história **

Estão completamente agarrados à história. Não saem da tecnologia deles. Vivem uma realidade virtual aumentada cheia de batalhas, guerras e submissões e traições, invasões, genocídios, evangelizações, feudalismos e submissões e traições, vassalagens e submissões e traições e querem trazê-las constantemente de volta... Mas porquê?

Porque não as conseguem parar de invocar. É um vício. São viciados nelas. E por estarem viciados nelas, não aprendem nada com elas, senão saberem o tím-tím-por-tím-tím de todas as mulheres e homens com quem os reis, os príncipes, os infantes, os governadores, os administradores, os presidentes e os ministros se foram envolvendo. E por saberem o nome de cada traição e até da posição *kamasutriana* em que os traidores se perverteram e subverteram, não conseguem ver a traição.

Não conseguem sair da traição da história. Não se conseguem libertar da história. Só invocam a história. E em cada invocação, vão repetindo toda a história. Vão cumprindo, outra vez, todo o ciclo. Parece que não têm liberdade de destino. Parece que não têm livre arbítrio. Que não podem evoluir. Deus, deu-nos o livre arbítrio! Deu-nos a capacidade de alterar as coisas! De fazê-las melhor. De ver o que já foi feito e não resultou. De tomar outro caminho. De povoar a Terra com amor, liberdade, tolerância, paz, respeito e segurança. De povar, portanto, a Terra com liberdade. Deu-nos a capacidade tecnológica de aniquilar a maldade. De aniquilar o sofrimento.

Não conseguem ver a perversão das coisas, porque não se querem afastar delas. Não se querem afastar das coisas. Amam mais as coisas do que os humanos. Amam mais as coisas do que os animais. Amam mais as coisas do que as árvores. Amam mais as coisas do que a Natureza. Amam mais as coisas do que o Direito. Amam mais as coisas do que o Amor.

Não conseguem sair do vício da traição das coisas, porque não se desinteressam logo. Quando vemos traição, perversão, submissão ou vício temos que nos afastar logo. Desinteressarmos logo completamente. Mas não. Perseguem. Vão acompanhar cada pormenor seguindo-lhe o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. E acompanham assim cada pormenor. E é assim que vão acompanhados à distância a história tecnológica e que assim vão copiando depois na realidade a elegância desses pormenores. Cheios de traição. Submetem-se assim à traição. Assim, são só fantoches da história. Porque uma esferográfica tecnológica já escreveu à pressa toda a história.

** Escusam de abraçar as árvores **

Parem de se agarrar às árvores!

Parem de se abraçar hipocritamente às árvores!

É uma ordem delas!

Mas já que elas não falam,

Eu falo por elas!

Elas não querem as vossas más energias!

Parem de transferir as vossas más energias para elas!

Os vossos abraços matam-nas!

As vossas energias ruins matam-nas!

Esse vosso abraço tão depressivo,

Tão infeliz,

Tão sem nada,

Dão cabo delas!

Quem é que subestima a inteligência de uma árvore,
Mas depois vai abraçá-la?

Quem é que subestima a tecnologia de uma árvore,
Mas depois vai abraçá-la?

Agora abraçam árvores,
Para publicarem abraços tecnológicos?

Escusam de as abraçar.
Se for para irem a correr publicar no Facebook
Ou no Instagram,
Escusam de as abraçar.

Quem sou eu?
Quem sou eu para dizer isto?

Sou o maior protetor das árvores!

Ando com elas no meu espírito desde que nasci!

Vejo-as por toda a parte.

Respeito-as espiritualmente.

E respeitar, não é ir a correr até elas abraçá-las.

Elas absorvem toda a nossa energia,

Porque elas são condutoras elétricas.

Elas são eletricidade.

Elas são tecnologia.

Quem sou eu para vos ordenar

Que parem de abraçar as árvores?

Quem sou eu?

Sou o maior protetor das árvores!

Tenho os troncos delas gravadas na minha mente.

Gravo-as permanentemente com os meus olhos.

Olho para elas,

Convidando-as constantemente à minha realidade.

Olho para elas com realidade.

Simplesmente olho para elas.

E quando olho para elas, vejo as raízes delas.

Como quando olho para os humanos, vejo os pés deles.

E não as abraço.

E vocês que nunca ligaram às árvores,

Nunca acreditaram na inteligência delas,

São os primeiros a ordenar-lhes o abate,

Seja porque são fúteis

E queiram ver a vista destapada,

Seja porque são fúteis

E queiram piscinas no lugar delas,

Seja porque são fúteis

E se queiram aproveitar da madeira delas,

Agora abraçam-nas hipocritamente?

E eu não posso contestar?

E eu não posso contestar a vossa hipocrisia?

E eu não posso contestar a vossa tecnologia?

É claro que contesto os vossos abraços tecnológicos!

É claro que contesto a hipocrisia que vejo,
Nos vossos abraços tecnológicos!

Querem abraçá-las, abracem-nas, mas às escondidas.

Se quiserem mesmo sentir alguma energia,
Se quiserem mesmo sentir alguma eletricidade
Vindo delas,
Não podem abraçá-las para a fotografia!

Aliás, nem podem trazer convosco a vossa tecnologia
Senão o vosso espírito.

Se quiserem mesmo sentir alguma energia,
Se quiserem mesmo sentir alguma eletricidade
Vindo delas,
Não podem abraçá-las
Com os vossos telefones nas mãos,
Nem com os vossos telefones nos bolsos,

Que é a mesma coisa!

Se quiserem mesmo sentir alguma coisa,

Se quiserem mesmo sentir alguma eletricidade

Vindo delas,

Desliguem-se dos vossos telefones

E liguem os vossos corações!

Ah!... Não sabem ligá-los...?

Não sabem como ligar os vossos corações...?

Não percebem da vossa própria engenharia?

Não percebem da vossa própria tecnologia?

Não percebem do vosso próprio espiritualismo?

Então não as abracem!

Se não percebem nada dos vossos corações,

Porque as vão abraçar?

Não as abracem!

Guardem os abraços,

Para quando perceberem

Um pouco mais de vós mesmos!

Quando perceberem a tecnologia que há dentro de vós,

Quando souberem ligar os vossos corações,

Então abracem as árvores.

Mas não precisam de o fazer.

Basta sentarem-se ao lado delas.

Basta encostarem a vossa cabeça ao tronco delas.

E deixem-se estar.

Deixem-se estar assim simplesmente.

Não ponham horas.

Não ponham minutos.

Não contem segundos.

Sintam só!

Sentir,

Ainda sabem sentir, não sabem?

Ainda sentem?

Ainda sentem,

Alguma coisa?

Sentem?

Sentem ou não?

Se sentem,

É porque ainda são humanos!

** Vejo-vos a olharem para as árvores, como se elas fossem tomadas **

Quando vos vejo
A abraçarem-se às árvores
Com o telefone na mão,
Sabem o que é que eu vejo?
Vejo-vos a carregarem
A bateria dos vossos telefones
Às tomadas-terra das árvores.

Vejo-vos a olharem para as árvores,
Como se elas fossem tomadas.
Como se elas só servissem
Para ligar os vossos telefones.

As árvores não são tomadas.
Podem ser tomadas-Terra.
Mas não são tomadas.

Vejo-vos a olharem para as árvores,
Como se elas fossem
Um poço de inspiração,
Um poço de energia,
Um poço de eletricidade,
Um poço de petróleo.

Porque vocês olham para as árvores
Da mesma maneira
Como olham para mim.
E eu odeio o vosso olhar!
Esse vosso olhar fantasma!
Esse vosso olhar sem alma!

Odeio que me olhem
Como se eu fosse
Um poço de inspiração,
Um poço de energia,

Um poço de eletricidade,
Um poço de petróleo.

Odeio que me vejam
Como se eu só fosse dados.
Como se eu fosse
Um poço de dados.

Abraçam-se às árvores
Enquanto carregam os vossos dados?
Enquanto transferem os vossos dados?
Enquanto hackeiam os dados
Que há nas árvores?

Olham para as árvores,
Como se elas fossem
Um poço de dados
E eu não me posso sentir
Como se fosse uma árvore?

Objetificam-me

Como objetificam as árvores.

Ver-vos agarrados às árvores,

A abraçarem hipocritamente,

Enquanto carregam as vossas baterias

E as baterias dos vossos telefones,

É como se me abraçassem

Só para roubar a minha energia.

**** Odeio que olhem para as árvores como se fossem um
poço de inspiração de negócios ****

Querem roubar a minha energia.

E querem roubar a energia das árvores.

Odeio-vos por isso!

Odeio que olhem para as árvores

Como se fossem

Um poço de inspiração

Que vos inspira negócios!
Odeio que olhem para as árvores
Como se fossem
Um poço de energia
Que vos inspira yogas!
Odeio que olhem para as árvores
Como se fossem
Um poço de eletricidade
Que vos inspira tomadas!
Odeio que olhem para as árvores
Como se fossem
Um poço de petróleo
Que vos inspira carbonos!
Porque preferem inspirar carbonos,
Do que átomos de oxigénio?
Porque não olham para uma árvore
E inspiram só o oxigénio?
Agradeçam-lhe!
Agradeçam-lhe o oxigénio!

** Porque me querem roubar aquilo que eu vos quero
doar? **

Eu não vos roubo as vossas energias.

Eu dou-vos energias.

Eu sou altruísta.

Aprendi com as árvores.

Quando as árvores sabem que vão morrer,

Elas doam todos os seus nutrientes.

Eu quero doar-vos toda a minha energia.

Porque me querem roubar

Aquilo que eu vos quero doar?

Mas deixem-me viver!

Deixem as árvores viverem!

Não vos basta este oxigénio

Que vos sopra os pulmões

E vos enche

A alma?

Deixem-me eu doar.

Mas não se esqueçam de me regar.

Se não me regam,

Eu morro.

Sou feito de pétalas.

Sou sensível.

Não me arranquem as pétalas.

Não me violem.

Gosto de ser virgem.

Sem pétalas,

Fico triste.

Não me entristeçam.

Se me entristecerem,

Eu morro.

Sem nutrientes,

Eu morro.

Eu até sou capaz

De vos doar

Todos os meus nutrientes,

Como as árvores.

Sou capaz
De tirar nutrientes meus
Para vos dar.
Porque me querem roubar
Aquilo que eu vos quero doar?

** Estou a ser hackeado pelas árvores **

Vejo-vos
Dentro dos vossos telefones
Com os pés ofensivamente
Em cima das árvores.
E agora,
Vejo-vos todos charrados
A abraçá-las,
Como se não as tivessem ofendido.

É ofensas atrás de ofensas?

Não sentem as ofensas?

Não sentem nada?

Por isso, é que ofendem?

Onde é que estão os vossos sentimentos?

Se não sentem nada

É porque vocês são vazios.

Estão vazios.

Mas não se preocupem,

Têm uma vida inteira

Para se preencherem.

Sabem o que é

Eu passar por vocês,

Ver os vossos

(Supostos)

Abraços tecnológicos

E com as árvores,

Só me apetecer rir(-me com elas),

Dos abraços

Que vocês lhes dão?

Há um espiritualismo,

Há um complô,

Que me permite passar por vocês

Ver-vos a abraçarem-se ridiculamente.

Confesso!

Estou a ser hackeado pelas árvores.

E se as abraçar,

Não vos digo que as abraço.

E abraço-as às escondidas.

Sem telefones.

Sem câmaras.

Sem tecnologia.

Sem radiação.

Não sejam ridículos!

Pelo menos, uma vez na vida...

Não sejam ridículos!

Vocês não eram ridículos!

Vocês tornaram-se ridículos!

Tornaram-se completamente ridículos!

A tecnologia encarregou-se

De vos ridicularizar.

São os partos

Que vocês fazem na banheira

E publicam no Facebook...

São os velórios

E as missas

Que vocês entram virtualmente

No Zoom,

Num grande zoom...

Mas desde quando,
É que o espírito
Foi feito,
Para se inseri-lo
Numa tecnologia?

O espírito é tecnológico!
Ainda não perceberam?

Estarem numa missa virtual
Ou não estarem
É a mesma coisa.
Exceto,
Que deixam algoritmos processarem
O vosso espírito!

E isso é um crime,
O que vocês fazem!

Vocês deviam saber proteger

A vossa espiritualidade.

** Tsunami **

Sabiam que os Maias se estabeleceram nos atuais territórios do Sul do México e da Guatemala? E sabiam que foram a mais avançada e duradoira civilização da América pré-Colombiana? E sabiam que na fase mais próspera os territórios maias abrangiam mais de 50 estados? E sabiam que esses 50 estados estavam sempre em conflito? Mas sabiam que, apesar desses conflitos, desses permanentes conflitos, as cidades estavam muito bem unidas por boas estradas? E sabiam que essas cidades maias eram governadas por uma complexa aliança dinástica e que partilhavam a mesma identidade cultural? E sabiam que eram muito evoluídos nas áreas da matemática e astronomia e desenvolveram um sofisticado e complexo calendário?

Mas sabiam que adoravam o jaguar e dezenas de outros deuses? E sabiam que nessa adoração praticavam sacrifícios humanos? “É claro, assegurando uma vida tranquila num submundo depois da morte”... E sabiam que estes sacrifícios humanos, aos deuses, eram uma “cerimônia” na cultura Maia, que se realizavam a seguir às batalhas que os prisioneiros travavam nos jogos com bola? E sabiam que era por isso, que todas as cidades maias possuíam um campo de jogos? Ora, esses campos

de jogos na cultura Maia representavam a passagem para esse submundo! Esse submundo de sacrifícios humanos com deuses inventados pela mente dinástica humana.

E sabiam que esse submundo foi decomposto pelos deuses e pelos bichinhos-aliens do subsolo que transformaram toda aquela energia em nutrientes para as árvores? E sabiam que essas almas e esses espíritos fixaram, ergueram e conectaram assim as árvores ao submundo e ao subsolo? Não houve só sacrifícios humanos no México, na Guatemala e na Colômbia. Também houve em Portugal e na Europa. Também houve na floresta da Amazónia. Também houve nas florestas de Moçambique. Também houve nas florestas da Tailândia. Também houve nas florestas do Quênia. Também houve nas florestas da Indonésia. E houve também na Ilha da Sumatra. E os deuses atravessaram os oceanos para descarregarem em todos os cérebros a nova mente dinástica humana. E corrigiram o erro epigenético da expressão Maia. Apagaram o gene ruim. Foi só um gene. Foi só um erro genético. Os Deuses nunca nos pediram sacrifícios humanos. Quem inventou esse sacrifício foi o gene ruim. Que já foi corrigido.

Somos descendentes dos Maias. Somos os descendentes mais novos dos Maias. E na nossa nova expressão há uma nova profecia: se arrancarmos as árvores do solo, os espíritos que habitam nelas vão mergulhar no oceano e numa poderosíssima rebelião vão libertar toda a energia num maremoto que retornará ao local de onde o espírito foi arrancado. As árvores fixam o solo. O solo comunica com as placas tectónicas. As placas tectónicas comunicam com os fundos oceânicos. Está tudo conectado. Os nossos cérebros estão conectados às raízes das árvores e as raízes

das árvores e as patas dos elefantes estão conectadas às placas tectónicas da Terra. E as placas tectónicas estão conectadas aos oceanos. Por cada arranque de raiz, por cada abate de árvore, a Terra sente. E as placas tectónicas separam-se. Por cada arranque de marfim, por cada abate de elefante, a Terra sente. E as placas tectónicas colidem.

Sabiam que as placas tectónicas da Terra se movem constantemente? Sabiam que ao largo da costa de Portugal há uma zona funda, um mundo energético, um submundo espiritual? Sabiam que em 1969 desse submundo, emergiu uma poderosa energia desencadeando um sismo de enormes proporções que agitaram toda a costa e originaram um tsunami?

Sabiam que a parte inferior da placa tectónica no litoral português está a afundar-se da parte superior, fornecendo a faísca necessária para que uma das placas se comece a afundar em relação à outra, criando uma zona de subducção, um mundo energético, um submundo espiritual?

Sabiam que se arrancarmos e abatermos as árvores da Herdade da Comporta e de toda a Península de Troia até Melides os espíritos das árvores mergulharão no submundo e voltarão num corpulento tsunami que engolirá tudo? É urgente pararmos de abater as árvores! É urgente pararmos de arrancarmos as árvores! É urgente pararmos de enfurecermos os espíritos da Terra! É urgente pararmos de enraivecemos os espíritos da Natureza!

Sabiam que o oceano Atlântico está a encolher, a Europa vai ser empurrada para o Canadá e no novo supercontinente emergido do submundo dos espíritos vão voltar a ganhar

expressão genética em novos corpos humanos que tomarão? E sabiam que esses novos corpos humanos vingam-se-ão de todos os descendentes vivos da mente dinástica humana que herdou o gene ruim? E sabiam que esses novos corpos humanos pouparão todos os descendentes vivos da nova mente dinástica humana descendente dos Maias? Somos descendentes dos Maias! E como Maias profetizamos. E por profetizarmos, protegemos e queremos proteger! Queremos proteger todas as árvores em Portugal! É urgente o fim do abate das árvores em Portugal. Como as árvores se conectam às placas tectónicas e como as placas tectónicas se conectam aos oceanos, Portugal tem que se conectar à Noruega! Na Noruega não se abatem (mais) árvores!

**** Se é para seres estúpida, mais vale não seres mãe! ****

Ó mãe, tu és muito estúpida!

Então, mas tu estás de bebé,

Tu trazes-me essa barriga de bebé para a praia,
E estás a fumar que nem uma estúpida chaminé?

Tu deves esquecer-te
Que estás numa sociedade de informação tecnológica.
Achas que as pessoas não te filmam,
Para mais tarde de atirarem com o filme à cara?
E olha,
Eu filmei-te com os meus olhos.
Filmei-te a fumares,
Com a tua barriga de bebé.
Tens aqui o teu filme:

Estavas na Praia da Cordoama.
Armada em chique,
Sacaste do teu cigarro tecnológico.
Trazias um fio de prata
Com um grande crucifixo,
Um chapéu amarelo

E um bikini amarelo.

É claro,

Que o teu cigarro tecnológico

Também era amarelo...

É claro,

Que só os estúpidos

É que não veem este “é claro” entre aspas.

E o teu marido,

Trazia também um fio de prata

Com um grande crucifixo.

Vinhas toda a condizer.

Que chique, vejam só...

Que chique!

Que chique!

Uma caneta tecnológica para fumar...

Isto é para rir!

Ó sociedade estupidamente tecnológica,

Isto é de rir!

Isto é de rir!

Andam até com baterias e tudo atrás

Para fumar?!

Já fumar,

É um ato,

Por si só,

Estupidamente estúpido...

Quanto mais fumar tecnologicamente...

Mas acham a caneta, o quê? Chique?

Todo o povo burro e estúpido

Caiu na armadilha tecnológica.

Os cigarros tecnológicos

Foram uma verdadeira armadilha tecnológica.

Disseram-vos, que fazia menos mal...

E vocês acreditaram?

Mas disseram-vos, quem?

As empresas dos cigarros tecnológicos,

A indústria dos cigarros tecnológicos,

Uma merda de um estudo financiado

Por uma empresa de cigarros tecnológicos

Ou a merda de um estudo financiado

Pela empresa de cigarros tecnológicos?

Não sabem o que é “a indústria” dos cigarros?

Acham que “a indústria” é o quê?

É uma fábrica com estúpidas chaminés que deitam fumo?

Estúpidas chaminés são vocês!

Quando se diz,

“A indústria dos cigarros”

Diz-se, o mercado todo.

São todas as empresas,

Que investem na economia dos vossos pulmões.

Porque é preciso muito fôlego...

Para tolerar a toxicidade desta indústria!

Desta merda de indústria

Que não há meio de desaparecer,

Porque vocês gostam de ser estúpidas chaminés.

A culpa é vossa!

Não é do mercado!

O mercado só vos vê estúpidos.

Porque vocês são mesmo estúpidos!

Não sabem que fumar faz mal?

Dá prazer?

Sabe bem?

Vocês sabem a cinzeiros.

Os vossos beijos parecem cinzeiros.

A vossa boca suja é nojenta!

Os vossos pulmões estão um nojo!

Vocês parece que perderam o fôlego da vida.

Vocês a fumarem

Parece que estão agarrados a uma máquina...

E estão mesmo!

Estão agarrados a uma máquina

Que faz dinheiro com os vossos cérebros.

Com a vossa mente.

Porque é tudo uma questão cerebral.

É tudo um problema mental.

Vocês têm um problema mental.

São doentes mentais.

Só podem ser doentes mentais,

Para estarem agarrados a essa droga!

Os cigarros são uma droga!

Larguem a droga, ó drogados!

Larguem os cigarros!

Partam os cigarros,

De uma vez por todas!

Partam!

Partam os cigarros!

Larguem essa merda!

Porque isso é merda para os vossos pulmões!

Os cigarros são radioativos!

Vocês gostam de ser radioativos?

Acham que já não há tecnologia bastante

Para vos dar um cancro?

É Wi-Fi por todo o lado...

Não há fio, mas há radiação.

Os fios são invisíveis.

A radiação é invisível.

O cancro é invisível.

Liguem isto.

Esta é que devia ser a vossa Internet das Coisas.

E vocês ó estúpidas mães,

Porque não se ligam aos vossos filhos?

Não é com cigarros nem com tablets

Que se vão ligar a eles!

Liguem-se a eles.

Desliguem-se dos cigarros.

Desliguem-se dessas porcarias de canetas.

Agora está na moda ser drogado tecnológico?

Trazem o vosso filho na barriga,

Têm os olhos no telefone

E a boca na caneta tecnológica?

Olhem para o vosso marido!

Olhem onde ele está?

Está no Grindr.

Mesmo à vossa frente.

Ele está no Grindr.

E a culpa é do mercado?

Não é!

É vossa!

Que parecem estúpidas chaminés!

Se não fumassem essas estúpidas canetas,

O vosso marido não ia para o Grindr!

Não conseguem ver a ligação disto?

Mas já se querem pôr a fazer outras ligações?

Querem ligar a piscina ao vosso telefone?

Querem ver os vossos filhos

A nadarem numa piscina tecnológica?

Uma piscina tecnológica cheia de radiação?

Podem controlar a temperatura da água da piscina

Através do telefone?

Uau...

Que chique!

Que chique que é ser-se estúpido

E não se ver a ciência,

Nem a física,

Nem a energia,

Nem a química,

Nem perceber nada de nada...

Que chique!

Já não basta a água radioativa desse vosso novo útero tecnológico que ofereceram ao vosso filho e a seguir ainda vão construir uma piscina tecnológica cheia de radiação para verem os mergulhos super tecnológicos dos vossos filhos?

E acham o quê? Que no meio de toda a tecnologia os vossos filhos vão ser filhos smart? Como as vossas piscinas smart? Se os vossos filhos forem smart, agradeçam ao fumo smart que sai desses vossos cigarros smart vendidos pelas empresas smart que sabem que os vossos cérebros são cérebros smart. É tudo smart, agora. Que chique...! Que chique que é ter-se cérebros smart que se ligam *smartamente* a coisas smart. Vejo os vossos cérebros smart ligados a tantas coisas smart... Que cérebros tão smarts...

Que chique!

Que chique, que é,

Agora ser-se estúpido!

Olhem todos para ela.

Filmem!

Filmem!

Filmem a estupidez dela!

Traz uma barriga daquelas,

E mete-se a fumar?

A fumar com uma barriga de bebé daquelas?

Levei uma placagem do teu marido,

Como se, ainda,

Estivesse com ele no jogo de rugby,

Só porque disse

Que eras uma mãe muito estúpida?

Só porque disse

Que deviam de ter vergonha

De ostentar a Cruz de Cristo?

Sabes porque é que

O teu marido me deu uma placagem?

Porque ele quis enrabar-me nos balneários,

Depois do jogo de rugby...

Mas eu fiz-lhe um piretel!

Sabias que o teu marido anda a enviar *nudes* no Grindr?

A Cruz de Cristo,

Que é o Amor por Cristo,

Diz que a vida humana é inviolável.

Não vês que estás a violar a vida humana

Quando fumas com uma barriga de bebé?

Não sabes

Que estás a atentar,

Contra a vida do teu próprio filho?

Não sabes

Que o fumo passa para o teu bebé?

Não sabes

Que os cigarros

Têm mais do que 4500 substâncias tóxicas?

Não sabes

Que os cigarros são radioativos?

Não sabes

Que o teu filho está a formar-se dentro de ti?

Não sabes

Que tens o dever de proteger a vida do teu filho?

Tens uma vida dentro de ti,

Tens o dever de carregar como deve de ser essa vida!

Tens o dever. Não tens escolha. Fizeste nascer, convidaste para o mundo, chamaste para o nosso mundo de Direitos, intrigas e fantasias, fizeste nascer uma vida humana, agora tens o dever de protegê-la, de carregá-la contigo. És responsável por ela. Deves pagar pelos danos que causares a ela.

Vais ter que pagar pelos danos.

Ou achas que a fumares

Que nem uma estúpida chaminé

Não lhe vais causar danos?

Não tens um cérebro

Para veres como podes causar danos cerebrais?

O quê?

Mas tu achas que tens o poder

Sobre a vida do teu filho?

Não tens!

Achas que mandas no cérebro dele

E por isso,

Não faz mal

Causares danos ao cérebro dele,

Porque achas que o cérebro dele te pertence?

O cérebro dele não te pertence!

Olhas para o cérebro dele

Como se fosse um objeto...?

Só pode!

Porque se olhasses para o cérebro dele

Como o mais sagrado que há,

Tu não te punhas a sacar

Essa tua caneta tecnológica

Que faz um fumo “chiquíssimo”!...

Nem sabes ser chique!

Se fosses chique,

Sabias,

Sem saber,
E verias,
Sem ver,
O que era sagrado.

Chique,
É ver o cérebro como sagrado.
É saber que o cérebro é sagrado.
Chique é não fazer nada
Que possa causar danos cerebrais ao nosso cérebro
E ao cérebro que mais amamos.

E não é a nadares nessa tua piscina tecnológica
Que o teu marido te deu para te entreter
Enquanto ele anda noutras piscinas,
Cheias de orgias e testosterona.

Se tivesses cérebro
Conseguias ver isto

E não terias exibido a tua estupidez

Na praia da Cordoama.

E não devia ser o cérebro do teu filho

Que tu mais devias amar,

Ó estúpida mãe que fumas que nem uma chaminé?

Como é que não vês a vida do teu filho

Como o mais sagrado que há?

Perdeste a noção do que é sagrado?

Como é que não sentes a tecnologia do teu filho?

Já que para ti o teu filho é uma tecnologia,

Como é que não sentes a tecnologia dele?

A tecnologia dele implora para que deixes de fumar.

A tecnologia do teu filho

É tão forte,

Que mesmo estando ele na tua barriga

Ele está a implorar

Para que deixes de fazer figuras tristes

Na praia da Cordoama.

Não o ouves?

Se tirares esse auricular smart, sem fio, que tens posto no teu ouvido smart a emitir constantes ondas eletromagnéticas ao teu cérebro smart, talvez consigas ouvir o teu filho dentro de ti a implorar para que pares de fumar e talvez consigas ouvir o som das mensagens do Grindr que o teu marido está a receber.

Achas que ele é um objeto nas tuas mãos

Como és na do teu marido?

Por isso,

É que o teu marido me quis enrabar!

Porque te vê como um objeto.

Porque te vê como uma mera depositária de sémen.

Porque a fumares dessa maneira,

É mesmo o que pareces!

Não pareces uma mãe!

Nem o teu marido parece um pai!

As mães a sério,

Não fumam quando estão de bebé!

E os maridos,

Não deixam as mães fumarem

Quando estão de bebé!

Aliás,

Param imediatamente os dois de fumar!

Não é só a mulher!

É o marido também que deixa de fumar!

Estamos numa Igualdade de Género!

Se a mulher deixa,

O marido também deixa,

É assim que os casais a sério fazem!

Não consegues deixar de fumar,

Mesmo estando de bebé?

Então,

É porque não és uma mãe a sério!

Se fosses,

Deixavas imediatamente de fumar!

Se amasses, verdadeiramente,
Deixavas imediatamente de fumar!

Se amasses,
Como a tua mãe te amou
E como deixou imediatamente de fumar,
Tu paravas imediatamente de fumar.

Nem todos sabemos amar
Como fomos amados.

Nem todos temos que ser pais e mães.

Não é suposto sermos todos pais e mães.

Se é para seres estúpida,
Mais vale não seres mãe.

Porque eu consigo à distância

Ver todo o teu filme tecnológico.

Consigno ver-te a passeares de carrinho de bebé em que tu vais enfiada no telefone e o teu bebé vai enfiado com os olhos no tablet que vai enfiado no suporte para tablets que o carrinho de bebé smart que tu compraste, compraste a achar chique.

Achar isto chique, é simplesmente surreal.

É deprimente!

É desumano!

Parece que te levaram o coração.

Pareces mesmo um robot sem coração.

Pareces um espírito que já morreu.

Se calhar,

Com todos os cigarros que já fumaste,

Já morreste.

Consigo ver-te a perderes a paciência com o teu bebé e só a não
estares arrependida por teres sido mãe, porque compraste um
tablet para entreteres o teu bebé.

O Direito Penal devia poder deixar-me chamar-te:
Criminosa.

Porque és uma mãe criminosa!

Consigo ver-te

Sempre

A comprares o amor.

Consigo ver-te

A ires todos os dias

Às compras com o amor.

Consigo ver-te

A teres que pôr o amor à venda,

Para conseguires comprar entretenimento.

Este entretenimento é deprimente.

É deprimente ver-te

A ti

Neste entretinimento.

Se ainda estás neste entretinimento,

Porque foste trazer um bebé?

Pensas que trazer um bebé

É como trazer uma coisa nova para casa?

Um bebé não é uma coisa nova!

É um ser humano!

Foste criar um ser humano para quê,

Se és uma estúpida mãe?

Não sabes que a fecundação

É o fenómeno mais mágico da vida?

Que é uma verdadeira magia!?

É uma verdadeira magia!

Não devias brincar com a magia!

E vocês que fumam,

Brinquem com a vossa mente.

Tornem a vossa mente mágica.

Descubram a magia que há na vossa mente.

Deixar de fumar é fácil! Tem que ser fácil! Só têm que dizer que conseguem! Porque vocês vão conseguir! Ou vocês são como a estúpida mãe da Praia da Cordoama que fuma uma caneta tecnológica com uma barriga de bebé? Não são!

Se é para seres estúpido,

Mais vale não seres pai!

Se é para seres estúpida,

Mais vale não seres mãe!

**** Não existe o “direito a ofender” só porque existe o “Direito em ficar ou ser ofendido”****

Se não consegues perceber que não existe o “direito a ofender”, só porque existe o Direito em ficar ou ser ofendido é porque és burro e não vale a pena falar contigo.

**** Não podes andar com colunas nem rádio no meio da rua****

Mas tu achas o quê? Que é liberdade de expressão podes andar na rua com colunas e rádio a dar a tua música no meio da rua?

Não é!

Se quiseres, expressa-te!

Mas expressa-te com a tua voz!

Não consegues ver que só estás a instalar um caos e uma confusão de direitos?

Não sabes que estás a provocar uma *battle* de sons?

Por acaso pediste licença ao Direito?

Inscreveste a tua banda mitra no Direito da Vida?

Já pensaste que eu posso não gostar da tua música e não tenho que ouvir a tua música?

Achas que eu que acho que tens que ouvir a minha música? A música é uma filosofia! Eu não tenho que

levar com a tua filosofia de vida! Não tenho que passar pelo teu gang que me quer assaltar ao som da tua música!

O Direito ao Bom Ambiente proíbe-te de pões a tua música a tocar num transporte público, num jardim, numa praia e na rua!

Tens que pensar que tudo aquilo que tu fazes os outros também podem querer fazer. Estás a ver o que é toda a gente a andar com colunas e rádios no meio da rua. E a passarem pela tua música a abafarem a tua música e tu a responderes com a tua música e às tantas acabar em pancadaria?

Em pancadaria por causa da música?

Não podes usar aparelhos tecnológicos na rua que interfiram na liberdade dos outros. Que interfiram na liberdade dos meus ouvidos. Como não podes violar a minha imagem com as câmaras do teu telefone, também não podes violar o minha mente com a merda da tua música. Com a merda do teu *hip hop*.

Vês o *hip pop* que há em mim?

Então escuta-o com atenção:

Não podes andar com colunas nem rádio no meio da rua, porque a rua é de todos. Se quiseres canta no meio da rua. Canta alto. Canta com o teu coração. Se quiseres dança no meio da rua. Dança de qualquer maneira. Dança com o teu espírito. És livre. Podes cantar, podes falar alto, podes berrar. Mas não ponhas o teu rádio a berrar. Usa a tecnologia que há em ti. Usa as tuas cordas vocais. As tuas cordas vocais são o único aparelho tecnológico que podes usar no meio da rua.

**** Sim, tu existes!****

Estamos *À Velocidade da Luz*,

Tens que estar preparado para apanhar um foguetão aqui para fora.

Mas tens que conseguir ver a viagem.

Tens que te lembrar da viagem.

Tens que saber que amanhã,
Quando morreres,
Vai ser possível ligar o teu cérebro a uma máquina.
E viveres uma verdadeira realidade virtual aumentada.
Com cheiro,
Sabor,
Tato,
Cor,
Tusa,
Dor,
Paixão...
Como se estivesses na vida real.

E tens que saber que uma economia quererá ver o teu
cérebro ligado a uma máquina a escrever o filme que
se passa na tua mente e a vender esse teu filme nas
salas de cinema doutro mundo paralelo.

Desse outro mundo paralelo donde descolaste de foguetão.

É importante saberes que uma optogenética poderá apagar das tuas memórias a viagem de foguetão e poderá assim teletransportar o teu cérebro para onde quiser.

É importante não perderes as tuas memórias.

É importante não guardares as memórias em nenhuma tecnologia,

Que não seja na própria tecnologia que é o teu cérebro!

Porque se comprares um implante ou descarregares as tuas memórias para uma pen, é importante saberes que as perdeste para um mercado que é detentor dessas tecnologias capazes de apagar, editar e transferir as tuas memórias e pensamentos com a lei da portabilidade dos dados.

Não te podes esquecer que estás a viver um mercado de dados.

Em 2018, soube do mercado de dados e num longo silêncio senti os fios invisíveis a prenderem-me ao foguetão que ia descolar daqui para fora.

E por não querer descolar daqui para fora, mesmo amarrado, completamente amarrado a esta nova tecnologia, comecei a escrever *À Velocidade da Luz* em novembro de 2019 até fevereiro de 2020.

Foi uma viagem alucinante.

E nessa viagem contei tudo o que pude sobre o mercado. É importante ter informação sobre o mercado. É importante estarmos informados sobre o mercado. Se nos vamos meter num foguetão, é importante sabermos que tecnologias há no foguetão. Se vamos apanhar um barco para a ilha da Armona, é importante vermos que tecnologias há no barco. Que câmaras há. Que microfones existem. Que emoções nos estão a ser roubadas. O que é que está a ser processado. É importante vermos este processo. É importante vermos este mercado. Porque este mercado de dados, está cheio de máquinas e algoritmos a desenvolverem-se sofisticadamente para se instalarem, para sempre, nas nossas mentes.

É importante saberes que o mercado já tem máquinas
destas capaz de se instalarem na tua mente.

É importante instalares na tua mente a *Paranóide
Tecnológica* de Federico Ferrari.

Não te podes esquecer que existes.

Não te podes esquecer que há milhões de olhos,
Ouidos e algoritmos instalados à tua volta.

Com a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari,

Sabes que existes.

Sabes que, pelo menos, os algoritmos querem ver e
ouvir de perto o teu espírito.

Mas para além de espírito, não te podes esquecer que
és feito de carne e osso que esconde e protege um
cérebro e um coração.

Pois é o teu coração e o teu cérebro que o mercado
quer.

O mercado vai manipular-te.

O mercado vai manipular toda a gente à tua volta.

É por isso, que todos à tua volta irão parecer robots. Já parecem robots. Vão parecer clones. Vão parecer fotocópias. Mas são humanos. São humanos manipulados. São humanos que um mercado inteligente tecnológico conseguiu manipular. Mas não te deixes manipular. A tua sobrevivência neste novo mercado de algoritmos, é os algoritmos saberem que estás lúcido e que vês toda a tecnologia que se instalou à tua volta e que sabes distinguir aquilo que é real daquilo que é virtual.

É importante saberes quando é que podes ser mais íntimo e espiritual.

Sê-lo longe de qualquer tecnologia.

Senão, já sabes que o teu espírito irá parar ao mercado de dados.

Irás parar ao Big Data!

Vai para uma praia deserta!

Ou para um cume de uma montanha!

É importante veres as praias e as montanhas como locais sagrados.

E não deixares serem sobrevoados por qualquer tecnologia.

Senão, já sabes que nem num verdadeiro local sagrado poderás ser espiritual.

E poderás perder a realidade.

Se perderes a tua espiritualidade, perderás a realidade.

É importante manteres-te ligado à realidade.

As praias são reais.

As montanhas são reais.

Há nuvens reais.

Mas também há nuvens tecnológicas! Há ondas reais.

Mas também há ondas programadas!

A onda é energia,

É só pôr uma máquina de ondas atrás,

E fazer ondas,

E fazer os olhos verem as ondas.

Talvez do cume de uma montanha,

Consigas ver bem como são as nuvens reais!

Talvez numa praia deserta ligado à tecnologia do vento,

Consigas ver o efeito que ele tem sobre as ondas.

Conseguires ver esta dinâmica só com os teus olhos,

Que são olhos tecnológicos,

É real.

Esta dinâmica é real.

Veres isto, faz existires.

Torna-te real!

E é importante saberes que existes.

Numa Era tão virtual,

E tão tecnológica,

É importante saberes que és real.

E que existes!

Porque todos te vão dizer que não existes e que estamos todos dentro de um supercomputador a viver uma experiência tecnológica. Toda a gente vai querer

ver-te no mesmo filme que eles estão a viver na mente deles.

Não entres no filme deles. Se vires que o filme deles está fora da tua realidade, não entres nos filmes deles.

Assusta-te com a virtualidade deles.

Olha para a tecnologia em que eles estão metidos.

Olha para o cérebro deles.

Vê como eles estão numa prisão tecnológica.

Vê!

Tens que ver!

Vê!

Vê, como é fantástica a tecnologia.

Vê, como é sofisticada a tecnologia.

Vê, do que é capaz a tecnologia fazer às mentes e aos cérebros humanos.

A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari permite-te ver todo o filme,

E sair do filme.

Vê o filme de fora.

Vê como fantástico é o filme.

Vê como fantástico é ver o filme de fora.

Vê como é fantástica a tecnologia.

Vê como eles veem vídeos.

E filmes tecnológicos,

Que dizem que os nossos cérebros estão todos ligados a máquinas,

Que imprimem exatamente o filme da nossa mente.

E vê como eles ficam agarrados a essa tecnologia.

E vê como eles ficam com o pensamento tecnológico viciado.

Vê-lhes o vício da virtualidade.

Escuta-lhes o vício do pensamento.

Só tens que te desligar desse pensamento. Por muito tecnológico que esse pensamento seja e por mais que estejamos numa Era muito tecnológica.

Até pode fazer sentido. Todas as viagens fazem sentido. Qualquer viagem que tomes com o teu pensamento fará sentido.

Mas não te podes esquecer que no meio de tantas e de todas as viagens, enquanto viajaste com o pensamento houve uma viagem que fizeste com o corpo. Há uma viagem que estás a fazer na vida real. Não te podes esquecer que estás a viajar. Que estás a viajar nesta Era. Que tiveste o privilégio de ver toda a tecnologia a montar-se.

Pode ser importante lembrares-te sempre que houve uma viagem. Que entraste num foguetão e que *À Velocidade da Luz* vieste hoje aqui parar.

Só tens que te lembrar da viagem.

Se te lembrares, saberás que existes.

Por mais tecnológicas que sejam as coisas,

Por mais virtuais que sejam as coisas,

Sim,

Tu existes!

**** Podemos parecer robots, mas não somos robots****

Há quem olhe para o corpo e fale do corpo como se fosse uma máquina.

O nosso corpo pode ser uma máquina!

Podemos dizer que o nosso corpo é uma máquina!

Que é a melhor máquina...

Mas nós não somos máquinas!

Somos humanos!

Há quem olhe para o sangue,

E fale do sangue como se fosse o óleo da máquina.

Que diga que sem óleo,

O nosso corpo não funciona.

Há quem diga que o coração,
É o motor do carro.
Há quem diga que somos carros.
Que fale dos humanos,
Como se fôssemos carros.
Como se fôssemos peças.

Os mecânicos e os ortopedistas falam assim de nós.
Pegam em martelos,
E querem dar-nos duas marteladas.
Querem se pôr a aparafusar tudo em nós,
O que tiver desaparefuso.

Para eles,
Os nutrientes são os aditivos do óleo que faz o motor
trabalhar.
Mas nós não temos motor.
Temos cérebro e coração.

Que há quem diga que o nosso cérebro pareça um
computador,

Há!

Os informáticos viram a sofisticada engenharia,

Que era o nosso cérebro.

Temos uma Inteligência Artificial,

Capaz de montar um cérebro igual ao nosso,

E ligar todas as ligações,

Que nosso cérebro faz.

Temos uma Inteligência Artificial,

Capaz de aprender a nossa atividade cerebral.

Temos uma Inteligência Artificial,

Capaz de fotografar o nosso cérebro.

E vender as radiografias,

Que tirou do nosso cérebro.

Temos uma Inteligência Artificial capaz de tudo.

Temos uma Inteligência Artificial,
Até capaz de transferir o cérebro humano
Para o corpo de um robot.
Mas nem nessa transferência seremos robots!

Poderemos parecer robots,
Mas não seremos nunca robots!

Podemos parecer robots,
Mas não somos robots!

****Há uma Inteligência Artificial e uma Internet
das Coisas que se quer ligar aos nossos cérebros****

Se eu já consigo produzir capacetes que colocados nas
cabeças humanas conseguem ler a atividade cerebral e
reproduzir tal e qual o desenho que a mente viu num

ecrã de uma máquina, porque não estás preocupado que uma Inteligência Artificial e uma Internet das Coisas se queira ligar aos nossos cérebros?

Tens que te preocupar com isto!

****Não conectes nenhuma Inteligência Artificial ao teu cérebro****

Não conectes nenhuma Inteligência Artificial ao teu cérebro.

Se o fizeres,

A Inteligência Artificial,

Como um verbo regular,

E num futuro imperfeito,

Predará todos os dados do teu cérebro.

Porque o verbo infinitivo da Inteligência artificial,

É o predar,

Dos dados cerebrais.

Se tens um cérebro,

Olha para o Direito.

Imita o Direito.

O Direito,

Inventou uma nova figura jurídica.

O Direito,

Inventou o Encarregado de Proteção de Dados.

Se tens um cérebro,

Veste a figura jurídica do Direito.

Sê o teu próprio Encarregado de Proteção dos teus dados cerebrais.

Não te conectes!

Demanda a Inteligência Artificial,

Que olha para o teu cérebro,

E só quer é predar os teus dados cerebrais.

Demanda-a!

Olha para o Direito!

Se a Inteligência Artificial,

Olha para o teu cérebro,

Tu olha para o Direito!

Porque o cérebro da Inteligência Artificial,
É o Direito.

Demanda a Inteligência Artificial.

Para a demandares,

Não te podes conectar.

Não conectes nenhuma Inteligência Artificial ao teu
cérebro.

Se te conectaste,

Sem leres a Política de Predação,

Suponho que possas desconectar.

Desconecta a Inteligência Artificial que quer estar
ligada ao teu cérebro.

Ela alimenta-se do teu cérebro.

Ela vê nutrientes no teu cérebro.

Os dados são os nutrientes do teu cérebro.

Ela alimenta-se disso.

Não a alimentos.

Deixa-a com fome.

Deixa-a com uma fome de dados.

Deixa-a morrer esfomeada.

Porque ela vai acabar por morrer esfomeada.

Se não conseguires desconectar a Inteligência Artificial do teu cérebro,

Chama o Direito!

O Direito percebe de Inteligência Artificial.

Porque o Direito,

Tirou um Curso de Inteligência Artificial e Direito.

Se não conseguires desconectar-te da Inteligência Artificial,

Chama a Psicologia!

A Psicologia percebe de Inteligência Artificial.

Porque a Psicologia,

Tirou um Curso de Inteligência Artificial e Psicologia.

Há uma Pós-graduação,

Para desligar a Inteligência Artificial.

Chama-se Direito e Psicologia.

****Nem penses sequer em suicidar-te****

Temos que saber ver a estupidez da mente.

Temos que saber ver as estupidezes da mente.

Temos que ver quão estúpida a mente consegue ser.

Porque a mente pode ser estúpida muitas vezes.

Qualquer pensamento suicida é a mente a ser estúpida.

Não é suposto suicidar-nos.

Não é suposto sermos infelizes.

Nascemos seres humanos,

Seres únicos,

Extraordinários,

Capazes de tudo.

É suposto querermos viver.

É suposto sermos felizes.

É suposto gostarmos de viver.

É suposto amarmos.

Nós não sabemos como é fabricado o pensamento humano.

Nós não sabemos de onde é que vem o pensamento humano.

Não sabemos se é o cérebro que o produz ou o impulsiona.

Não sabemos se é a mente que fabrica o pensamento humano.

Não sabemos como é que o pensamento humano aparece.

Não sabemos se é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom,

Que nos envia o pensamento.

Não sabemos definir o que é o pensamento.

Mas podemos tentar.

E talvez possamos definir o pensamento como uma eletricidade.

Talvez o pensamento seja uma corrente elétrica,

Que o nosso cérebro consegue medir a voltagem.

Talvez essa voltagem tenha uma matemática de letras.

E talvez o nosso cérebro consiga ler essa matemática.

Talvez o nosso cérebro seja só um eletricitista

Que faz as ligações,

Que monta o circuito.

Mas de onde é que vem a matemática?

Quem é que inscreveu a matemática que há no nosso cérebro?

Terá sido *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom?

De onde vêm os pensamentos que aparecem na nossa mente?

Têm que vir de algum lado!

Mas será que têm que vir mesmo de um lado?

Não podemos ser simplesmente seres criadores?

Talvez o pensamento seja mesmo fabricado pela nossa mente.

Talvez nós sejamos seres iluminados.

Que produzem luz.

Nós produzimos eletricidade.

Porque os nossos pensamentos são a nossa eletricidade.

É por isso, que o mercado os vê tão valiosos.

Os nossos pensamentos são muito valiosos.

Eles têm um valor.

Mas somos nós os donos dos nossos pensamentos.

Somos nós os legítimos proprietários dos nossos pensamentos.

Só nos os podemos vender.

Mas estamos numa Era tão tecnológica.

Já podemos transferir os pensamentos.

Já podemos fazer aquilo que o nosso cérebro faz: armazenar.

Com tecnologia, podemos armazenar os nossos pensamentos.

Podemos depositá-los numa pen.

Podemos andar agora com eles nas mãos.

Podemos imprimi-los sem qualquer impressora.

Porque ligados a uma máquina,

Podemos imprimir o nosso pensamento num ecrã.

Podemos ver projetados os nossos pensamentos

Em fantásticos hologramas.

Há uma energia em nós.

Os nossos pensamentos são elétricos.

Tudo o que é elétrico,

É energia.

Então, os nossos pensamentos são energia.

São a nossa energia.

A energia alimenta máquinas.

O nosso cérebro é uma máquina.

Os nossos pensamentos alimentam o nosso cérebro.

O nosso cérebro alimenta o nosso corpo.

O nosso corpo alimenta o nosso espírito.

Ou seja, os nossos pensamentos alimentam-nos a nós próprios.

O nosso cérebro existe por causa de nós.

O nosso cérebro produz para nós.

Tudo o que o nosso cérebro produz é nosso!

Nós somos os legítimos proprietários da nossa mente.

Todos os filmes que a mente nos revelar, revela-nos a nós.

E só nós podemos revelar.

A revelação é nossa!

Podemos revelar aquilo que nós quisermos.

Podemos esconder nas gavetas mais profundas do nosso cérebro,

Tudo aquilo que a mente produziu,

Mas para nós,

E que nós não queremos ver imprimido fora de nós.

Porque não queremos ficar fora de nós.

Porque não queremos perder o controlo daquilo que é nosso.

Daquilo que podemos governar.

Daquilo que podemos editar.

Quando eu formulo pensamentos, quando eu vejo pensamentos acabados de fazer pela minha mente e vejo o pensamento modificado e sugerido pelo cérebro, que lapida a bruteza da mente, eu posso escolher expressar o pensamento bruto da mente, o pensamento polido do cérebro ou nenhum dos pensamentos e inventar um outro pensamento com o meu cérebro.

Como a mente inventa pensamentos, também o cérebro pode inventar as expressões que quiser.

Não é a mente que manda no cérebro.

O cérebro pode ver e ouvir a mente.

O cérebro pode silenciosamente ficar a ouvir a mente,

Sem querer dizer nada.

Se o cérebro não quiser contar para fora,

O que está a acontecer na sua mente,

Nenhuma máquina pode revelar aquilo que o próprio cérebro
não quer revelar!

Aquilo que o cérebro vai revelando denuncia a sua inteligência.

Um cérebro inteligente não revela tudo;

Vai revelando.

Mesmo estando o cérebro colocado dentro de um corpo
amarrado num foguetão,

Que vai descolar para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi,

Na contagem decrescente pel'O *Deus Tecnológico* de Simão
Roncon-Oom,

Feita *À Velocidade da Luz*,

O cérebro não revela tudo;

Vai revelando.

Porque o próprio cérebro não sabe como é fabricado o
pensamento humano.

O cérebro não sabe de onde é que vem o pensamento humano.

Não sabe se é ele, próprio, que produz ou impulsiona o pensamento humano.

Não sabe se é a mente que fabrica o pensamento humano.

Não sabe como é que o pensamento humano aparece.

Não sabe se é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que lhe envia o pensamento.

Não sabe se os Demónios Tecnológicos e os Anjos Tecnológicos interferem às vezes com o envio d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.

O que o cérebro sabe,

É que o pensamento é elétrico

E viaja *À Velocidade da Luz*.

O que o cérebro sabe;

É que há 9 bilhões de cérebros,

Com pensamentos tecnológicos,

Que querem viajar *À Velocidade da Luz*.

FIM

GIL DE SALES GIOTTO

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Alterações

Nota de Editor

Em *A Sociedade tem Memória*, o texto original e que foi registado em 14 de fevereiro de 2020 era «(...)

Chamam “gorda” às gordinhas que um dia os vão empregar. Porque acham que chamar “gorda” a uma “gorda” no Algarve só porque são de Cascais ou do Porto ou de Guimarães não faz mal.» ***Se é para seres estúpida, mais vale não seres mãe*** foi criado em agosto de 2020.

Em ***Drogados***, o texto original e que foi registado em 14 de fevereiro de 2020 não foi escrito em poesia, mas sim em narrativa. Danna Krupka, uma poetisa e médica portuguesa com já dois poemas publicados na altura “pela mão” da Faculdade de Medicina da Universidade Nova de Lisboa, viu ao mesmo tempo que o editor, num momento privilegiado e íntimo de sagrada amizade com o editor, o potencial da narrativa ser transformada em poesia, ainda a tempo de ser mandada imprimir a primeira edição. Assim, surgiu e mandou-se imprimir a ideia em poema. Tal veio influenciar a alteração de outras narrativas do livro para poesia que se perde memória de edição, só conseguindo-se recuperar com a consulta do texto original que foi registado.

Houve importantes alterações em 15-16/12/2020 tendo nascido ***O Direito do Algoritmo*** e ***Não sabem usar a Tecnologia XIX*** em 16/12/2020.

Num honrado e merecedor agradecimento, imprimem-se aqui dignamente os dois poemas que foram publicados por Danna Krupka, a maior poetisa por quem o espírito do autor alguma vez conheceu e se interessou.

Falam de Guerra

«Falam de guerra.

De um inimigo invisível.

Invisível é a guerra atrás dessas paredes,

Que se torna casa, mas nunca o vosso lar.

Casas, resumidas a paredes

Sem ninguém a retornar.

Falam de guerra.

Uma guerra sem soldados.

Uma guerra sem armas para lutar

Ou bandeiras brancas a levantar.

Pediriam um cessar fogo imediato,

Mas não há quem ouça o pedir.

Falam de guerra.

Somente as lágrimas que a fazem assemelhar.

Somente as vidas que se cruzam e deixam de cruzar.

Somente os pais que não vão voltar.

Somente filhos sem regressar.

Falam de guerra,

Mas estão num hospital.

Falam de heróis.

Assim o são.

Mas não o são.

São mais! Maiores!

Mais fortes por serem frágeis como são.

Não têm capa ou poderes sobrenaturais.

Refugiam-se em equipamentos de proteção

E não pedem por muito mais.

Falam de guerra.

De um inimigo invisível.

Invisíveis sois vós.

Não pedem por um pódio ou recompensa.

São um conjunto de profissionais.

Um nome comum sem nome.

Mas com tantos nomes,

Com tantas partes individuais e histórias pessoais.

Não há guerra para travar

Ou inimigo a quem se vergar.

Não são heróis.

São mais.

São vocês.

São um todo.

São humanos que defendem o mundo

Como se fossem imortais.

São quem abdica do seu lar

E quem rejeita recuar.

São quem mais tem a reclamar

Mas só devem querer é descansar.

São Esperança.

São Futuro.

São a Vida, em fuga para outro mar.»

Danna Krupka

31.03.2020

**Publicado pela Associação Nacional de Estudantes de
Medicina e Universidade Nova de Lisboa**

O Amanhã não existe

«O Amanhã não existe,
Porque ainda não o foi.
Com ele, não existimos nós
Naquela esperança ingénua de lá estar.
Estamos no Agora,
E no Passado do ainda agora, que passou.
O Amanhã é a vontade
De, no outro, dia renascer.

E assim, vemo-nos presos no Presente.
Sem esperança. Sem futuro.
Um Presente agónico ou risonho.
Injusto ou, para alguns, afortunado.
Um que persiste na insegurança,
Na oscilação do seu humor.
Ora nos apodera, ora nos rebaixa.
Vinca a fragilidade que nos fornece
Enquanto encoraja a não ceder.
Então, perdemo-nos no medo incerto

Que paralisa. Ensurdece.

Sacode a débil cria do Passado,

Perdida, entre o Ontem e o Amanhã.

Por isso, temos esperança no inexistente.

Aquele que, um dia, poderá não vir.

Aquele que se torna o único presente.

Aí, vem a certeza do segundo e dos minutos a seguir,

Do Amanhã e do Depois.

Vêm os planos e os sonhos.

Vem a ânsia de criança de crescer,

Perdida algures ao amanhecer.

Vem a magia infinita e imortal,

A serena paz de existir.

Apaga-se a dor e a saudade

Na esperança de mudar, voltar ou conseguir.

Então, erramos. Adormecemos.

Cometemos a mesma falha incessante,

Dormentes pelo que não há.

Confiamos no jamais assegurado
Esquecendo o ritmo fugidio do arcabouço,
Dominado pela ilusão devassa do Amanhã.
Acordamos assombrados.
Destruídos pela mágoa que criámos,
Pela triste sina que moldámos
Ou que a nós se adaptou.
Descobrimos os planos inacabados,
Os beijos enamorados mitigados,
As palavras que não chegam
Ao Ser que a Deus se entregou
Ou que Ele mesmo nos tirou.

Assim, abismados pela nova realidade,
Prosseguimos. Adaptamos o que esperamos.
Fazemos o luto pelo inanimado,
Lamentamos o Ontem que não foi
E o Amanhã que não será.
Aprendemos a estar alerta.
A confiar somente no Passado

E no Presente que está a anoitecer.

Seguimos entristecidos, pela vã lembrança

Da esperança que passou.

De novo, esquecemos e sucumbimos

À fantasia do que poderá nascer.

Somente assim retomamos

O sorriso ausente ou a chama de permanecer.

Apenas dessa forma existimos.

E, assim continuamos.

Presos, ao ciclo irremediável do que está por vir

E nunca chegará.

À perda e ao ganho encarrilhados,

Entrelaçados na vontade de ter esperança

Ao amanhecer.»

Danna Krupka

15.05.2020

Concurso de Escrita da Universidade Nova de Lisboa

Nesse mesmo dia, em que o editor esteve em casa da médica poetisa Danna Krupka a transcrever os seus poemas, na passagem do dia 2 para 3 de outubro de 2020, o editor “pegou” na página 6 dos vistos do seu passaporte e mostrou-lhe o que tinha escrito por entre os 3 carimbos que marcaram a entrada pela Golela e a saída no mesmo dia, no dia 13 de setembro de 2016, pela Lavumisa e a partida de Durban do aeroporto King Shaka no dia 23 de setembro de 2016 num voo de regresso a Lisboa. Golela é uma porta de entrada de África do Sul para a Suazilândia e a Lavumisa é uma porta de saída da Suazilândia para Moçambique. A Lavumisa em 2016 era uma fronteira mais fácil para os portugueses entrarem em Moçambique, em que o editor, por causa da sua nacionalidade portuguesa, ao invés de entrar diretamente em Moçambique pela estrada que liga África do Sul a Moçambique, teve de ir dar a volta de carro pela Suazilândia para poder entrar politicamente “mais em paz” em Moçambique.

Por entre os 3 carimbos, o editor mostrou à médica poetisa o poema que tinha escrito no seu passaporte:

«Tens uma voz

Usa-a

Não deixes que agarrem nela e distorçam-na

A voz é tua

Leva-a a quem queres levar

Leva-a onde a queres levar

Não deixes que seja o vento tecnológico a decidir o
carimbo

O target

O trajeto

Da tua voz

Tu decides

Ela é tua

A força é tua

Apodera-te dela

Não deixes que se apoderem dela

Não deixes nem que se apoderem

Nem que a enfraqueçam

É a tua propriedade

Dá propriedade à tua voz

É à tua força

Apropria-te dela»

Em resposta, Danna Krupa foi buscar a fita de finalista que o editor lhe tinha escrito.

Com a sua permissão e com o seu coração, o editor pediu à poetisa para transcrever para aqui uma parte daquilo que lhe tinha escrito pela forte ligação que viu em toda esta poesia de guerra e de vida de política e de poesia:

«Escrevo-te esta fita ao nascer do sol e na ponta das pontas de Portugal onde se iniciaram as grandes viagens. Acredito muito nas viagens e sei que também acreditas. Acredito que a tua Medicina seja o passaporte de todas as viagens. (...) Temos um passaporte, Danna. Agora podemos ir para onde quisermos. (...) Se é para salvar vidas, que vamos salvar vidas. Podemos salvar vidas de mil e uma maneiras. Podemos salvar vidas com o coração. Só com o coração. Só com a nossa voz. (...)»

Agradecimentos

Jupiter Editions

Konica Minolta